

—Como vê, disse elle com firmeza, não receberei o sr. Humbert; procedo como quero e não como quer v. ex.^a

O sr. Humbert commetteu uma imprudencia em Paris, fallando-lhe da visita que me fez, e v. ex.^a tinha já practicado uma tolice em Toulouse, dizendo-lhe que me conhecia; está nisto toda a explicação das minhas confidencias para a provincia a seu respeito. Entenda-se, pois, com os que têm a culpa de tudo isto. Pela minha parte ha de v. ex.^a permittir-me que não leve mais longe o cuidado dos seus interesses, pondo aqui ponto final a todo este negocio.

—Tome cuidado, senhor! bradou Paulo Didier, cujos olhos faiscaram.

—Tome cuidado v. ex.^a, disse friamente o doutor, notando uma alteração na voz e uma congestão na face do seu interlocutor.

Mas estes symptomas ameaçadores dissiparam-se logo. Paulo acalmou-se e a expressão de cólera que se lhe divisava no rosto transformou-se na de uma dôr profunda: dos olhos escorregaram-lhe duas lagrimas.

—Perdoe-me, meu caro doutor, disse elle, e tenha dó de mim. Salve-me, por quem é! Se soubesse o quanto eu a amo! Com que alma, com que concentração, com que sonhos, com que loucura! Ha dois annos... tinha ella então dezaseis, vi-a atravessando a rua, com um ramo de flores nas mãos, risonha, fresca, adoravel de ingenuidade e de belleza. Eu não a conhecia, mas não resisti á tentação de me aproximar d'ella e de a contemplar sem lhe dizer uma palavra. Ella pensou que lhe pedia flores e offereceu-me um ramilhete com uns ares tão graciosos, tão bonitos! E foi-se, levando-me o coração.

Um amigo apresentou-me em casa do pae. Eu era orphão, tinha quinze mil francos de renda e esperanças d'uma boa herança em Castel-Sarrazin d'uma

tia velha. Pedi por isso immediatamente Helena em casamento. O sr. Humbert desculpou-se com a pouca idade de sua filha e com o desejo de a dar a um homem que não fosse um ocioso.

Até então eu tinha sido um ocioso incorrigivel; mas desde esse momento senti-me possuido do amor do trabalho. Lançei-me a estudar. O livro de Faurel = *Crusada contra os Albigenses* = foi o primeiro que me veio ás mãos. Que revelação!

Desde creança que eu era ardentemente religioso, até ao ponto, meu caro doutor, de me sentir ás vezes envolvido em chammas celestes, d'um vermelho vivissimo em que dançavam a Virgem e os santos. O espirito dos *catharos* infundiu-me um tal enthusiasmo e umas exaltações tão superiores, que eu tornei-me albigense. Sentia-me predestinado para resuscitar o catharismo, esta maravilhosa fé oriental depurada pela belleza do duplo principio manicheo e pela alta metaphysica gnostica! Ia mudar a face do mundo com uma palavra! Por muito tempo não sahi da bibliotheca de Toulouse; depois vim para Pariz procurar documentos que alli me faltavam.

Aqui esperava-me a verdadeira religião. Encontrei na bibliotheca nacional um spiritista, cujo spiritismo, que me revelou, me transportou logo como me tinha transportado o catharismo, ou, por outra, elle foi para mim o unico, o verdadeiro catharismo. Eu sentia a cabeça em fogo; sentia-me entrar em pleno ceu, e, para salvar a terra, deixei cair dos labios uma simples palavra—as palavras nisto valem sempre mais do que as cousas — o nome da minha religião: *Catharo spiritismo!* O segundo nome de Helena é Catharina; note isto: *Catharina, Catharo, Cathara!*

Paulo Didier, durante esta divagação, apresentava a nobre attitude classica de um propheta.

(Continúa).

O PENITENTE DE CANOSSA

De H. Heine

No pateo do castello de Canossa
Destaca em pé, na velha cantaria,
Descalço e qual obscuro penitente,
O imperador Henrique;—a noite é fria.

Mais em cima apparecem á janella
Dois vultos, e o luar bate de chapa
Da marqueira Mathilde sôbre o collo,
Na fronte calva de Gregorio, o papa.

E Henrique, abrindo os labios descorados,
Murmura *Pater Noster*, como um crente;
No emtanto, no mais fundo de seu peito
Diz e ruge-lhe a cólera na mente:

«Muito longe d'aqui, na minha patria,
Ha montes, cujo cimo é levantado,
E nas suas entranhas cresce o ferro
De que se forja o rigido machado.

«Muito longe d'aqui, na minha patria,
Florestas de carvalhos têm brotado,
E do tronco nodoso do mais bello
Se talhará o cabo do machado.

«Minha patria fiel, minha Allemanha,
Tambem no seio teu será gerado
O que me ha de vingar da hydra de Roma
E que a ha de abater com o machado!»

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

PUBLICAÇÕES

AS PENINSULARES — *Collecção de obras poeticas de J. Simões Dias—nova edição, tomo 1.º e 2.º*

É preciso coragem no editor que se resolve a dar a lume um volume de versos, no estado de somnolencia geral do nosso publico, mas é quasi heroismo editar uma collecção de obras poeticas em dois volumes. E' um verdadeiro milagre de dedicação pela arte, e que só se comprehende em Vizeu, patria de Viriato. Antes por isso de passarmos a fallar da obra, precisamos de consignar aqui a nossa admiração e os nossos emboras ao corajoso editor o sr. José Maria de Almeida, por se ter abalancado a uma empresa, que, quando não demonstre grande tino commercial da parte de sua senhoria, revela com certeza uma intelligente dedicação pelas boas letras.

As *Peninsulares* são com effeito uma excellente collecção de lyricas e de poematos moralissimos. O sr. Simões Dias tem em todos os seus versos a correcção litteraria e academica dos mestres da arte. Chega até ás vezes a ser monotono pela irreprehensibilidade da fórma. Vê-se que é um escriptor conhecedor das letras e da lingua do seu paiz, um escriptor conscencioso e erudito, cheio da suave inspiração amorosa e lyrica, que foi o encanto da escola romantica, á qual o sr. Simões Dias pertence por todas as fibras da sua bella alma de poeta. E' por isso que o sr. Simões Dias não é um romantico de convenção, um romantico de programma. A sua indole concentrada e affectuosa, a delicadeza feminina dos seus instinctos e as influencias da sua educação litteraria, fizeram d'elle um romantico e não podiam fazer mais nada, mas um romantico convicto, sympathico, verdadeiro, não um romantico delambido e falso, como nós ainda por cá temos muitos, e que são romanticos até que sejam amanuenses ou galopins eleitoraes, onde crystalisam em patifes: uma raça damninha de litteratos imbecis, especie de cães vadios da imprensa, onde produzem toda a casta de sandices, quando não forjam toda a casta de calumnias por um bilhete da geral ou mesmo por um café.

Nos dois bellos volumes do sr. Simões Dias encontram-se algumas composições modeladas pelas inspirações da nova escola. E' nellas, porém, que se revela a indole essencial e invencivelmente lyrica do auctor, que se sente como *depaysé* naquelle genero. Não lhe está no espirito nem na educação, e a sua individualidade acha-se sufficientemente educada e affirmada para poder prestar-se sem esforço a generos que se não coadunam com a sua espontaneidade de escriptor sincero.

Levariamos gostosamente esta rapida noticia mais longe, se podessemos dispor de mais espaço; limitamo-nos, por isso, a annunciar estes dois volumes de versos como uma obra de subido valor litterario, cheia de talento e de inspiração poetica.

—COSTUMES MADRILENOS—NOTAS D'UM VIAJAN-

TE, por Magalhães Lima—Os livros sobre a Hespanha têm em Portugal o merecimento, quando mais não seja, da curiosidade. Conhecemos com effeito melhor a China e o Japão do que a Hespanha. Esta ignorancia, porém, das cousas e dos homens d'uma nação, nossa mais proxima vizinha, parecendo á primeira vista paradoxal, é perfectamente explicavel pela logica das condições historicas dos dois povos. Primeiro vieram separar-nos pelo odio as lutas para a affirmação da nossa nacionalidade; depois pela emulação a nossa preponderancia nas descobertas geographicas e nas conquistas maritimas; mais tarde, pelo fanatismo da independencia, a expulsão dos Filippes, e modernamente emfim a influencia exclusiva do espirito francez, que nós obliterou os caracteres da nossa individualidade nacional, mas que teve a enorme vantagem de nos adaptar a um certo empirismo constitucional com que temos lucrado, pelo mesmo materialmente. O nosso afastamento da Hespanha tem sido por isso completo, e nem é de estranhar em virtude de taes circumstancias. E' preciso, porém, concordar, que, dadas outras circumstancias historicas, ambos os paizes teriam ganho pela aproximação e mesmo pela fusão numa só nacionalidade. E' com effeito facil de imaginar o que seria hoje a Iberia, se a Hespanha se não tivesse deixado absorver pelo despotismo clerical, ella, a precursora do grande movimento intellectual da renascença, pelos trabalhos philosophicos e scientificos da escola arabe, e pela prodigiosa originalidade dos seus poetas e dos seus artistas.

Um dos maiores crimes do catholicismo é a aniquilação intellectual da Hespanha, no momento preciso em que ella se apresentava á frente do movimento scientifico e litterario da raça latina. Nenhuma nação foi mais profundamente influenciada pelo elemento arabe no momento do seu maior vigor intellectual, e sabe-se que é aos arabes que a Europa deve a resurreição do mundo grego, e por isso a renascença, e por isso a sciencia, e por isso a civilização, e por isso o mundo moderno.... E' um livro por fazer—*A Hespanha Apocrypha*.

O sr. Magalhães Lima dá-nos a Hespanha actual, com os seus cafés, os seus theatros, as suas revoluções, a sua politica e as suas mulheres. E' um livro ao correr de penna e das impressões, sobre o joelho, numa carteira, em *notas de viajante*. Tem esta sciencia facil e agradavel da conversação numa carroagem de 1.ª classe, para matar as horas de viagem, com observações picantes entre duas fumaradas de charuto, com ditos agradaveis e despretenciosos d'um homem que sabe viajar e que sabe conversar. A's vezes, porém, o sr. Magalhães Lima quer dar-se uns ares marialvas de *poseur* do Chiado ou de *habitué* da Havaneza, e cae no recoço lisbonense d'alto *dandy* hypothetico. Eu tenho o fraco de detestar o genero, como detesto tudo o que é falso, convencional e pe-

chisbeque. Nem mesmo o perdou-o ao sr. Ramalho Ortigão, que, como *poseur* litterario, é ainda assim um dos mais supportaveis.

Esta corrente de *dandysmo* está influenciando a nossa litteratura, e o sr. Magalhães Lima deixou-se levar na corrente. Ha de abandonal-a quando o seu bom senso e a sua boa intelligencia lhe mostrarem que um escriptor consciencioso deve ter aspirações superiores ás reputações ephemerhas dos *leões* da Havana.

CARTAS BIBLIOGRAPHICAS, por F. T.—O estudo dos productos do espirito humano, nas diversas épocas da sua evolução historica, adquire de dia para dia mais importancia, por se ter comprehendido que as idéas, como os factos que d'ellas derivam, têm as suas leis de desenvolvimento tão necessarias e fataes, como as que regulam os phenomenos cosmicos ou biologicos. A' grande luz da critica moderna não só surgiram mil sciencias novas, mas renqvaram-se todas as antigas sciencias pelos novos horisontes abertos á sua exploração e pela novidade dos seus pontos de vista.

Um ramo de conhecimentos humanos que tomou uma feição inteiramente diversa do que era antigamente, foi, por exemplo, o das sciencias historicas. Entre os processos positivos dos modernos historiadores e a antiga *maneira* artistica dos chronistas classicos, ha a differença que vae da chimica moderna á alchymia; esta queria que os factos se sujeitassem ás suas hypotheses, aquella tira da observação dos factos as leis que os regulam. Este ponto de vista critico penetrou, pela influencia dos progressos das sciencias physico-mathematicas, todos os conhecimentos humanos, e a historia não foi dos ultimos a acceitar o novo methodo.

A bibliographia, na sua plena accepção philosophica, é um ramo das sciencias historicas, que tem por objecto especial o conhecimento dos livros como uma das fórmas em que o pensamento humano se manifesta, e por isso investiga, analysa e classifica todos os factos e todas as circumstancias que produziram essa fórma ou que por qualquer modo influiram na sua producção.

Nenhum d'esses factos e d'essas circumstancias é insignificante, e acontece muitas vezes que os que mais o parecem são os que melhor explicam e definem o caracter da obra, a indole do auctor, a feição do meio social e da época em que os livros appareceram.

Archimedes descobriu num banho as leis da flutuação dos corpos; Kepler os principios fundamentaes da mecanica celeste procurando as virtudes occultas dos numeros; Newton a attracção universal pela queda d'uma maçã, segundo se diz, e se Galvani tivesse considerado como insignificante a contracção dos nervos cruaes d'uma rã morta, não tinha a gloria de ser descobridor dos principios fundamentaes da electricidade statica, e é provavel que este ramo da physica não estivesse hoje na altura em que se acha.

Num livro, e sobretudo num livro produzido em

épocas de intolerancia religiosa e philosophica, muitas vezes uma data, um erro, uma emenda, um defeito de execução typographica, uma rasura, a circumstancia aparentemente mais insignificante tem o alto valor d'uma explicação completa e de uma apreciação scientifica.

E' a intelligente comprehensão d'estas cousas que faz um bibliophilo ou bibliographo, que são para os bibliomaniacos o que a sciencia é para o charlatanismo, o que um jurisconsulto estudioso, erudito e talentoso, é para um rabula fallador e trapalhão.

Em Portugal abundam os rabulas e já não escaceiam os bibliomaniacos. Os primeiros dão á nossa politica a feição *chinfrim* que a distingue, e aos nossos tribunales judiciais o caracter argucioso, aristotelico e banalmente declamador e metaphysico que os denuncia ao terror dos sequiosos de justiça; e os segundos dão o traço grotesco e a linha comica aos nossos litteratos de velha erudição espectacular e ôca. Assim como o direito é um ramo da sociologia, assim a bibliographia é uma subdivisão especial das sciencias historicas, que são já uma divisão da sociologia. E assim como um grande numero dos nossos jesuitas fazem do direito uma sciencia independente de todas as outras sciencias, assim a maior parte dos nossos bibliographos tomam a bibliographia por bibliomania.

O auctor do livro que temos á vista, o sr. Annibal Fernandes Thomaz—e perdoe-nos o modesto escriptor a indiscreta revelação das iniciaes com que o firmou—tem pelos livros e pelas edições raras a intelligente affeição d'um verdadeiro bibliographo. Ha noticias curiosas nas suas *Cartas Bibliographicas*, que prestam um excellente subsidio á historia d'alguns dos nossos livros, cujas edições eram menos conhecidas ou estavam mesmo ignoradas. As *Cartas Bibliographicas* são um livro consciencioso e erudito.

Parece-nos, porém, que o auctor sacrificou um pouco á bibliomania, fazendo apenas uma tiragem de 100 exemplares, e dando-se o *tic* aristocratico de declarar que os não expõe á venda. Entendemos que as *Cartas Bibliographicas* não precisavam d'estes excitantes para serem apreciadas dos entendedores. Os seus merecimentos reaes dispensavam-n'as de taes arrebiques. Esta circumstancia, porém, que absolutamente é um defeito, tem para nós a vantagem de nos tornar duplamente gratos á offerta do livro e á delicadeza do seu auctor.

CARTILHA MATERNAL, por João de Deus—Falta-nos hoje espaço para fallarmos d'este importante trabalho do sr. João de Deus, o inspirado poeta quasi lendario entre os antigos e deliciosos typos da Bohemia academica.

Diremos no nosso proximo numero o que se nos offerecer sobre este livro, que nos parece notavel a muitos respeitos e de uma oportunidade perfeitamente justificada pela universal inercia da nossa instrucção primaria.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Março

1877

NUMERO 8

O ULTIMO RELATORIO DA COMMISSÃO GEODESICA

A sciencia portugueza permaneceu durante largos annos em inalteravel marasmo: causa profundo desgosto percorrer, ou mesmo relancear de longe, esse passado vergonhoso em que a vitalidade d'um povo inteiro jazeu em lethargia; na arte, na sciencia e nas letras só a espaços se divisa um ou outro pequeno vulto rachitico e enfezado; apenas sete ou oito nomes nos quasi tres largos seculos ultimamente decorridos conseguiram salvar as escuridões das sepulturas e chegar até nós.

Nada mais acabrunhante do que tal esterilidade só comparavel á das gandaras e charnecas, animadas de longe em longe tão sómente por modesto casal encimando um cómoru rude, por um grupo de arvores anemicas, á beira de charco sezonatico.

Nessa vastidão desconsoladora apenas avulta a universidade, arvore antiga sobre que applicando diversas enxertias e tratamentos procuraram alguns espiritos arrojados suscitar vigor maior, infundir nova seiva; porém a arvore, a taes carinhos e esforços, só respondia lançando rebentões de formosa, mas apparente virencia, que logo murchavam revelando a genial impotencia do espirito portuguez em tal epoca, contrario então, como agora é improprio ainda, á implantação franca das idéas lá fóra já enraizadas e robustas.

E, especializando agora um menos largo periodo, converse-se um pouco com alguns contemporaneos nossos sobre o estado da sciencia e do ensino ha trinta annos, e ouvir-se-ha um rosario de vergonhas, salvas rarissimas excepções, vergonhas taes que trazem á memoria as tradicionaes lendas dos bernardos.

Nos corpos docentes reinava a rotina mais absurda, no ensino não havia methodo nem disciplina; em tudo a incuria, o desleixo, a reacção organizada contra a minima innovação.

E não se julgue que tal estado nos primeiros decenniis d'este seculo se possa attribuir ás lutas politicas, porque as brigas de armas e paixões avassalavam tambem n'essa epoca as nações estrangeiras e lá, no meio dos combates e das asperas discussões dos partidos, no meio até das guerras de nação contra nação, as sciencias e letras libravam-se cheias de vida aos modernos campos d'acção.

Terminada que foi a principal contenda politica entre nós, fundaram-se novos estabelecimentos, modi-

ficaram-se ou alargaram-se os planos de outros, e decorridos alguns annos já nos espiritos se notavam tendencias mais rasgadas, esperanças mais ardentes.

Um dos meios seguros, a nossa ver, para justamente apreciar o nivel da civilização d'um povo, consiste em seguir os trabalhos dos primeiros estabelecimentos scientificos, onde os seus filhos mais cultos, gozando superiores recursos e vantagens, exercitam os ensinamentos obtidos nos cursos mais altos; ahi, n'esses trabalhos, se podem examinar bem as acções, e suas respectivas intensidades, d'estes dados differentes da intelligencia, vocação, educação e actividade; ahi se póde estudar, palpar, por assim dizer, até onde o espirito de individuos selectos é capaz de adoptar, executar, applicar, e melhorar mesmo, os principios que n'outros paizes têm produzido já conhecidos resultados.

Pela observação dos institutos de ensino superior, no actual modo de ser, é impossivel formar juizos exactos, por diversas razões: uma, talvez a mais importante, e crêmos infelizmente propria de portuguezes, é a falta de união, de mutuo e franco auxilio. Em geral póde afirmar-se que o professor distincto e estudioso, tendo por ideal unico a cultura da sciencia, encontra-se isolado, muitas vezes rodeado até, não de sinceras adhesões, mas de singulares contrariedades. O numero maior obtem os logares com o fim unico de se assugurar uma garantia de vida remediada, que para mais não chegam os proventos de taes lugares; e muitos d'estes os consideram apenas como degrãos para mais levantados e rendosos cargos. O estudar por estudar, por querer saber, simples, platonicamente, quasi se não topa em Portugal. Assim como o alumno procura apenas *passar*, e logo que isto consegue para sempre abandona estudos, assim tambem nos corpos cathedricos se encontram muitos individuos, que, alcançando a posição desejada, sem demora se lançam nas delicias do *far niente*.

A outros subjuga a tentação maxima do nosso paiz, fatal attracção, a politica, pobre arena infecunda que tudo esterilisa, abafando no seu abraço sufocante as mais audazes aspirações.

Entre nós, disse, e não se julgue haver na phrase laivos pessimistas; abundam ahi exemplos dos que n'ella foram extinguir as forças, em quanto que n'outras partes os espiritos, ou por natural condição d'elles ou da politica, nem se cançam nem se exau-

rem em tal luta, antes parece temperarem-se e reforçarem-se; recordem-se tão sómente os Gladstone, Disraeli, Castelar, Simon, Jacobi. Aham-se nas máximas trovoadas, frequentemente á testa das facções, e todavia nas horas de repouso, nas férias da luta, ás vezes na amargura do exílio, não esquecem as suas especiaes locubrações, e ás letras e sciencias demandam conselho e conforto, e novos meios de affirmar as suas originaes individualidades.

Aqui a politica e o desconforto esterilizam tudo. Como se trabalhará devéras, com afan e consciencia, se ao resultado colhido só responde a indiferença publica? Proventos não os espere ninguem; a consideração publica não acompanha jámais quem se entrega aqui a especulações scientificas; a imprensa contenta-se em registar em poucas linhas o trabalho improbo, a critica desconhece-o inteiramente. E comtudo, já que outro testemunho se não pode dar de attenção, cabe a esta um papel consideravel, pois anima, corrige e incita.

A commissão geodesica tem um lugar distincto entre os institutos scientificos portuguezes. Só no fim do passado seculo se começaram os trabalhos geodesicos entre nós; o muito celebre dr. Ciera os iniciou em 1790; continuaram enfezados por muitos annos, soffrendo varias interrupções; a custo acharam logar nas pobres memorias academicas d'aquella época. O resultado mais importante de tal empresa cifra-se na educação de alguns homens capazes de proseguirem tão levantados estudos e incapazes de olvidarem a firmeza scientifica do veneravel engenheiro, patriarcha e martyr da geodesia portugueza.

Em 1843 tiveram novo impulso e outro mais consideravel em 1852. A este instituto, no modo actual¹, pertencem trabalhos tão vastos como variados. A triangulação do paiz e o levantamento da sua carta é só por si tarefa mui pesada. O conhecimento dos portos e costas maritimas suppõe trabalhos difficeis e aturados. Não fallemos já dos trabalhos astronomicos e geologicos, enfeixados com tal ou qual violencia no mesmo instituto.

Muito ha que este estabelecimento possui um pessoal habilitadissimo, e uma dotação sufficiente se comparada fôr com outras averbadas a diversos institutos scientificos.

Pela natureza, pois, d'esta commissão, pela elevada cathogoria do seu pessoal, importa conhecer quaes os seus trabalhos, não para que se veja o emprego da dotação, mas para avaliar bem a intensidade e actividade que ahí se exercita.

Desde já é preciso declarar que os trabalhos da commissão geodesica são optimos, que no estrangeiro têm sido admirados, segundo por mais de uma vez temos lido e ouvido; todavia pela leitura do relatório ha pouco publicado² ficamos convencidos de que no

¹ O sr. Pery, no seu livro—*Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias*, a pag. 244, traz um optimo resumo da historia d'estes trabalhos.

² Direcção geral dos trabalhos geodesicos, topographicos, hydrographicos e geologicos do reino, Relatório de 30 de outubro de 1876, publicado nos *Diarios do Governo* de 15 e 16 de novembro.

seu regimen e organização ha vicios, muitos vicios, que urge sanar; e impossivel é que vicios tão singulares não influam nos seus trabalhos. Escrevendo, pois, estas linhas temos por fim, além dos motivos expostos, tornar mais saliente a urgencia de uma reforma e tambem romper o silencio, o terrivel silencio da indiferença, que até hoje tem rodeado esse importante documento.

Começa o sr. F. M. Pereira da Silva, director geral, por notar que os relatorios passados são meras synopses dos trabalhos feitos em cada anno; n'este vai seguir outro caminho e fallar tambem do estado da repartição, administração, etc. Para isto divide os trabalhos em seis classes: geodesicos, topographicos, hydrographicos, astronomicos, geologicos, artisticos e de administração.

Diz da carta chorographica: «Esta carta está dividida em 37 folhas rectangulares de oito decimetros de comprimento e cinco de largura, e cada uma d'estas folhas em cem rectangulos, que na escala 1:100000 abrangem cada um uma superficie de 4:000 hectares. «Dois terços da superficie total d'esta carta já se acham levantados, e podia estar agora muito proxima do seu termo se não fossem distrahidos alguns dos officiaes em outros serviços, a ponto de que presentemente só metade ou seis officiaes são os que «trabalham na chorographia, prolongando-se assim «um trabalho tão urgente e necessario para consultar «em muitos projectos de obras publicas e em outros «serviços.»

Mas em consequencia da difficuldade de levantar em tal escala a provincia do Minho, alteram-n'a para 1:50000, na qual já dez folhas estão levantadas, sendo depois no desenho reduzidas á escala 1:100000. De modo que as folhas não são gravadas como são levantadas, no que haveria muitas vantagens, e ao mesmo tempo está o estado maior levantando outras na escala 1:40000. O sr. director geral vê nisto um desperdicio, e com muita razão.

Mais e melhor se encontra logo no periodo seguinte: «Para evitar repetições de trabalhos identicos «levantados nas mesmas ou em diversas escalas pelos tres ministerios das obras publicas, guerra e marinha «muito convém estabelecer quanto antes os meios de «haver conhecimento reciproco dos referidos trabalhos «em cada um dos tres ministerios, etc.» Estas poucas linhas teem immensa significação, revelam mais um exemplo da caprichosa indole governativa em Portugal: o trabalho á tôa, o desperdicio, a falta de união e de relações, a carencia absoluta d'um plano, d'uma idéa determinada. Que havia mil e uma commissões phantasiosas era já conhecido: mas n'isto tambem, santo Deus! A tôa, a irregularidade, a des-harmonia até na geodesia!

Passemos á hydrographia. No quadro ha sete engenheiros hydrographos. Já é! Sete engenheiros para um litoral vasto, rasgado de portos, para as ilhas, para o ultramar.

Não temos espaço para agrupar citações. Se o leitor desejar ler uma curiosidade magna veja na 3.^a divisão (trabalhos hydrographicos) as obrigações dos

sete engenheiros, e logo abaixo as situações em que estão servindo. Ha engenheiros hydrographos nos observatorios astronomicos e meteorologicos, no ensino da escola naval, e addidos ao estado maior das divisões e esquadras! (Hyperbole mui curiosa).

De maneira que diz o sr. director geral: «Dos sete.... que formam actualmente este quadro, só um «capitão de fragata, está no caso de ser encarregado «de trabalhos hydrographicos fóra d'esta capital».

Mas é uma preciosidade esse capitão de fragata! uma verdadeira raridade! Dos outros seis dois estão no observatorio da Tapada, e quatro.... na direcção geral. Quatro na direcção geral e um só, o maravilhoso capitão de fragata, a trabalhar fóra da capital.

Provavelmente os quatro dirigem este. Note-se mais que este, unico e pyramidal engenheiro hydrographo, anda acompanhado por dois officiaes choro-graphos á falta de engenheiros hydrographos!

Não citaremos o que termina esta parte: é vergonhoso: os trabalhos feitos, como é facil de suppôr, são pouquissimos. Portugal com um littoral vastissimo, com muitos portos bons e alguns optimos, nação maritima, cujos rendimentos provêm em grande parte das alfandegas dos portos maritimos, não pode apresentar cartas perfeitas das suas angras e enseadas, fozes e estuários; ainda não conhece, nem de leve, as suas proprias costas! Carece de balizas, de pharoes, emfim de tudo que é indispensavel a indicar aos navios, apoz as longas rotas, os fundeadouros seguros, as entradas dos portos, os mouchões das barras, as praias limpas e as esparceladas!

Trabalhos geologicos. Basta dizer que o pessoal scientifico comprehende um chefe de secção e um adjuncto. Offerece certa curiosidade o facto de nos mencionarem n'esta secção varios trabalhos de archeologia prehistorica: não se vê bem, por exemplo, a razão de se empregar o desenhador em desenhos de archeologia. O sr. director queixa-se, pois, sem razão do pequeno pessoal e do acanhado subsidio; vê-se que ainda sobra tempo e dinheiro para cousas mui diversas da geologia; demais infere-se que os trabalhos geologicos estão concluidos; infelizmente estão apenas esboçados. Entre nós a geologia tem má sina, segundo a phrase do nosso primeiro geologo e chefe d'esta secção, o sr. Carlos Ribeiro.¹

Ainda visitámos nas salas superiores do convento de Jesus as vastas collecções da extincta commissão geologica: estão hoje na Polytechnica, e, a nosso ver, estão bem. Ahi se devem agora educar geologos, e trabalhar devéras.

Ha tanta razão para que a geologia esteja junta á geodesia, como a botanica ou a zoologia. Diz-se: o geologo precisa de cartas; precisa é verdade, assim como as precisa o engenheiro, o naturalista, etc.

Tratando dos trabalhos artisticos, em que se empregam 20 pessoas, relata o sr. director a seguinte curiosidade:—«Presentemente não ha sala adequada «para reunir os desenhadores que andam dispersos «pelos que estão applicadas a outros serviços, onde

«não encontram as condições necessarias para o de- «sempenho dos seus trabalhos.»

Escusado nos parece insistir em pontos analogos; a cada periodo se revela neste notavel relatorio a urgencia de reforma radical; o proprio director, para não dizer mais, se admira da morosidade na passagem dos trabalhos á gravura: «Confrontando portanto «os trabalhos de gravura executados no periodo de «sete annos (67 a 74)..... conclue-se que um grava- «dor durante aquelle longo prazo não chegou a gra- «var uma das referidas cartas..... não se pode admit- «tir esta morosidade na reproducção de alguns tra- «balhos, que devem publicar-se com a maior brevidade.»

Não podemos resistir, perdoe-nos o leitor estas minucias, á transcripção na integra de dois periodos mais. Trata-se da correspondencia e contabilidade: —«A correspondencia é toda feita pelo director geral «e pelos chefes de secção, que põem de parte para «este fim os seus trabalhos scientificos. Dos dois ama- «nuenses e um continuo, unicos empregados que for- «mam a secretaria, um d'aquelles passa a limpo as «minutas, tira copias e regista officios; outro está ser- «vindo no ministerio da guerra, e o continuo anda «quasi sempre por fóra em serviço da pagadoria. A «contabilidade está a cargo do fiel, que muito lhe custa «vencer este trabalho, que lhe não pertence.»

Como se vê, está este notavel relatorio repleto de curiosidades, e de forma alguma se pode taxar de pouco minucioso ou inexacto: o sr. director geral nem se esqueceu mesmo de mencionar entre os trabalhos da officina lythographica a estapagem de 566 sobrescriptos para officios e de 4:200 folhas para recibos.

Da curta exposição que fizemos resulta a illação seguinte: a commissão geodesica, para preencher o seu fim, carece de urgente reforma. Os seus trabalhos são morosos; o seu pessoal é pequeno, e parte d'elle distrahido por outras tarefas; não tem as indispensaveis commodidades de installação. Demais a sua esphera de acção deve limitar-se á geodesia, topographia e hydrographia de Portugal e suas possessões; e fica ainda com muito que fazer. Os trabalhos geologicos têm o seu lugar no museu nacional da E. Polytechnica; os astronomicos no observatorio da Tapada, que possui hoje recursos muito vastos: claro está que entre estes tres estabelecimentos devem existir sempre as mais intimas relações, a mais leal cooperação. Assim talvez se possam conseguir em breve resultados mais positivos. Trabalhar em geologia na com. geod. e na esc. polyt.; em astronomia em tres ou quatro estabelecimentos, quer-nos parecer deploravel systema, sem nenhuma vantagem real ou economica.

Concluiremos pedindo que no *Diario do Governo* appareçam com regularidade documentos analogos e igualmente sinceros dos outros estabelecimentos superiores; ahi têm o seu lugar apropriado, e o publico assim poderá formar idéas exactas sobre os progressos que annualmente se conseguirem.

¹ *Jornal das Sc. Mat. Phy. e Nat.* Agosto 1869, pag. 243.

PHOTOGRAPHIA

Tens no olhar, que me deslumbra,
A languidez das violetas,
Velada pela penumbra
Das longas pestanas pretas.

Toda a alma se me enreda
Nos caprichosos novellos
Dos fios dos teus cabellos,
Dos teus cabellos de seda.

Que macieira de cutis!...
E's como as camelias brancas:
Em teu rosto repercutes
A luz que aos astros arrancas.

Tens a elegancia do abeto,
E a tua face é tão doce,
Que teme a gente que a roce
Alguma aza de insecto.

Tens os dentes côr da neve,
Os labios finos e enxutos,
Um buço rosado e leve
Como a pennugem dos fructos.

Quando uma estranha influencia
Tua face torna rubra,
Ninguem ha que não descubra
Todo o aroma da innocencia.

Quanto em ti vejo me espanta,
Quanto em ti vejo me cega,
No modelo da garganta
Imitas a estatua grega.

No gesto com que me encaras
Tu tens o porte que eleva,
E o rir que arregaça a treva
E me torna as noites claras.

Tua mão é tão pequena,
E' miniatura tão rica,
O' pomba, que até faz pena
Quando a involves na pellica.

As linhas das tuas veias
Transparecem na epiderme...
Como eu desejo prender-me
Nessas mimosas cadeias!...

O teu pé, que eu vejo a furto
Occulto pela botina,
E' tão estreito e tão curto
Que não vi cousa mais fina.

A alma... basta. Eu não prosigo
Em lineamentos escassos:
Pintei-te o corpo n'uns traços,
Fica-te a alma comigo.

SILVA RAMOS.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

—E agora comprehende v. ex.^a a razão porque eu, depois da audiencia da policia correccional, me bati tão rudemente com aquelle chasqueador das cousas santas. Além de que este homem, como muitos outros, seguia-me de ha muito pelas ruas.

—Nunca fallou do seu catharo-spiritismo á senhora Humbert ou a seu pae?... perguntou o doutor.

—Nunca.... São supersticiosos; acreditam no seu cura de Toulouse, e eu receiava que uma conversação sobre um tal assumpto, caso a encetasse, me retardasse o casamento; reservo isso para depois. O Meio-dia ignora-me ainda. O sr. Humbert julga que escrevo simplesmente ácerca das operações de guerra dos albigenses.

—E tem guardado a mesma reserva com essas pessoas que o seguem pelas ruas?

—Tenho. Helena poderia, com medo d'aquella perseguição—que espero acabará com o casamento que pretendem malograr-me—recuar deante de tal união.

—Bem; voltemos ao seu amor e ao caso.

—Voltemos, disse Paulo Didier com accento expansivo. Continuei a viver habitualmente em Paris, trabalhando valentemente cinco ou seis semanas consecutivas, depois das quaes ía a Toulouse vêr a minha querida Helena. Havia quinze dias que eu estava em Toulouse quando hontem, dia em que devia almoçar com ella, me entregaram uma carta na qual o pae e a filha me pediam desculpa de me não pode-

rem receber, porque tinham de se ausentar de Toulouse por algum tempo. Senti-me logo tomado d'uma afflicção terrivel. Os creados negam-se a dar-me explicações. Instinctivamente corro á *gare*, onde um empregado me infôrma que o sr. Humbert tinha tomado dois bilhetes para Paris, e que o comboio sahira havia duas horas. Parti no comboio da noite, porque bem sabia onde os devia encontrar. Tinham-se com effeito hospedado em casa d'um amigo, onde o sr. Humbert se hospêda todas as vezes que os seus negocios o chamam Paris.

Encontro á porta da rua d'este amigo do sr. Humbert uma senhora, irmã d'elle, que eu tinha visto duas ou tres vezes. Esta senhora não me quer deixar subir! Espantado de tal prohibição, supplico-lhe com as lagrimas nos olhos que me explique as razões d'um procedimento tão inqualificavel para com um homem que tem a consciencia de não merecer tão atroz castigo. A pobre senhora commove-se, e encarando-me com uma extraordinaria attenção de lastima, diz-me emfim: *«A sua saude, senhor.... tome cuidado com a sua saude!—A minha saude, senhora! que quer isso dizer?»*—Ella então pede-me segredo e resignação, e, por umas meias palavras e a custo, conta-me a visita que o sr. Humbert fez a v. ex.^a. Affasto rapidamente a senhora por um braço e em quatro saltos subo ao terceiro andar da casa, apresentando-me deante do sr. Humbert. Interrogo-o abruptamente, e elle não tem coragem de me negar a verdade, com a qual parece magoadissimo.

—Pois quê, clamo eu, ousaria violar assim as suas promessas, a sua fé jurada, roubar-me Helena, matar-me emfim? E com que pretexto?

O sr. Humbert encara-me com a mesma estranha attenção que eu já notara na irmã do seu amigo e cala-se levantando os braços ao ceu.

—Mas, sr. Humbert, digo-lhe eu, ha aqui evidentemente uma extraordinaria confusão, um engano de pessoa! Eu tenho uma saude de ferro; toda a minha doença provém de me ter batido com um patife que pretendia negar a existencia das cousas sobrenaturaes por meio d'uma boneca sem cabeça. Levaram-me um pouco contuso a casa do doutor, que, como lhe disse, continuei a visitar, grato ás attensões com que me tinha tratado; e nada mais.

Que lhe disse pois o doutor?

—Negou-se a dizer-me cousa nenhuma.

—E vêem d'esse silencio as suas apprehensões? Pois bem, aceite um contracto: Nós vamos ambos a casa do doutor; d'esta vez elle ha de responder, e dir-lhe-ha que ha dois Paulos Didier, um doente e outro que sou eu.

O sr. Humbert calou-se ainda.

—Mas diga alguma cousa, senhor?

O accento com que pronunciei estas palavras commoveu-o, e o sr. Humbert respondeu-me:

—Tornarei a conversar com o doutor, mas eu só. E' uma necessidade de delicadeza que o meu amigo deve comprehender. Prometto-lhe que hei de tornar a vêr o doutor.

—Ah! senhor!... E Helena sabe alguma cousa?

—Não; ignora tudo.

—Deixe-me vêl-a, deixe-me fallar-lhe! A ella ao menos tenho a certeza de que a hei de convencer.

E abracei-me aos joelhos do sr. Humbert desfeito em lagrimas, que me assegurou e jurou que sua filha estava descansando e que me daria uma resposta immediata.

Despedi-me d'elle, e eis-me aqui. Recusará ainda v. ex.^a, responder cathegoricamente ao sr. Humbert?

O doutor guardou um largo silencio olhando ora para o tapete, ora para Paulo Didier. Depois começou:

—O sr. Paulo Didier não tem umas quinze mil libras de renda? Pois, senhor, essas quinze mil libras de renda não lhe pertencem.

—Como?!...

—E' uma fortuna mal adquirida, roubada....

—O que?!...

—E que é preciso restituir. Provar-lh'o-hei.

—Ah!

—E se lh'o provar terá coragem de restituir essa fortuna?

—Tenho.

—Com certeza?

—Com certeza.

—Eis o que lhe posso dizer mais: A sr.^a Helena Humbert corre neste momento um grandissimo perigo.

—Côrro a casa d'ella, clamou Paulo caminhando para a porta; quero salva-a.

—Arrisca com isso a sua vida.

—A minha vida é d'ella.

—Socegue um instante. Eu contava com essa explosão de energia e de consciencia. O sr. Paulo Didier tem um grande coração e uma grande alma. A sua fortuna é muito sua, e Helena está descansando muito tranquillamente. Deixe-me agora contar-lhe um caso de que fui testemunha ha dez annos: Um homem padecendo uma doença desgraçada, casou-se. Está hoje morto, e a mulher morreu tambem da mesma doença, depois de ter dado successivamente á luz tres creanças, um cego e dois idiotas, tres novos presentes á terra. Este homem conhecia, quando casou, a sua doença e as consequencias d'ella. Que diz, sr. Paulo Didier, d'este homem?

Paulo Didier estremeceu e encarou no medico, que pelo seu lado o fixava com o seu olhar firme e penetrante de operador.

—Como v. ex.^a disse, sou nervoso, mas por isso não me julga doente?

—E se o fôsse? Se a pessoa que ama corresse um grande perigo?

Depois d'estas palavras houve um grande silencio.

—E então?... insistiu o doutor.

—Cale-se, doutor, murmurou Paulo levando as mãos á cabeça; o som da sua voz vibrava-me no cerebro como um dobre infernal de sinos.

Paulo levantou-se, deu alguns passos na casa absorto; depois batendo rapidamente na testa como ferido d'uma idéa desatou uma gargalhada:

—Ah! Ah! disse elle; comprehendo! Julga-me lou-

co! É alienista; tudo são manias para elle, como para o outro tudo eram cristeres. Agarrò-me; quer applicar-me *douches!*

E depois continuou a rir-se com um riso agudo e estridente, mas sem outros symptomas d'um accesso immediato.

O doutor continuou:

—Não, meu amigo, não está... mais louco do que outro qualquer.

—Ah! Ah! interrompeu o monomaniaco continuando a rir; eu sou espiritista.

—Espiritista, mas tambem doente.

—E qual é a minha doença, queira dizer-me?

O doutor pegou-lhe affectuosamente nas mãos; mas Paulo Didier retirou-as com vivacidade.

—Quero immediatamente a prova do que assegura, clamou Paulo imperativamente: quero-a.

—Mas não lh'a posso dar! E ainda que aqui lh'a apresentasse com a mais clara evidencia, o meu amigo não a veria. Já neste mesmo gabinete ella se produziu bem manifesta... Creia no que lhe digo.

—Quer que o acredite? E que garantias me dá de que isso é verdade?

—A garantia da minha palavra de medico e do meu vivissimo e paternal interesse por si.

—E a prova produzida neste gabinete fui eu que a dei, eu mesmo?

—Foi o meu amigo mesmo, sem consciencia, sem memoria, de modo que lhe é preciso fazer um acto de fé—a fé não lhe custa muito—para com a unica testemunha d'esse facto, e um acto de probidade para com a sociedade, á qual esse facto immediatamente interessa. O seu senso moral está por emquanto vivo e são; demonstraram-m'o as suas palavras de ha pouco; ha de ser o meu amigo mesmo que responderá ao sr. Humbert: não.

E aproximando-se de Paulo o doutor murmurou:

—O meu amigo não póde casar!

Sob este terrivel golpe Paulo Didier vacilou como ferido d'um raio; quebrou-se-lhe toda a resistencia e balbuciou algumas palavras inintelligiveis. Depois, desfeito em lagrimas, soluçou:

—Doutor, que tenho eu, diga? Posso ouvir tudo.

—O meu amigo padece d'uma nevrose grave.

—Nevrose... doença de nervos?

—Justamente.

—Grave... vejamos, diga-me o nome, por quem é, insistiu Paulo com uma entonação dilacerante.

—Pobre moço! exclamou o doutor commovido e abraçando Paulo.

—Diga, doutor; preciso saber o que padeço para regular o meu procedimento.

—O meu amigo é epileptico.

Paulo Didier desprendeuse dos braços do doutor, e recuou até á extremidade do gabinete.

—Ha quinze dias que o meu amigo cahiu ahi, com a escuma na bocca, as echymoses no rosto, com as convulsões, com o accesso em toda a sua furia e ao qual sua tia chamava pesadelos. Agora considere quaes seriam as consequencias hereditarias da sua doença. Leia isto...

E o doutor apresentava-lhe um livro aberto.

Paulo leu uma pagina e cobriu o rosto com as mãos abafado em soluços.

—Sim, uma geração envenenada e arrastando-se, através de todos os soffrimentos, para uma rapida extincção da raça; uma menina que o meu amigo ama pela sua belleza, pela sua saude, pela sua futura fecundidade, deshonrada por si em tudo isto, alcançada de desgostos, condemnada a um eterno desespero, se vivesse em sua companhia, e á immoralidade ou aos horrores da solidão se se separasse de si! E será isso o que o meu amigo quer? Ame-a, pois, mais do que a si proprio. O seu estado mental, apesar de tudo, vale bem mais do que o seu estado physico; os seus sentimentos são por emquanto d'um moço intelligente, honesto e generoso. Basta um acto da sua vontade, um nobre esforço, meu amigo, meu filho. Tem um grande ensejo para uma renuncia honrosa e cuja verdadeira causa ficará secreta, posso assegurar-lh'o. O meu amigo renuncia ao casamento por causa do seu amor proprio, ferido pelas suspeitas do pae de Helena. Escreva-lhe e diga-lhe que se retira perante taes desconfianças. A mulher que ama chorral-o-ha, mas depois, consolada, conservar-lhe-ha no fundo d'alma o sentimento mais precioso, mais delicado e mais raro com que uma mulher póde recompenhar um homem: a poesia d'uma saudade purissima e o culto intimo de uma imagem adorada. A imagem vale sempre mais do que o modelo. Vae escrever ao sr. Humbert, não é verdade? Dá umas supremas satisfações interiores o cumprimento d'um dever, sobretudo quando esse dever é indispensavel. Escreve, sim?

E o doutor pegou-lhe de novo nas mãos. Paulo desatou num choro convulso, interrompido por uns gritos lugubres, que, perdido e desesperado, debalde tentava abafar mordendo um lenço.

—Pois bem, doutor, pois bem, disse Paulo emfim, convengo-me... não a verei mais! O doutor espantou-me, assombrou-me... não a verei mais, a minha alegria, a minha vida! Ir-me-hei para longe, morrerem! Não me abandone, doutor, continuou Paulo lançando-se-lhe nos braços: sou tão desgraçado! Oh! que espantosa miseria a minha! Condemnado á morte! E porque? Pelo crime de ter nascido! E para que nasci eu? Quem fez tudo isto? Quem creou as aguas para as envenenar, a vida para a deshonrar e destruir?

—Não percâmos tempo á busca das causas primarias, respondeu o doutor; não investiguemos se taes causas existem e se são responsaveis. Aqui tem uma penna e tinta; escreva.

Paulo Didier assentou-se com a cabeça inclinada para traz, soltando uns murmurios surdos e gutturaes. Dos olhos meios fechados cahiam-lhe grossas lagrimas.

—Os nervos aguentar-se-lhe-hão ainda por muito tempo?... pensou o medico.

E mettem-lhe uma penna na mão.

(Continúa).

ADEUS

Não me tornes a olhar! Os teus olhos, Maria,
Jorraram sobre mim torrentes de agonia,...
Senti-me vacillar, quasi morto de luz!
Oh! Não queiras tornar mais agro o meu calvario,
Deixa que eu leve occulto, ignoto e solitario
Ao Golgotha fatal a minha enorme cruz.

Escuta: affeito estou á sombra—esquecimento;
Fez-se em torno de mim a calma do moimento,
Vejo tudo sombrio, esteril, ermão e nu;
Se ao menos o destino, o acaso, a providencia,
Á mingoa de riqueza, á mingoa de opulencia,
Me houvesse feito, flor, tão nobre como tu....

Mas apenas me coube em partilha, Henriqueta,
Em vez de um d'esses bens, uma alma de poeta,
—Cousa que o mundo julga uma infamia, um labéu;
Sim, nada mais possuo, e no entanto eu queria
Ter o que os outros têm: riquezas, fidalguia,
E em cima de tudo isto o teu amor—um céu!...

Passo como um proscripto, um reprobado, um bohemio,
Quem me ha de dar na terra o meu perdido gremio,
—A santa Chanaan dos santos ideaes?—
Homem da estrella má, maldito, reprovado,
Quer no céu, quer no inferno, absolto ou condemnado,
Deus não nos pôde unir! Que horoscopos fataes!

Deus, esta cousa atróz, esta palavra horrivel!
Chata como um burguez, negra como um impossivel!
Sempre esta sombra ignara, esta palavra—Deus!—
Mas Deus é poderoso, omnipotente e forte,
Inaccessivel rei, senhor da vida e morte,
Não me tornes a olhar, Maria, adeus, adeus!...

ALFREDO CARVALHAES.

PUBLICAÇÕES

CARTILHA MATERNAL OU ARTE DE LEITURA, por João de Deus.—Sob este modesto titulo acaba o sr. João de Deus, a mais viva e espontanea inspiração poetica da nossa litteratura contemporanea, de dar á estampa uma obra eminentemente revolucionaria e original, a refórma completa e raccional dos antigos methodos de ensino das primeiras letras. E' revolucionaria esta obra, porque, cortando francamente pela rotina dos velhos processos, funda o seu methodo de ensino em principios perfeitamente racionaes e criticos, habituando a criança a procurar a razão das cousas; é tambem original este livro, porque não conhecemos, nem o sr. João de Deus conhece, methodo nenhum semelhante ao seu. «*Esse meio ou esse methodo, diz o sr. João de Deus, não pôde ser essencialmente differente do methodo encantador pelo qual as mães nos ensinam a fallar, que é FALLANDO, ensinando-nos palavras vivas, que entreteem o espirito, e não as letras e syllabas mortas, como fazem os mestres.* No prologo d'este notavel livro tinha já observado o sr. João de Deus: «*Porque razão observâmos nós a cada passo nos filhos da indigencia meramente abandonados á escola da vida uma irradiação moral, uma viveza rara nos martyres do ensino primario?*

Todo o methodo deriva d'estas duas observações, profundas de verdade e de bom senso. A criança começa, pois, por aprender as cinco vogaes e logo as palavras que com ellas se formam *ai, ui, eu, ia*. Depois, partindo da classificação eminentemente racio-

nal das consoantes em consoantes de som prolongavel e de som instantaneo, a criança aprende a conhecer o *v*, como a consoante mais perfeita, por isso que o seu som se pôde prolongar indefinidamente, e logo palavras que com elle e com as vogaes conhecidas se fórman, como *vá, vai, vi, viu, viva*, etc. Em seguida passa-se ao *f* e assim por diante, collocando sempre, ao lado do pequeno esforço para aprender uma consoante, a satisfação de formar palavras com ella e com as vogaes e consoantes já conhecidas.

Este methodo, que, como se vê, é d'uma simplicidade admiravel, e tanto, que chega a gente a espantar-se de que não tenha lembrado ha mais tempo, tem dado excellentes resultados práticos, e era impossivel que os não désse, fundando-se em principios tão racionaes e comprehensiveis. A rapidez no ensino é uma das vantagens d'este methodo, o seu resultado pratico immediato; a segunda vantagem, para nós mais importante, posto que não seja tão immediata, é o habito que incute nas crianças de aprenderem, percebendo a razão do que aprendem. Esta circumstancia é para nós de tal magnitude, que não hesitamos em classificar a *Cartilha maternal* como um dos livros de mais alcance social que se tem escripto neste paiz.

—HISTORIA NATURAL—BOTANICA, redigida em conformidade com o programma official dos lyceus, por Miguel Archanjo Marques Lobo. —E' um outro

livro destinado ao ensino, mas ao ensino secundario. A utilidade e a oportunidade de publicações d'este genero é obvia para quem conhecer o estado lastimoso e cahotico em que se acha a organização da nossa instrução secundaria e os inconvenientes que resultam de falta de livros em portuguez para o ensino das materias que constituem aquella instrução. O sr. Miguel Archanjo reúne á sua muita competencia scientifica uma larga prática de ensino. O seu livro revela estas duas qualidades; é um trabalho de compilação e de coordenação perfeitamente organizado para o fim a que se destina.

—NOITES AMENAS—CONTOS—QUEM TUDO QUER TUDO PERDE—A VERDADE NUA E CRUA, por *Henrique Perez Escrich*, traducção de Julio Gama.—Perez Escrich é um romancista hespanhol de merecimento e já hoje justamente favorecido pela popularidade. Não tem a imaginação desordenada de Ponson, mas a phantasia de Dumas. Interessa, não *enguiça*; commove, não *arrepia*. A traducção pareceu-nos boa, porque nem tem o maneirismo classico d'uns certos traductores de erudição quinhentista barata, cuja sciencia da nossa lingua consiste no emprego d'uns termos bolorentos, e que confundem o classicismo com o archaismo, nem tem as irreverencias demagogicas dos *communistas* da litteratura, que escrevem num vasconso repugnante, onde ha tanta ou mais falta de senso commum do que de grammatica.

—RECORDAÇÕES LITTERARIAS, por *Soares Romeu Junior*.—O sr. Soares Romeu viveu no Brazil, e foi alli provavelmente que se lhe desenvolveu o seu talento litterario ao mesmo tempo que adquiria pelo trabalho honrado os meios para voltar á sua patria. Tem por consequente pelos homens e pelas cousas de Portugal a alta veneração d'um patriotismo entusiasta, acrisolado pelas saudades d'um longo exilio voluntario. A alma de Portugal, a antiga alma cheia de entusiasmo pela patria, vive hoje no Brazil. Nós aqui, desilludidos das cousas e dos homens pela aproximação, que lhes é sempre desfavoravel, temos um patriotismo da convenção banalissimo, que exhibimos nas occasiões solemnes, como exhibimos as commendas ou os escandalos, ou um pessimismo rabugento e não menos rethorico, que nos leva a dizer mal de tudo e de todos para nos darmos ares superiores de critico difficil. Em nenhum d'estes dois sentimentos ha verdade; é tudo pura convenção e pura rethorica, porque nem possuímos a forte ligação moral d'um grande pensamento nacional, como o possui a França pelas suas glorias e pela consciencia do seu papel no mundo moderno, como o possui a Alemanha pela sua unidade, a Italia pela sua regeneração, a Suissa pela sua liberdade, a America pela sua republica e a Inglaterra pela sua prosperidade, nem chegámos ainda á completa consciencia da nossa propria situação, que nos levaria a dizer mal de muitas das nossas cousas, não para fazermos estylo e cocegas aos nossos burguezes ociosos, mas para estudarmos ou provocarmos o estudo dos nossos males e procurar-

lhes os remedios. Nos nossos compatriotas residentes no Brasil ha a sinceridade e a vitalidade d'um forte patriotismo, com todas as suas dedicações, com todos os seus heroismos e com todos os seus entusiasmos. E' esse o grande laço moral que prende e liga entre si longe da patria aquellas almas como os membros de uma só familia.

O livro do sr. Soares Romeu respira em cada uma das suas paginas este grande sentimento do amor de patria, o amor menos egoista que se conhece. Esta forte luz illumina todo o livro, e dá-lhe um singular encanto de ingenuidade e de espontaneidade. O livro é, além d'isso, util e instructivo. Pareceram-nos bem escriptos os capitulos ácerca de D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, e de D. Francisco Alexandre Lobo.

—LITTERATURA OCCIDENTAL—REVISTA DE SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES—1.^a serie—1.^o fasciculo.—O jornalismo litterario e scientifico está tendo em Coimbra um periodo de verdadeira efflorescencia.... tropical. Nada menos de cinco jornaes puramente scientificos ou scientificos e litterarios se publicam actualmente em Coimbra, não contando uma *Revista de Theologia*. O jornal que temos á vista—*Litteratura Occidental*—tem por director e principal redactor o nosso amigo e collaborador Sergio de Castro, uma boa intelligencia fecundada pelo estudo e pelo trabalho. Este numero traz escriptos dos srs. Sergio de Castro, Silva Ramos, Coelho de Carvalho, D. Guiomar Torresão, Nunes da Ponte, dr. Frederico Laranjo, Macedo Papança, Julio Cesar Machado, Gonçalves Crespo e Luciano Cordeiro. Os nomes sufficientemente conhecidos d'aquelles escriptores, dispensam-nos de mais commentarios e são prova bastante para se concluir da excellente collaboração d'aquelle jornal.

—LA TABLE DE BRONZE D'ALJUSTREL—*rapport adressé à monsieur le ministre de l'interieur, par Augusto Soromenho*.—Eis um pequeno livro que revela uma profunda erudição e um enorme trabalho de investigação scientifica. O relatorio do sr. Soromenho é uma verdadeira memoria d'um academico erudito e estudioso sobre um assumpto d'um alto interesse archeologico. E' um d'estes livros destinados a passar ignorados do publico portuguez, quando não seja chasqueado pelos risos idiotas dos nossos criticos ineditos, e a levantar lá fóra, no seio das sociedades sábias e entre os archeologos e antiquarios, largas e profundas discussões scientificas. Confessamos a nossa absoluta incompetencia para apreciar este trabalho em todo o seu valor, que deve ser grande pela importancia e pelo interesse que lhe deram homens como Hubner e Mommsen, mas julgamo-nos com a sufficiente comprehensão da importancia de tal estudo para o considerarmos como um dos titulos mais valiosos do sr. Augusto Soromenho á sua reputação de um dos primeiros archeologos da Peninsula, e uma das glorias do nosso professorado superior.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Abril

1877

NUMERO 9

A IMAGINAÇÃO CONSIDERADA COMO INSTRUMENTO DE SCIENCIA

Num artigo publicado no tomo V da *Revista de philosophia positiva* sobre o Ensino Integral, diz o sr. Paulo Robin, fallando da imaginação, o seguinte: «Reinará (a imaginação) sempre na poesia, na pintura, na sculptura, na musica; mas fóra d'ahi crêmos, sem grande mágoa, que o seu desenvolvimento perderá muito pela generalisação da educação positiva a que nós aspiramos; não ha duvida que algum dia ella teve a sua utilidade; pôde proporcionar aos desgraçados alguns momentos de agradaveis illusões, que lhes façam esquecer a realidade da sua triste condição; nas épocas de despotismo dá aos apóstolos do progresso as sedutoras roupagens que não de envolver as idéas novas e fazel-as aceitar pouco a pouco, graças a esses atavios; será finalmente ainda útil ás intelligencias incultas das raças inferiores, para darem os primeiros passos na estrada da sciencia, etc., etc....»

Longe de nós o contestarmos á imaginação os serviços que ella presta á concepção e á elaboração artistica, á propaganda dos apóstolos do progresso nos torvos periodos de despotismo, que assombream por vezes a marcha da humanidade, e aos primeiros balbucios da infancia da sociedade na difficil acquisição dos primitivos rudimentos da sciencia. Queremos simplesmente, nas linhas que vamos escrever, mostrar que a esphera de acção da faculdade imaginativa é um pouco mais larga; e que, a nosso vêr, a escola positiva lhe não pôde negar, e antes lhe ha de reconhecer, um papel importante nos progressos da sciencia, como instrumento para valiosos descobrimentos.

A nova concepção positiva das faculdades cerebraes,—concepção presentida por Gall na sua famosa theoria da localisação,—estabelecendo como um facto de observação a relação intima existente entre o órgão cerebral e o seu functionalismo, e exigindo como elemento indispensavel, para a formação das nossas idéas e das nossas sensações, os phenomenos do mundo externo (entendendo-se por «mundo externo» egualmente o organismo do individuo, origem de um determinado grupo de sensações, e como tal de idéas)

veiu assentar numa base solida—por isso que lhe deu por criterio a experiencia e a observação—a psychologia, que pouco a pouco se vae, por assim dizer, dissolvendo numa sciencia inteiramente nova—a physiologia cerebral.

Foi Augusto Comte o primeiro que, fazendo da psychologia, até ahi apanagio dos theologos e metaphysicos, um capitulo da vasta sciencia biologica, deu o ponto de vista que promette em breve systematisar uma sciencia que, ha bem pouco tempo ainda, era o escolho da escola experimental e o refugio inacessivel do metaphysicismo *à priori*. Com este ponto de vista, idéas absolutas, idéas necessarias, idéas innatas e toda a ôca phraseologia da escolastica, são apenas entes de razão que vão desapparecendo ante a sciencia positiva, velharias quando muito dignas de figurarem no quadro paleontologico—seja-nos relevada a analogia e a palavra—das criações da phantasia humana, ao lado dos *archetypos* de Platão, das *entelechias* de Aristoteles, das *hypostases* dos Alexandrinos e neoplatonicos, etc.

Hoje o mundo subjectivo só se comprehende como o producto de uma excitação exterior nos nossos órgãos sensorios, cujas vibrações ascendentes transmitidas pelos nervos ao cerebro, ali são elaboradas por um modo mysterioso, até se transformarem em sensações, sentimentos e idéas.

Pódem os metaphysicos ainda hoje sustentar a necessidade absoluta do que elles chamam—psychologia racional. A sciencia, pela physiologia e pela pathologia cerebral, apossou-se já do problema da formação das idéas e das sensações, e ante a evidencia dos factos que ella adduz, que podem ser corrigidos mas não negados, têm que calar-se todas as objecções de escola.

Nesta nova theoria psychico-physiologica das faculdades mentaes, o que é a imaginação? É a faculdade de elaboração «não immediatamente applicada ás impressões originadas por uma excitação externa nos nervos periphericos, mas trabalhando sobre as

diversas vibrações resultantes de excitações antecedentes (por uma propriedade das cellulas cerebraes, analogo á phosphorescencia de certas substancias, como o demonstrou o doutor Luys) complicadas com vibrações directas.

Assim, para usar da phraseologia vulgar, a concepção de uma obra d'arte, por exemplo, ou de um producto qualquer da phantasia, não é immediatamente produzida pela sensação de um objecto externo, mas sim pela combinação, pela selecção, por assim dizer, inconsciente de diversas impressões preexistentes fixadas pela memoria e evocadas pela remeniscencia, que depois se reúnem numa impressão unica e complexa. É este em duas palavras, e sem entrarmos em mais detalhes nem adduzirmos as demonstrações, que não tem cabimento neste artigo, o functionalismo da faculdade imaginativa.

Claro está que, conforme os elementos sobre que a imaginação trabalhar, assim os seus productos terão um valor mais ou menos objectivo e real.

Mas do que se não pôde prescindir é de comprovar a todo o momento *à posteriori*, as construcções de uma faculdade essencialmente subjectiva e tão subjectiva a perder-se nas extravagancias do devaneio. Neste ultimo caso estão todas as aberrações do espirito humano, desde o nihilismo da religião boudhica até ao mysticismo monacal da idade-média, desde os extravagantes systemas da metaphysica indiana, até ás abstrusas construcções da philosophia allemã da primeira metade d'este seculo.

Taes hypotheses, longe de alargarem a área dos nossos conhecimentos, têm siolo o maior dos embaraços para a constituição da verdadeira sciencia, principalmente pela pretensão dogmatica, que as caracteriza, de encerrarem toda a verdade e de se imporem aos factos, deturpando-os, quando esses factos as contradizem.

O valor, porém, das hypotheses positivas, assim chamadas pela sua constante dependencia dos factos, é bem differente, e é nellas que se manifesta o que pôde a imaginação como instrumento de sciencia, quando applicada com descripção.

Apoiando-se constantemente no exame dos phenomenos esclarecidos pela experiencia, pela observação e pela comparação, convém essas hypotheses á sciencia e prestam-lhe verdadeiros serviços, como explicações provisórias de um grupo de phenomenos, aos quaes dão por este modo unidade.

A systematisação de phenomenos da mesma ordem por meio da hypothese pôde dar e tem dado com effeito pontos de vista inteiramente novos, relações até ahí desconhecidas, ás quaes a sciencia deve grandes progressos.

Quando um facto qualquer vem infirmar a hypothese, ainda que esta tenha por garantia a auctoridade de um grande nome, e por titulos de gratidão emi-

nentes serviços prestados, se por acaso a conciliação se torna impossivel e a antinomia é de todo o ponto irreductivel, põe-se essa hypothese de parte e procura-se outra, que explique todos os phenomenos anteriormente conhecidos e mais esse, que ultimamente se apresentou. E assim de hypotheses em hypotheses, cada vez mais provaveis, por isso que cada vez abrangem um maior numero de phenomenos, se pôde chegar a uma theoria verdadeiramente scientifica, com todos os requisitos para ser acceite definitivamente.

Foi o que aconteceu com a theoria das emissões applicada á luz. Durante um certo tempo explicou satisfatoriamente todos os phenomenos conhecidos da optica. Vieram, porém, os phenomenos da difração e da polarisação para os quaes ella não tinha uma explicação cabal, e a hypothese pôz-se de lado, não obstante o grande nome de Newton, e lançou-se mão da hypothese das ondulações. Com esta segunda Fresnel chegou a dar uma explicação completa de todos os phenomenos da optica moderna; mas se por acaso um só algum dia a contradisser, forçoso será procurar noutra concepção synthetica a explicação desejada.

Eis a vantagem e a superioridade das hypotheses positivas.

E o que dizemos da das ondulações na optica, dizemos da dos atomos na chimica, da de um fluido electrico na electrologia, da das acções lentas em geologia, da do systema do mundo em mechanica celeste, da da selecção natural em biologia, etc., etc.

D'esta fórma, pois, a imaginação, bem guiada e corrigida pela demonstração *à posteriori*, é um poderoso instrumento de sciencia.

Se não fôra esta faculdade, ser-nos-ia vedado o emprego de um poderoso meio de investigação, e nós acabamos de vêr o que elle importa para a sciencia.

Percorrendo a historia de todos os progressos scientificos, havemos de encontrar qual é a utilidade que das hypotheses tira o espirito humano na difficil tarefa da systematisação hierarchica dos nossos conhecimentos.

Grande numero de descobertas, e das de maior alcance, fôram precedidas de tentativas de explicação provisoria, que em grande numero de casos se reconheceu satisfazerem a todos os requisitos de uma explicação scientifica, ou pelo menos para ella prepararam o terreno.

E por ultimo, no emprego da faculdade imaginativa, podemos nós mais uma vez verificar a passagem do nosso estado mental da metaphysica para o regimen positivo. O estado metaphysico da imaginação corresponde a todos os devaneios do espirito humano em busca de uma supposta causa e de uma supposta finalidade da creação e da humanidade. Pelo contrario a discreta applicação d'este precioso recurso, dentro dos limites prescriptos pelo methodo objectivo, caracteriza a sua phase positiva ou disciplinada.

Empreguemol-o, pois, a bem da sciencia, constantemente aquilutado pela mais rigorosa observação, sem

cair no vicio do *à priori*, nem tão pouco dar um crédito absoluto ás suas explicações.

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

Lançando a vista sobre o estado geral e politico da Europa no seculo XIX, seguindo as mutações de scena que nelle se têm dado, vemos que a humanidade luta e se revolve nas incertezas do desejo e nos transes da impotencia.

A sociedade antiga cahiu exausta e mal ferida em 1789. Não a decepou o cutelo triangular da guilhotina franceza, derrubou-a a lei immutavel e providencial, que, para abrir caminho aos que vem, abate os que estacionam. Lei que fertilisa a terra com a abundante folhagem do arvoredado, para fazer germinar a planta rasteira que ha de produzir o grão e alimentar os homens.

A sociedade velha cahiu porque estacionou. E a lei da natureza é proseguir, a lei providencial é caminhar.

A individualidade tende a desaparecer das sociedades. O homem é muito pouco, a sociedade é tudo. Ao bem geral, ao aperfeiçoamento do todo, á edificação do templo do futuro, necessariamente se sacrificam os idolos do passado. A revolução franceza, que fez baquear a sociedade antiga, lançou os alicerces da futura. Fez muito. Fez um esforço titanico, e por isso insustentavel. Cahiu; mas por sobre os antigos privilegios de classe tinha passado uma esponja embebida no sangue ainda tepido da primeira nobreza da França. Ficou uma nodoa livida na historia, mas sob ella desapareceu o cunho de muita servidão ignominiosa, de muita infamia consagrada pelas leis e pelos costumes.

É triste o marco que nos separa do seculo passado; mas é um marco, e nós caminhamos.

Ao esforço supremo seguiu-se o espasmo lethargico. A revolução cançou. Estava ebria; ebria de sangue, ebria de luz, ebria de gloria.

A sociedade velha ergueu-se tropega e vacillante; ergueu-se e quiz viver. Mas todos a viram então. Todos a viram tal qual era, porque a revolução tinha feito a luz e ella não pôde apagal-a nem supportal-a.

É esse enorme facho, que ainda hoje nos allumia, faz empallidecer as lentejoulas das antigas monarchias, faz desbotar as purpuras das realezas de outras eras.

De então para cá, defrontando-se sempre hostis e sempre em luta, vêm-se de um lado os representantes do passado tentando avassalar, de outro os apóstolos do futuro procurando convencer. O passado, tronco despido que apenas se alimenta pelas raizes;

o futuro, vergonhea mimosa que bebe a vida pelas suas frondes.

A luta alimenta a vida, desenvolve os membros e cria as forças patenteando-as; mas a luta prolongada cança, os esforços infructiferos empobrecem e desanimam.

O passado, ferindo os ultimos combates, conscio de que são definitivos, luta com desespero, com affinco, com denodo.

Não escolhe armas, enfeixa-as; e com todas bate, com todas mina, com todas fere. Emprega a força, a astucia, a sedução, a veniaga. É principalmente mineiro. A luz repugna-lhe e a publicidade prejudica-o. Queima, arrasa, despedaça um povo, dilacera uma nação, e quando afinal é repellido, quando o obrigam a abandonar o theatro dos seus vandalismos, apenas na apparencia o abandona. Fica nos confissionarios, propagando a desordem; fica na familia para destruil-a, dividindo-a; fica no pulpito para semear terrores e para amedrontar os tímidos e os ignorantes; fica principalmente no collegio para se apoderar da criança, penhor do futuro. Fica para desvirtuar, para inutilisar, para entorpecer e para destruir os germens do bem e as aspirações para a verdade.

É no confissionario, na familia, no collegio e na escola inocula o veneno subtil da reacção, semeia a ignorancia, condensa as trevas.

É os liberaes, os representantes da idéa nova, deixam-n'ó minar; deixam-n'ó propagar, semear e colher; deixam-n'ó que intimide o povo, que desvirtue a criança e limitam todo o seu esforço a offerecer-lhe combate em campo aberto. Combate da imprensa, que elle não acceita, repto leal a que rarissimas vezes responde.

É no entanto o clericalismo campeia e a sua obra de toupeira caminha sempre.

A causa do futuro não morre, pela simples razão de que não póde morrer. Não pára tambem, porque é da essencia do espirito humano progredir. Mas trepida, hesita, atraza-se e quasi que por vezes se eclipsa. E a humanidade soffre, porque a ignorancia adoenta-a e atrophia-a.

Não deve prolongar-se este estado actual de cousas. É violento e é incommodo.

Mas podemos contar como victoria a primeira mutação que venha a operar-se? Triunphará ainda o passado? Batido em Hespanha, derrotado na Italia, malgrado em França, ferido na Allemanha, terá Deus por ventura marcada a sua queda definitiva? Conven-

cido da sua impotencia, aceitará a morte pela consciencia de que perdeu o direito á vida? Não; não morrerá ainda. Repellido em Hespanha, nas guerrilhas de D. Carlos, acoita-se nas antecamaras de D. Affonso. Não fugiu com as hostes mal trapidas, que foram longe esconder a sua derrota e a sua vergonha; ficou nas aldeias mesquinhas, onde a civilização não chega. Ficou nas praças publicas, onde a população, embrutecida acintemente, se extasia com a morte d'el

tôro. Ficou nos conventos e nas sacristias, ficou nos paços dos reis e nas cabanas dos pastores.

Aos reis, que são seus filhos, diz-lhes que a sua causa é commum; aos pobres, que embruteceu, diz-lhes que, como elles, mendiga; que, como elles, é repellido; que, como elles é desherdado. Insinua-se, trabalha, mina, avilta-se, mas conserva-se.

(Continúa).

JULIA FERREIRA.

O MONTE DAS OLIVEIRAS

I

RECOLHIMENTO

O clarão do crepusculo fenece,
Desmaiando entre as brumas transparentes,
E as arvores suspiram como crentes
Absortos nos murmúrios d'uma prece.

Hora triste em que a alma desfallece!...
Jesus envolto em linhos rescendentes,
Tão puros como as almas innocentes,
No sombrio olival desaparece.

Prostrado como um anjo luminoso
Do Getzmani no arido rochedo,
Olhando o ceu, tremendo e receioso,

Como quem confia um intimo segredo:
—«*Meu pae*, disse Jesus, *oh! Deus piedoso...*
E o vento suspirava no arvoredado.

II

PRECE

—«*Meu pae*, disse Jesus, a nupcia sagrada,
O casto beijo teu na face da materia
As almas inundou da branca luz etherea,
E a carne transformou na ostia immaculada.

O grito da pobreza em noite regelada
Ergueu-se a soluçar pela amplidão aerea,
E, nas benções de amor, choveu sobre a miseria
O grande mar de luz dos ceus da madrugada.

O ceu é o pavilhão da paz e da concordia,
Que solta a mão de Deus, mas a descrença morde-a,
Como a panthera morde o ferro d'uma lança.

Senhor, se vão findar meus transes dolorosos,
Meu corpo transformae nos anjos gloriosos,
Tres virgens immortaes—*a Fé, o Amor, a Esp'rança.*»

III

RESIGNAÇÃO

—«Proteja a vossa mão a triste sorte
Dos lyrios solitarios da orphandade,
E aponta á humanidade a luz do norte,
Barca perdida pela immensidade.

Meu coração é triste até á morte!
Senhor! Senhor! Que negra anciedade!...
Meu Deus!... Se a carne é fragil, a alma é fortel...
Contra a minha cumpri vossa vontade!

Do calix beberei o fel amargo...»
E caiu sobre a terra, onde choviam
As lagrimas do ceu profundo e largo,

As arvores e o espirito cediam
N'aquella noite ao glacial da tarde!...
Christo ergueu-se... os discipulos dormiam.

IV

TRAIÇÃO

Silencio sepulchral!... Nem um astro desponta
Na abobada celeste annuviada e fria,
O espirito bradava, immerso na agonia;
A carne é o Caim que a mão d'Abel aponta.

A aurora vai raiar, mas inda a treva affronta;
Assim o labotar da duvida sombria
É como o vacillar por entre a noite e o dia.
O corpo recuava, a alma estava prompta.

Escuta-se um ruido e Judas apparece;
E ao beijo que elle deu Jesus empallidece,
Como se fóra dado em limpidos crystaes!

Tinham um rythmo triste as arvores chorosas,
E aos lividos clarões das tochas resinosas
Olhavam-se sorrindo os guardas imperiaes.

COELHO DE CARVALHO.

A LENDA DA CREAÇÃO NA INDIA¹

A India é a origem de todas as civilizações actuaes, o centro d'onde irradiaram as primeiras imigrações que se espalharam por sobre a terra.

Se fôsse licito duvidar d'esta verdade, tínhamos ahí abundantes provas para a confirmar.

Para os que ainda acreditam na originalidade dos livros de Moysés, escrevemos nós alguns trechos modelados na tradição, que ainda hoje se conserva na bocca do povo e nos livros fundamentaes da velha religião da India.

Será Luiz Jacolliot que nos virá contar a lenda da criação do homem, tal como elle a ouviu repetidas vezes e a leu nas fontes genuinas dos livros sagrados da India.

Lá, e principalmente em toda a extrema oriental e na ilha de Ceylão, onde mais puras se conservam as velhissimas tradições, desde o indio de baixa classe até ao brahmane, sacerdote respeitavel, todos sabem de cór a lenda que os livros conservam escripta. No Bagaveda-Gita, Christna, o messias indio, conta-a ao seu discipulo e fiel collaborador Ardjuna, e proxima-mente pelos mesmos termos que os livros sagrados.

A terra estava coberta de flores, as arvores vergavam com o pêso dos fructos, milhares de animaes passavam vida deliciosa nas planicies e nos ares, os elephantes brancos passeavam alegres á sômbra de florestas gigantes, quando Brahmá entendeu que era chegado o momento de crear o homem, a quem estava destinada esta feliz habitação.

Tirou da grande alma, da pura essencia, um germen de vida com que animou dois corpos, a que deu sexos diversos, a fim de que podessem reproduzir-se, como as plantas e os animaes; deu-lhes a consciencia e a palavra, o que os tornou superiores a tudo o que tinha já sido creado, mas inferiores aos Devas e a Deus.

Deu ao homem a força, a magestade das fórmas, e pôz-lhe o nome de Adima, que na lingua classica da India significa—*primeiro homem*.

A mulher recebeu a graça, a doçura e a belleza, e pôz-lhe o nome de Eva, que significa—*complemento da vida*.

Receberam em dote a antiga Taprobana, a ilha de Ceylão, logar de delicias pelo seu clima, pelos seus exquisites productos e esplendida vegetação. E' o paraíso terreal, berço da humanidade.

Conservam-se ainda inalteradas as palavras com que o Deus Brahmá instruiu os recém-creados nas suas divinas prescrições: «Ide, lhes disse elle, uni-vos e produzi seres, que serão a vossa viva imagem sobre a terra, muitos seculos depois de terdes voltado a mim. Eu, senhor de tudo o que existe, creei-vos para me adorardes durante toda a vossa vida, e os que me acreditarem partilharão da felicidade in-

«finda que me cêrca, depois de findarem todas as cousas creadas.

«Ensinae estas doutrinas a vossos filhos; que elles me não esqueçam, e eu estarei com elles sempre «que invocarem o meu nome.»

Em seguida prohibiu a Adima que se afastasse de Ceylão, nos seguintes termos: «A vossa missão deve limitar-se a povôar esta ilha magnifica, onde se acha por mim reunido tudo o que vos póde ser agradavel. O resto do globo está ainda por habitar; se mais tarde o numero de vossos filhos crescer de fórma que esta ilha seja pequena para elles, que me façam as suas supplicas acompanhadas de sacrificios, e eu lhes direi a minha vontade.»

Dito isto, desapareceu.

Então Adima, voltando-se para a sua companheira, contemplou a sua formosura!....

O coração palpitou pela vez primeira impressionado por tamanha belleza....

Eva conserva-se de pé diante d'elle, sorridente de virginal candura, palpitante de desconhecidos desejos; seus fartos cabellos desenrolavam-se cobrindo-lhe as delicadas fórmas, enlaçando em espiraes caprichosas o rosto cheio de pudor, e os seios nus, que a emoção pela vez primeira agitava.

Adima aproximou-se tremendo. Ao longe o sol no poente ia desaparecer no oceano; as flores dos bananeiros erguiam-se para aspirar o orvalho da tarde; milhares de formosissimas aves de pennas multicores entoavam doces murmurios nos ramos dos tamarindos e das palmeiras; os luciolos phosphorescentes voltijavam nos ares, e todo este concerto da natureza ascendia até Brahmá, que se revia na propria obra na sua celeste mansão.

Adima passando temeroso a mão nos cabellos perfumados da sua companheira, pareceu-lhe que um doce calefrio percorria os membros de Eva, e lhe passava para os seus.... Tomou-a então nos braços e deu-lhe o primeiro beijo. As brandas brisas transmittindo aquelle beijo, levavam dois nomes que os labios pronunciaram ao dal-o. Eva, embebida na mais suave languidez, deixou-se cair desfallecida nos braços do companheiro....

«A noite tinha descido, as aves eram já mudas, «e o Senhor sentia-se alegre porque o amor tinha nascido, e a união dos sexos estava realisada, como «consequencia d'esse amor.»

Assim o tinha querido Brahmá, para ensinar ás creaturas que a união do homem e da mulher sem amor não passa de uma monstruosidade contraria á natureza e á sua lei.

Adima e Eva viveram por algum tempo numa completa felicidade. Nada havia que estorvasse a sua vida de amor.

As arvores offertavam-lhe os fructos mais deliciosos, bastando estender a mão para os colher. O sólo que pisavam dava-lhes o arroz mais fino e mais

¹ Devemos o presente artigo á benevolencia do nosso amigo e intelligente collaborador dr. Zeferino Candido, que anda trazendo a obra de Luiz Jacolliot—*A Biblia na India*.

bello. A agoa corria em limpidos monanciaes; e os canticos divinos da natureza lá estava em continuo concerto a seus ouvidos.

Um dia, porém, uma vaga inquietação começa a dominal-os. Invejoso pela felicidade do par, e pela sublime obra de Brahmá, o principe dos Rakchasas, o espirito do mal, começa por segredar aos esposos desejos desconhecidos. «Passeiêmos a ilha, diz Adão á sua companheira, e vejamos se ha logar mais bello ainda. Eva seguiu seu esposo. Caminharam dias e mezes, descansando ao pé das fontes, á sombra das arvores gigantes que lhes escondiam a luz do sol... Mas, ao passo que avançavam, Eva sentia-se invadida por inexplicavel terror. Adima, dizia ella, paremos; para que ir mais longe?... parece-me que desobedecemos ao Senhor. Não vamos nós já longe do logar que elle nos concedeu por morada?»

Não temas, responde-lhe Adima; não vês que a terra que pisamos é ainda formosa, que nada se parece aqui com os logares inhabitaveis de que elle nos fallou?

E continuavam caminhando....

Pararam emfim no extremo da ilha. Defronte d'elles viram um braço de mar estreito, e do outro lado uma extensa terra que parecia infinita. Um estreito caminho formado por alcantilados rochedos unia as duas terras.

Da praia viam-se ao longe enorrimissimas arvores, cujos cimos eram povoados por aves de mil côres.

«Que formosas paragens, diz Adima, e que deliciosas fructas se devem produzir ali! Vamos vêr de perto aquellas bellezas, e se forem preferiveis a estas, collocaremos lá a nossa tenda.»

Eva, tremendo, supplica Adima de não fazer coisa que podesse irritar as iras do Senhor.—Não estamos nós bem neste logar? Temos aqui agua pura, fructos deliciosos, para que ir procurar outra coisa?

—Socega, nós voltaremos, lhe replica Adima. Que mal nos poderá vir d'uma simples visita a um sitio proximo e desconhecido? E dizendo isto, aproximou-se dos rochedos, seguido por Eva cheia de susto.

Pegando na companheira ao côlo, começou a atravessar a ponte dos rochedos.

Apenas chegados ao lado opposto, um inaudito estampido se faz ouvir; arvores, flores, fructos, aves, tudo que os tinha encantado de longe desaparece subitamente; os rochedos, que lhes tinham servido de ponte, submergiram-se nas aguas, ficando apenas algumas pontas aguçadas á superficie do mar, como indicadores da antiga passagem, que a colera divina acabava de desfazer.»

Entre a ponta oriental da India e a ilha de Ceylão, existem no Oceano indico os rochedos que conservam o nome de Palam-Adima, ou ponte de Adão.

Quem se dirige por mar para a China e para a India, tendo transposto as Maldivas, avista um morro azulado dominando as paragens indianas e parecendo

tocar o ceu. É do pé d'esta montanha que, segundo a tradição dos naturaes, Adima começou a sua desastrosa passagem. Esta montanha conserva o nome de pico de Adão desde tempos immemoriaes, e a sciencia aceitou o nome.

Assustado por tamanha desgraça, lança-se Adima por terra, proclamando entre copiosos prantos a sua desdita, quando Eva se lhe lança nos braços, dizendo-lhe:

—Consola-te; oremos ao Deus Supremo pedindo-lhe perdão das nossas faltas.

Subitamente uma vós saindo das nuvens, pronuncia estas palavras:

«Mulher, tu apenas peccastes por acompanhares teu marido, que eu te recommendei que amasses, e todavia confiaste em mim.

«Eu te perdoo, e a elle tambem por tua intervenção! Mas não voltareis mais para o jardim de delicias que vos tinha dado.

«Por causa da vossa desobediencia o espirito do mal acaba de invadir a terra.—Vossos filhos, obrigados a soffrer e trabalhar o sólo por vossas culpas, tornar-se-hão perversos e ingratos para comigo. Mas eu enviarei Vischnú, que incarnará no seio d'uma mulher e levará a todos a esperanza d'uma recompensa futura e o remedio para alcançar a cura dos seus males.»

Levantaram-se os dois, consolados pela vós divina; mas naquelle momento começou para elles uma vida de duro trabalho, para alcançar da terra os alimentos que ella se recusava a produzir espontaneamente.

Lenda transmittida de paes a filhos em milhares de gerações, historia gravada nos livros authenticos de data tão remota, que de balde se lhe procura o nascimento, verdade explicativa da nossa insondavel origem, ou ficção architectada pelo desejo insano do saber, a genese india ahi fica resumida, e qualquer poderá facilmente aquilatar-lhe o valor, comparando-a com a narração de Moysés.

Qualquer poderá ver que o auctor do pentateuco foi um copista na comprehensão fundamental, desvirtuando os mais sublimes pensamentos que encontrou na fonte.

A promessa do Redemptor, filho de Deus, incarnado numa mulher, o perdão concedido a Adima por intermedio de Eva, que abrandára as iras de Brahmá na sua obediencia conjugal, é d'uma grandeza logica que encanta.

O mundo de Moysés, como o mundo de hoje, tinha ali bem que aprender. E é esta sublime idéa do peccado de Adima, resgatado pela subjeição amorosa da mulher, que Moysés esquece, substituindo-lhe o peccado de Eva. A situação moral do mundo na época em que o sabio hebreu publicou as suas idéas dá facil explicação de tão absurda transformação.

A. ZEFERINO.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Continuação)

Neste momento sentiu-se tocar a campainha da porta, e logo uma segunda vez.

—É o sr. Humbert, disse Paulo levantando-se; é talvez elle e ella. Ah! deixe-me vê-la uma ultima vez.

—Ella? que quer o meu amigo que ella venha fazer aqui? Assistir a algum ataque da sua doença?

Estas ultimas palavras fizeram estacar Paulo, que se achava já á porta.

Voltou para traz, deu alguns passos rapidos no gabinete, depois parando como quem acabasse de tomar uma resolução, disse:

—Será o ceu que me dictará o meu procedimento; vou consultar os espiritos!

E ajoelhou com os olhos postos no tecto.

—Isso não é o ceu, é o estuque, disse o doutor. Os espiritos dão-se muito mal nos gabinetes dos medicos. Não delapide aqui as suas orações. Seja razoavel e não abandone a sua boa resolução de ha pouco.

—Atfirmo que ha um ceu! exclamou Paulo com um braço erguido no ar. Ah! desgraçado homem, por que não tem fé?

—Porque a fé é uma imprudencia: não é sensato affirmar-se aquillo de que se não tem a certeza. Levante-se.

Mas Paulo ficou ajoelhado ainda dois minutos, findos os quaes se levantou para exclamar:

—Onde tinha eu a cabeça? Para que me hei de desesperar? Não perdi Helena. Eis o que dizem os espiritos: se estás doente este medico te curará.

—Hei de tratar de si.

—Quanto tempo durará a cura?

—Não sei.

—Como! exclamou Paulo com vivacidade e desconfiança; ignora isso e sabe que estou doente? Que sciencia e que ignorancia é essa? Onde estou eu pois! Este homem assegura que sabe de mim cousas que eu fiz á luz do dia, e das quaes não tenho o minimo sentimento; sabe tudo o que me póde condemnar, ignora tudo o que me póde salvar!...

Oh! Oh! senhor! Sim, talvez haja sonhos e mesmo pesadelos no meio de tudo isto. Mas quem sonha? Eu ou o doutor? Ha aqui dois cerebros... qual é o são, qual é o doente? Qual é o que deve condemnar o outro? Se eu digo que é o meu, quem julgará? O doutor ou os seus amigos? Por ventura um homem só não tem ás vezes razão contra cem mil? Queira pois fixar-me os caracteres indiscutíveis da verdade. Pois que! um dia o acaso conduz-me a sua casa; v. ex.^a convida-me a voltar aqui, faz-me fallar e eu conto-lhe toda a minha vida. Apresenta-se depois uma pessoa estranha, pede-lhe uma sentença de morte contra mim e o doutor dá-lh'a! Corro aqui para protestar,

e o doutor responde-me que é preciso que eu morra?!..

Paulo, no tom imperativo e aspero de um juiz, levantou um braço no ar e continuou:

—O doutor tinha um amigo e vendeu-o; estava ligado por um dever e violou-o!... É um infame, exclamou Paulo exaltando-o! Ah! Ah! Como é que num negocio tão claro me faltou o bom senso para lhe consentir sequer que abrisse a bocca? Aqui ha manifestamente uma conspiração contra mim! Ouse agora negar que não é o chefe dos meus perseguidores?... Não lhe permitto que me interrompa! Não tem nada que allegar, mas muito que fazer; apello para o que lhe possa ter restado de consciencia!... Não quer tornar a receber o sr. Humbert?... seja; mas vae com toda a certeza escrever-lhe e declarar-lhe que ha dois Paulos Didier, um doente e outro que sou eu. Aqui tem uma penna — e apresentava-lhe a penna. —Vamos, senhor, vamos, eu estou doente, se isso lhe apraz; e v. ex.^a é um medico. O segredo de profissão, illustre doutor! O segredo. A lei ordena-lh'o. O segredo... é preciso guardar o segredo. Pegue na penna! O segredo!

Paulo gritava com toda a energia dos seus pulmões.

—Tome cuidado, observou o doutor, olhe o accesso!

—O accesso... O accesso! Pois bem, appareça o accesso, que o quero vêr.

Paulo estacou a perna direita para a frente, cruzou os braços, como quem desafia um inimigo, e continuou dando á voz não sei que vibrações metalicas d'um clarim:

—Vamos, avance o accesso! Avante, senhor accesso!... Esperamol-o... appareça, se quer que o reconheçam, aliás é mythol... O accesso apparecerá?... não apparece, ah! ah! ah!—e desatou a rir convulsivamente.

O doutor foi entreabrir a porta do gabinete para se certificar de que o creado estava no seu posto.

—Muito bem, continuou Paulo ainda a rir, mas já mais naturalmente, o accesso não appareceu.

Está julgado, doutor.

Ouse agora repetir-me que sou doente ou que já o fui. Veja como sae d'isto. Tem de confessar que sendo alienista vê nevroses por toda a parte, ou que o doutor é que é epileptico. Escolha, ou epileptico ou infame e meu perseguidor; não ha meio termo. Decida.

—Bem, disse o doutor, vá-se embora; tenho estado a perder o meu tempo e eu tenho muito mais que fazer do que atural-o... Adeus.

E abriu a porta.

(Continúa).

PUBLIKAÇÕES

REALISTAS E ROMANTICOS

ESTUDO LITTERARIO A PROPOSITO DA—COMEDIA DO CAMPO, SCENAS DO MINHO, volume 2.º—AMOR DIVINO, (*Estudo pathologico d'uma santa*) por Bento Moreno.

Na renovação intellectual que se está operando entre nós, e cujos symptomas são já sufficientemente numerosos e claros, para que os espiritos despreocupados deixem de lhes dar fóros de cidade, a litteratura é uma das fórmulas do pensar colectivo onde essa renovação mais accentuada se manifesta. E não podia deixar de ser assim sendo a litteratura, como é, o traço de ligação natural entre a alta especulação scientifica e o sentimentalismo artistico; o cadinho mysterioso em que a sciencia se transfórma em arte e a arte se converte em sciencia; uma especie de média arithmetica entre a alta cultura intellectual e as aspirações instinctivas e inconscientes, para o bello e para a verdade, da grande maioria dos espiritos. Essa média é variavel, porque são variaveis os dois termos de que ella se forma.

A grande cultura intellectual, um d'esses termos, cresce, porém, pelos progressos da civilisação, numa proporção superior ao desenvolvimento do sentimento popular, que é quasi constante em quantidade e varia apenas em qualidade, e perdoe-se nos esta termonologia um pouco de escola, que no entanto tem a vantagem de exprimir com rigor o que pretendemos significar.

D'essa variabilidade nascem as diversas escolas litterarias, cujo apparecimento no seio das civilisações é o symptoma menos fallivel para a avaliação do valor moral e intellectual dos povos em que ellas se manifestam.

As escolas em litteratura são por isso uma designação abstracta, que indicam o agrupamento d'um certo numero de caracteres intrinsecos e extrinsecos que os productos litterarios revestem numa dada época, caracteres que se fixam e apresentam com mais ou menos relevo e intensidade, conforme o movimento intellectual foi mais ou menos rapido e vigoroso no espaço, que mediou entre a affirmação e fixação de duas épocas litterarias consecutivas.

Nas escolas litterarias não ha pois uma relação de antagonismo, mas uma relação de filiação; não ha reacção, ha evolução. O romantismo deriva tão naturalmente do classissismo, como d'aquelle deriva o realismo.

Todo o producto litterario caracteristico é uma affirmação de convicções, a manifestação d'um methodo. Essas convicções podem ser mais ou menos claras e explicitas, mas formam sempre o fundo d'essa obra, dão-lhe o ponto de vista, a intenção moral e até o processo artistico.

Numa accepção mais restricta é a philosophia, dominante de facto, ao tempo da producção da obra litteraria, que lhe dá a sua caracteristica de escola.

Á philosophia theologica, arguciosa e auctoritaria, corresponde o classissismo, com o fanatismo da fórmula, com a idolatria intransigente pelos antigos modelos, especie de paraíso da arte posto como meta inacessivel a todos os talentos, como a logica de Aristoteles, nos domínios da philosophia, a todas as intelligencias.

Ao neo-platonismo e ao espiritualismo, individualista, indisciplinado, devaneador e incoercivel, corresponde o romantismo deista, livre pensador, catholico-liberal, ethereo, meditativo e nostalgico. Ao realismo, impessoal, critico, despreocupado e frio corresponde o positivismo scientifico, com todo o seu rigor de methodo, com toda a sua indiferença religiosa, com a sua profunda comprehensão do dever e do direito. Toda a obra litteraria é por isso a manifestação artistica de uma philosophia, ás vezes apenas presentida nas suas affirmações geraes pelo auctor, mas em todo o caso revelada na intenção moral da obra, nos seus methodos de observação, nos seus processos de analyse, no caracter das suas syntheses e até na propria fórmula litteraria.

Entre a escola romantica e a escola realista, apenas iniciada entre nós, ha por isso a mesma differença fundamental de methodos que existe entre a metaphysica e a philosophia positiva. A metaphysica, como o romantismo, partem do conhecimento das causas para a explicação dos effeitos, e tomam a analyse psicologica, independente de todos os conhecimentos positivos das funcções do cerebro, pelo mais alto e quasi exclusivo assumpto da philosophia. A philosophia positiva, como o realismo, partindo da relatividade de todos os nossos conhecimentos e da incapacidade genial da intelligencia humana para a comprehensão de todas as idéas de origem e de essencia, estuda os phenomenos, busca-lhes as leis e as condições da sua producção. O romantismo é deductivo, o realismo é inductivo.

Em todas as grandes obras caracteristicas da escola romantica o auctor é o protogonista da obra, quer esta se desenvolva na fórmula de poema, quer de drama, quer de romance. Os heroes fallam pela sua bocca, tem os seus gestos, os seus preconceitos, o seu entusiasmo, a sua indiferença, as suas convicções e o seu estylo. O romance sobretudo, que pela amplitude da sua fórmula se presta a todas as analyses as mais minuciosas, é menos uma obra d'arte do que uma psicologia do proprio auctor.

D'ahi aquelle velho apherismo de Buffon de que o estylo é o homem, verdadeiro principalmente para a escola romantica.

São inteiramente diversos e mesmo oppostos os principios do realismo.

(Continúa).

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Maio

1877

NUMERO 10

LITTERATURA DOS CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

Nos trabalhos tão completos de Benfey, Lieberich, de Ancona e Gubernatis sobre os Contos tradicionaes, os paradigmas da tradição portugueza são totalmente desaproveitados por se desconhecer a sua existencia. Vamos apresentar uma rapida informação sobre esses thesouros da imaginação popular, sobretudo na parte em que elles penetraram na litteratura portugueza, aliás tão separada pela sua pretensão erudita das verdadeiras fontes naturaes da inspiração. Este breve estudo servirá como de introdução a uma série de Contos que temos colligido das ilhas dos Açores, nas provincias da Extremadura e do Minho, e que publicaremos mais tarde.

O Conto mais antigo, que se acha escripto na lingua portugueza, está inserido no Nobiliario do Conde D. Pedro, do seculo xiv; a allusão ao cavallo-fada *Pardallo* (o *pardalus*, de Aristoteles) e ao *coouro* (o *gouril*, bretão) provam-nos uma origem erudita, que determinaremos abaixo, tornada tradicional nas lendas genealogicas. No Conto, hoje conhecido pelo titulo da *Dama pé de Cabra*, se lê: «E alguns ha em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» E tambem: «E mais dizem hoje em dia hi, que jaz com algumas mulheres hi nas aldeias ainda que não queiram, e vem a ellas em figura de escudeiro, e todas aquellas com quem jaz tornam *escoouradas*.» Nas Costas de Finisterra acredita-se na existencia de uns diabos malignos, que dançam ao luar, chamados *courils*, que M. de Cambraye descreve na sua *Voyage dans le Finistierre* (1791). Leroux de Lincy traz tambem as fórmãs de *Gourils*, *Gories* e *Crious* (1). No velho francez *carole* significa a dansa em redor; tanto no inglez *carol*, como no italiano *carola* e tambem no portuguez, este vocabulo exprime um vestigio de um costume celtico. Na comedia *Aulegraphia*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, escripta

antes de 1554, vem esta locução popular: «soltam a *carola* á esperanza.» (Act. IV, sc. 5).

No mesmo Nobiliario se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear* (*Leyr*), o que prova que a corrente celtica se estendeu a Portugal, onde o *Roman de Brut* teve auctoridade historica (1). A influencia franceza é manifesta em muitos romances populares, e mesmo n'este Nobiliario existe outro conto de um fidalgo que mata a mulher adúltera e o frade que estava com ella, incendiando o seu castello e tudo o que estava lá dentro; o mesmo se encontra na *Cem Novellas novas*. No seculo xvi eram os contos francezes conhecidos na sociedade hespanhola pelo nome de *Francias*, o que vem corroborar os factos indicados. Os contos que receberam elaboração litteraria devem essa conservação inconsciente não ao ter-se comprehendido o seu valor nem a uma renovação artistica individual, mas ao andarem ligadas ás lendas genealogicas das familias nobres de Portugal; tal é o conto da Serêa ou *Marinha*, d'onde tira sua origem o solar dos Marinhos, e o conto de *Gaia*, das tradições arabes, que vem no já citado Nobiliario, e se conserva ainda no onomastico local do Porto, em *Gaia* e *Miragaia*. D'estes contos existem algumas imitações litterarias de diferentes épocas da litteratura portugueza; o *Rei Lear* é a base de um Auto de Antonio Prestes; *Gaia* foi metrificada em outava rima no seculo xvii por João Vaz, de Evora, e a *Dama pé de Cabra* foi elaborada de novo por Alexandre Herculano nas suas *Lendas e Narrativas*. Garrett tambem metrificou o conto de *Gaia* em uma série de quadras em redondilha, que intitolou *Miragaia*. São estes os unicos vestigios dos contos populares no seculo xiv.

É tambem um documento da existencia dos contos populares a designação com que entre nós foram conhecidos; as *Fabulas jogralescas*, os *Rumores*, os *Noellaires* provençaes e *Lais* bretãos, apparecem-nos

(1) Livre des Legendes, p. 167.

(1) Vid. estes dous Contos no *Manual da Historia da Litteratura portugueza*, p. 72 a 79.

referidos nos escriptores dos seculos xiv e xv, mas nenhum se conservou pela escripta. No Regimento da Casa de D. Affonso III, estatue-se a presença de tres jograes no palacio, e um d'elles, Martim Moxa, diz em uma canção:

Uns joglares
Sus nobles falares
Soyam dizer...

Affonso IX de Castella, ouvindo um *fablieau* de Ramon Vidal, disse-lhe: «Jogral, tuas *fabulas* são agradáveis e formosas.» É esta a mesma corrente indicada por Martim Moxa, que era como Vidal, da classe dos *Segreis*, ou narradores. O conto allegorico provençal chamado *Noellaire* vem tambem citado por Martim Moxa:

D'estes privados não sei *noellar*...

Na parte perdida do Cancioneiro portuguez do Vaticano é de crêr que os cinco *Lais* apontados no index de Colloci não fôsem somente lyricos, mas sim narrativos. A tradição popular das *Fadas* era aproveitada por estes metrificadores da classe jogralesca, de origem plebêa; diz Martim Moxa, na sua canção:

As nossas *Fadas*
Iradas
San achegadas
Por este *fadar*, etc.

O conto narrado á mesa dos principes e grandes senhores, chamado *Rumor*, acha-se designando este costume opulento da idade média nos versos de Ayres Telles de Menezes; e como significando a tradição em geral, emprega-se nos versos dos *Lusiadas*: O *Rumor* antigo conta, etc. Estas designações nos mostram a existencia de um grande veio tradicional, que a litteratura portugueza desconheceu.

No seculo xv accêntua-se mais na litteratura portugueza a existencia do conto, e são mais evidentes as relações intimas com a corrente franceza. Não se conheceu em Portugal o *Roman du Renard*, mas Fernão Lopes allude a esse cyclo de aventuras na palavra *Raposias*; e no *Cancioneiro de Baena*, d'esta mesma época, corresponde um egual vestigio da corrente litteraria:

Sea asno ó letrado por contradicion
Segunt que del dixo la *sabia raposa*.

(Ed. Pidal, t. I, p. 118).

Na Encyclopédia da idade média portugueza, o

Leal Conselheiro, de el-rei Dom Duarte, citam-se resumidamente os contos da *Manta* e o *Chocalho* ⁽¹⁾ e o das *Duas Barcas*. Este ultimo parece ter inspirado Gil Vicente nos seus *Autos das Barcas* por via da tradição popular. N'este periodo o conto apresenta um caracter moral e ascetico, e é conhecido pelo nome de *Exemplos*, usados nas comparações religiosas dos pregadores. Entre os eruditos a tradição novellesca é conhecida pelo nome de *Estoria*, como o emprega Fernão Lopes, e ainda hoje o povo em muitos pontos de Portugal chama ao conto *Historia*. Pelo *Leal Conselheiro* sabe-se que mesmo na classe aristocratica era costume ouvir contos, tal como entre o povo, que ainda hoje faz *seroadas*, á maneira das *zambras* mouriscas. Os dois termos *Exemplo* e *Estoria* acham-se na prosa de Dom Duarte, alludindo a este costume: «E d'aquesta guysa erramos per este desasseseço: se no tempo de orar e ouvir officios divinos, nós conselhos proveitosos, falamentos ou desembargos, levantamos *Estorias*, recontando longos *exemplos*.» (*Op. cit.*, ed. de Paris, p. 192). O seculo xv é o periodo em que na litteratura portugueza maior influencia exerce o cyclo das tradições epicas da Tavola Redonda; esses longos poemas enchem as estantes das livrarias de el-rei D. Duarte e de seu irmão D. Fernando, e alguns nomes dos seus heroes tornaram-se populares e ficaram no uso do onanastico civil. Tudo isto favorecia o desenvolvimento do conto e lhe dava uma côr cavalheiresca. Infelizmente nada se conservou na fôrma escripta, nem tão pouco resta signal de conhecimento da collecção arabe de *Calila e Dimna*. No Cancioneiro de Baena, onde estão colligidos os versos da aristocracia hespanhola, tão relacionada com a aristocracia portugueza da côrte de Affonso v, acham-se frequentes allusões á collecção de *Calila e Dimna*, signal de que por ventura seria tambem lida em Portugal:

Reyne de Byrra toda su peresa,
E las falsedades de *Cadyna Dyna*
Sean mostradas, porque muy ayna
Gosen las nobles que aman limpieza.

(ed. Pidal, I, 115).

Que mudan discordias, consejos peores
Que *Dina* é *Cadina* con su lealdad.

(ib., p. 119).

Na *Chronica da Conquista de Guiné*, de Azurara, (ed. de Paris, p. 148) cita-se «obras dos *Romãos*» indubitavelmente a *Gesta Romanorum*. No Catalogo dos livros de uso, de el-rei D. Duarte, vem citadas

(1) Entre o povo ainda hoje existe o anexam: *O diabo tem uma manta e um chocalho*.

as collecções hespanholas do *Conde de Lucanor*, as obras do Arcipreste de Hyta e a *Conquista de Ultramar*. Cita-se também a collecção novellesca de João Gower, *Confissão do Amante*, que chegou a ser traduzida por um tal Roberto Payno. É d'este seculo a folha manuscripta da bibliotheca do Porto, que traz a fabula do *Mons parturiens* em redondilhas, e um fragmento de episodio que suspeitamos pertencer á *Historia de Baarlam e Josaphat* (1).

Nos versos de Affonso Valente, colligidos no Cancioneiro de Resende, allude-se á tradição popular: «As Fadas que me fadaram...» E em uns versos de Duarte da Gama, n'este mesmo Cancioneiro, allude-se ao *noellaire* provençal da *Chuva de Maio*. Nas festas do casamento do principé D. Affonso, filho de D. João II, representou-se ás portas de Aviz uma allegoria *fiabesca* ou *Mómo*, em que se prognosticava a ventura do consorcio:

Aqui as Fadas estavam,
Segundo lhes coube em sorte,
Que á princesa fadaram
Cada qual de sua sorte.

(Ayres Telles, st. XXI),

O seculo XVI, a grande época de esplendor da litteratura portugueza, coincide com um maior conhecimento da tradição popular e dos contos, bem como dos cantares heroicos ou Romances. Basta conhecer o phenomeno extraordinario da situação de Portugal em frente da civilisação da Europa desde o seculo XVI até hoje, para deduzir que a sua indiferença pela réforma, pela elaboração scientifica do seculo XVII e pela renovação critica do nosso tempo, deve ser compensada por uma rudeza ingenua, em que se reúnem as condições de vitalidade e interesse das antigas tradições da idade média. Mas essa indiferença produzida pelos terrores de um catholicismo sanguinario e por uma monarchia alliada com o Queimadeiro, atrophiaram este povo, a ponto quasi de se esquecer das suas tradições e ignorar as suas origens. As tradições existem na realidade, mas em um syncretismo resultante de já não comprehender o que repete. Na litteratura portugueza do seculo XVI os maiores escriptores são aquelles que mais se inspiraram das tradições populares, taes como Gil Vicente, Sá de Miranda e Jorge Ferreira de Vasconcellos, como provaremos apontando os contos a que elles alludem. É no seculo XVI que achamos vulgarisadas as principaes collecções de novellas do fim da idade média, e póde-se com certeza affiançar que a influencia franceza dos dois seculos anteriores está aqui substituida pela litteratura italiana. Pelos *Indices Expurgatorios* do Santo

(1) Publicada no livro sobre o *Amadiz de Gaula*.

Officio conhece-se o gráo de vulgarisação d'esses livros de novellas; no Index de 1564, fl. 168, expunge-se: «Boccacio, *Decades, seu Novella centum*»; e a prova de que já esta collecção era anteriormente conhecida, é o achar-se citada no *Espelho de Casados* do dr. João de Barros, que diz: «*João Boccacio fez muitas novellas contra as mulheres*, e d'ellas diz mal no livro da Caída dos Principes» (fl. 128). No *Index Expurgatorio* de 1581, fl. 17, v., cita-se: «*Cento Novelle scelte da piu nobili scriptori de la lingua volgari, con la junta de Cento altre Novelle*»; e n'este mesmo Index vem citado: «*Facecia e motti e burle raccolte per M. Ludovico Domenico e Guiejardin*.» (fl. 19). No mesmo Index (fl. 21, v.) cita-se o *Pecorone di Messer Jovani Fiorentino*. No Index de 1597, fl. 29, enumeram-se entre os livros, cuja leitura era prohibida em Portugal: *Gestas Romanorum et Cymbalum mundi, de Bonaventura Perier*. Por esta lista succinta se póde fazer uma idéa das leituras da classe illustrada, que durante o seculo XVI costumava ir educar-se á Italia.

Nos costumes palacianos e universitarios, o conto tomou uma grande importancia, sobretudo desde que os prégadores os introduziram nos seus sermões a titulo de *Exemplos* (1). Na *Vida do infante D. Duarte*, de mestre André de Resende, se fala d'este uso: «Ora, senhor, deixemos a febre e fallemos em cousa de passatempo. Comecei-lhe então a dizer *patranhas*, com que o tornei alegre.» O pobre infante, victima de uma temente educação catholica, fingiu-se doente para não dar lição ao jurisconsulto Madeira; André de Resende tirou-o da sua apprehensão com contos mentirosos. Aqui a palavra *patranha*, significa o conto imaginoso, e ainda hoje é o nome de desprezo com que se designam as narrativas populares. Nos seus versos, Sá de Miranda referindo-se ao conto de um rei mouro, diz: «Não do rei mouro a *patranha*...» (Ed. 1804, p. 104). Pelo alvará de 23 de setembro de 1538, vê-se quanto se intermettia no ensino publico o conto, substituindo por um pedantismo de moralista a disciplina scientifica; n'esse alvará encontramos: «Eu el-rei, faço saber a vós reverendo bispo reitor dos estudos e Universidade de Coimbra, e aos reitores que ao diante pollos tempos forem, que per quanto ás vezes acontece a lentes nas lições que leem, e nos Autos publicos que se fazem, dizerem palavras de que outros lentes ou letrados, que nos ditos autos estam presentes, recebem escandalo, e assi os ditos lentes nas lições que têm se põe a *contar Estorias* fóra da materia da lição, em que guastam o tempo sem proveito, hei por bem que o lente que cada uma das ditas cousas fizer, por cada vez perqua ho orde-

(1) E folgam de ouvir *novellas*
Que duren noites e dias.

nado da lição d'aquelle dia...» Ainda hoje, com vergonha o dizemos, succede isto mesmo na Universidade de Coimbra, que conserva a immobilidade acintosa, aggravada pela degradação a que a levou o nepotismo cathedratico. O conto tornava-se um lugar commum das conversas. Em uma carta a el-rei D.

Manuel, um capitão da ilha de S. Miguel dizia-lhe: «estou aqui como o *Peregrino de Jerusalem*» por ventura conto perdido na imaginação popular.

(*Continúa*).

THEOPHILO BRAGA.

A NOSSA ACADEMIA

(A PROPOSITO DA REJEIÇÃO DE RENAN)

(A ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

A nossa Academia de Lisboa,
Dormente instituição de neo-grades,
Tem feito mal a muita gente boa,
Bem—apenas a algumas nullidades.

Bem, quer dizer, soprou-lhes as vaidades,
Fêl-os inchar, alevantar a prôa;
Mas como a fama pelo bairro sôa,
Elles exploram taes formalidades.

N'este ponto de vista espero um dia,
Em podendo dispôr de algum dinheiro,
Dar uma ceia e entrar na Academia,

Fulminar os atheus, caturra, ordeiro,
E, matando de inveja o meu barbeiro,
Ser a gloria da minha freguezia.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

O ENSINO GEOGRAPHICO

(*Conclusão*)



Para completar o esboço traçado nos artigos precedentes ácerca das bases do ensino da geographia, apontaremos muito succintamente como se deverá realizar o estudo da geographia politica.

É hoje ponto assentado, que este ramo das sciencias geographicas brota naturalmente do tronco—physica do globo e geographia physica. É por isso que o exame, maduramente exercido, de cada um dos phenomenos, produzidos na sociedade, dimana do conhecimento anteriormente obtido, do que respeita a descripção e pintura physica do paiz.

D'esta sorte tem cabida o fixar como axiomatico, que a sociedade não póde alterar as leis primitivas da natureza, cujos phenomenos estão subordinados a leis fundamentaes. O mais que os homens poderão fazer, é guiar, para um determinado fim, após laboriosas investigações e observações, as forças do cosmos, e modificar,—permitta-se a expressão,—a fórma exterior d'uma dada região. Qual deverá ser a ordem mais racional no estudo da geographia politica? A que mais recentemente se adopta nos paizes estrangeiros é a seguinte:

1.º Indicação da posição geographica do estado ou paiz e das fronteiras.

2.º População absoluta e relativa, encarada, nas

varias porções d'uma região, como resultado da differença local entre os meios d'existencia fornecidos ao homem pela natureza, e os que se alcançam da actividade da sociedade, facto que modifica mui sensivelmente os phenomenos naturaes.

3.º População do paiz, ethnographica e religiosamente considerada. E' mister não olvidar, na apreciação das diversas nacionalidades constitutivas da população d'um paiz, as suas particularidades caracteristicas, que são o effeito necessario da influencia permanente exercida pelo territorio, e tambem o producto do desenvolvimento gradual da vida intellectual, resultado do influxo dos demais elementos de vida social.

4.º Gráo d'instrucção da população e fórma do governo, que ambas actuam enormemente na productividade das forças physicas da natureza e das forças intellectuaes do homem.

Apreciando o estado da instrucção publica, cumpre marcar os meios d'educação de que se póde dispôr, e as causas que em certos paizes difficultam e até mesmo matam o seu desenvolvimento.

5.º A industria publica, todos o sabem, é o resultado final das condições da natureza do paiz e do gráo de civilização do povo. E' claro que as condi-

ções da natureza hão de ser consideradas como razões directas ou indirectas da existencia de designada industria no paiz, e com a unica razão do desenvolvimento das que exploram as materias brutas. Vê-se evidentemente que no ultimo caso o gráo de cultura do povo é uma circumstancia, que concorre para o incremento da industria predominante, mas elle, por si só, não póde crear uma nova industria, incompativel com a natureza do paiz.

6.º Não se omittirá que as habitações do homem, tanto ruraes como urbanas, são o producto ou effeito do theor de vida do povo, da densidade da população do gráo d'instrucção e da industria predominante.

Não é necessario prestar demasiada attenção á descripção topographica das cidades. As construcções

caracteristicas e os edificios notaveis pertencem aos dominios da historia. Sabemos, que a esses objectos não deve ser estranha a geographia, mas estudal-os miudamente em um curso d'esta sciencia, é augmentar inutilmente as materias de ensino estabelecidas pelos programmas. Descrevendo-se as cidades, basta assignalar apenas as particularidades topographicas, que caracterisam o seu desenvolvimento industrial e commercial, bem como o do paiz.

A differença de physionomia, que se observa actualmente nas diversas cidades europeas, deriva, quasi em todas ellas, da vida passada ou anterior dos povos, e tem, portanto, um interesse historico e não geographico.

ALFREDO OSCAR MAY.

N'UM DIA D'ANNOS

A A. C. R. da C.

A gloria, quando tu, ousado e pequenino,
Corrias sem temor nos pincaros do monte,
Ou ias, descuidado, errante, sem destino,
Mostrar o rosto alegre ao espelho d'uma fonte.

Sorria-se, e dizia:—assim pelas agruras
Da vida, ó filho meu, teu genio ha de pairar,
Medir sereno o abysmo, erguendo-se ás alturas,
Brilhante como o ceu, profundo como o mar!

Mas, sempre que o rumôr dos bravos calorosos
Teu seio fatigar, e anceies o repouso,
Na fonte do teu lar teus labios sequiosos
Virão libar do amor o incomparavel gôzo!

Coimbra, 30 de março
de 1877.

AMELIA JANNY.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

(Continuado do n.º 9)

E no entanto os liberaes discutem entre si as fórmas de governo mais adequadas ao espirito do seculo. Descuidados e imprevidentes discutem principios, analysam systemas, desvanecem-se com pequeninas victorias, entoam lóas ao futuro e olham o adversario commum tão do alto do seu desdem, que nem de leve lhe suspeitam a grandeza. Julgam-n'ó pequeno pelo facto de que lhe não convém a elle apresentar-se grande, porque, pretendendo avassalar com as trevas, occulta-se na escuridão e some-se na humildade da sotaina.

O combate é desigual e absurdo; mas ha de prolongar-se assim. Ha de prolongar-se, porque, como a idéa não morre, o partido liberal tem de vencer. Ha de prolongar-se, porque o outro é mais astuto, mais habil, mais insidioso. Em quanto um paira nas alturas, o outro rasteja pela terra. Um é o sol que illumina, o outro é a mão que semeia. O sol, allumiando e aquecendo, dá vida a tudo o que abrange;

amadurece a espiga e faz crescer o parasita que lhe rouba os succos. Assim, á luz benefica da liberdade e sustentando-se d'ella, se conserva a reacção, tomando alentos da tolerancia que combate.

É necessario que os homens de fé e de crenças opponham cruzada a cruzada, propaganda a propaganda. Insistencia, trabalho e affinco no estudo do mal; esforço e união na luta grandiosa e ultima que deve espargir a frouxo a luz da nova idéa.

Se a liberdade, se a egualdade, se os principios, que são o verbo e o credo dos codigos liberaes, tendem todos a proteger o fraco contra o forte, a desopprimir os pequenos, a libertal-os de aviltamentos e servidões, a abrir-lhes os aditos do futuro, a fazel-os tomar parte fraternal no convivio da humanidade, d'onde vem que os fracos, os pequenos, os inermes, que esses principios redimem, são o maior obstaculo para a effectividade de taes principios? É que os fracos não estendem os braços para o amparo que se

lhes offerece, porque o não devisam. Os pequenos não acolhem alvoroçados os principios liberaes, porque lhes não conhecem os mirificos effeitos. Os cegos não reclamam a luz, porque a essa palavra não sabem ligar uma idéa.

E os que pretendem esclarecel-os e dotal-os esquecem-se ou não attendem a que nem todos os espiritos pôdem alar-se á altura dos iniciadores; que as intelligencias precisam tanto do cultivo para produzir, como a terra de adubo para crear; que aos encerrados nas lobregas estancias da ignorancia é, primeiro que tudo, preciso fazel-os atravessar gradual e lentamente espaços de luz diffusa e branda. Apresentar os que sahem das trévas em face da limpida irradiação solar é mudar-lhes a cegueira. Com as pedras rendilhadas para as soberbas edificações manuelinas, que ainda hoje possuímos, mal se poderia construir o pavimento das estradas, que nos vão dando ao paiz uma circulação vivificadora.

Assim no mundo moral não edificaremos nunca sem havermos preparado o terreno, polido e cinzelado os materiaes, criado as correlações, marcado os logares. Desbastar, polir, esclarecer, educar; depois edificar. Sem isso não percâmos forças, não barateêmos riquezas, não desperdicêmos trabalho. Não se consolidará nunca o edificio, sem que as pedras estejam talhadas de molde. O architecto verá desabar a abobada, antes de collocar o fecho.

II

«Toute loi, tout regime qui serait contraire aux idées et aux moeurs du pays, n'aurait que la durée d'une mode de chapeau ou de gilet.»

Encerram estas palavras uma verdade muito conhecida, que Alphonse Karr não fez mais que consignar.

Se pela novidade, pela surpresa ou pelo magnetismo da eloquencia se consegue impôr a uma nação qualquer fórma de governo, para que não haja sido preparada, esse governo terá necessariamente vida ephemera e trabalhosa.

Está averiguado, pela observação dos factos, que a natureza tem tendencia para se reproduzir, e que as cousas se repetem pela simples razão de que anteriormente se produziram assim.

Tem o mundo moral a mesma tendencia.

Applicando a um cadaver a pilha galvanica, esse cadaver anima-se, agita-se, ergue-se, mas não deixa por isso de ser cadaver, e de cair logo que afrouxe ou cesse a força estranha que o sustenta.

Fazer vingar uma revolução é a phase menos difficil d'ella. Ditar um codigo liberal e justo é mais difficil, mais grave, mas não é ainda o ponto culminante do problema social. A suprema difficuldade não é levantar o rochedo, é equilibrar-o no vertice da montanha.

Posto isto como principio e admittido como verdade, será que a voz do desanimo chegue aos que combatem? Reconhecendo a impotencia dos esforços e dos trabalhos encetados, reconhecendo que caminham sobre um terreno minado e falso, que d'um instante para o outro pôde aluir e sorvel-os, pensarão em depôr as armas do combate, á mingoa de fé na causa? Não.

Proseguir e caminhar sempre; mas caminhar organizados e disciplinados. Fazer menos para fazer bem. Caminhar de modo que o trilho fique bem visível e pronunciado. Andar menos caminho, mas caminhar em columna cerrada e potente.

Para ir assim é necessario retrogradar; principiar de novo, mas sem hesitações nem incertezas.

Virão unir-se ao troço do exercito os mais imprudentes e ousados, os que aventurando-se ao fogo de guerrilhas queimaram polvora inutilmente. Depois, juntos e fortes pela união, estudar o terreno para proseguir; parar para organizar.

E a organização forçoso é que seja a divisão do trabalho. Na primeira fila os mais ardentes e os mais habéis movendo a roda do prelo, essa metralhadora que vomita idéas. Movendo-a para crear o livro, para vulgarisar o jornal. Mas para aproveitar o jornal e para entender o livro é preciso, primeiro que tudo, ler... e o povo não lê. Não lêem uns, porque não sabem, não lêem outros, porque não querem, e não lêem todos, porque lhes não ensinaram o para que isso sirva. O livro é para o menor numero, e o jornal, comquanto tenha areia muito mais vasta de exploração, encontra ainda muitas povoações fechadas ao seu benefico influxo.

(*Continúa*).

JULIA FERREIRA.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUCÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(*Continuação*)

O louco assentou-se porém tranquillamente com todas as apparencias de um homem perfeitamente senhor de si, e começou a discorrer sobre a importan-

cia e sobre a necessidade da consciencia medica em termos tão cordatos, com razões tão bem deduzidas e num tom tão circumspecto, que o doutor, ao

pé d'elle, contrariado e nervoso, tinha movimentos tão febris, que se entrasse naquelle momento ali um magistrado, teria prendido o medico e não o doido.

—Esteja socegado, senhor, continuou o doente, porque essa agitação não lhe serve de nada; ha de ir até onde eu quizer. Responda-me: o segredo medico obriga o medico?

Era preciso responder.

—Obriga, respondeu o doutor, excepto quando o medico deve ceder o passo ao homem e o dever profissional ao grande dever social.

—Por conseguinte não declara ao sr. Humbert que ha dois Paulos Didier?

—Não.

—Então que lhe diz?

—A minha boca, como a minha porta estão fechadas para elle como para si. E deixe-me.

—Muito bem; supponho-o sincero a si e a mim doente. Que prognostica o doutor da minha doença?

—Tudo o que é preciso para legitimar os conselhos que lhe dei ha pouco.

—E se se enganasse?

—Continúa a sabatina? perguntou o doutor impaciente; tenho mais que fazer.

—Muito bem; eu deixo-o já. Tome, porém, sentido nas minhas ultimas palavras. O doutor prometteu estrangular-me. Ora eu declaro-lhe que me não deixarei estrangular, e que adoro Helena; quero-a e tenho uma excellente saude.

E, Paulo, ao dizer isto, bateu fortemente no peito, que deu um som vigoroso; mexeu rapidamente os braços e as pernas, para demonstrar a sua agilidade e depois deu tres grandes saltos no sobrado.

—Vou enviar-lhe uma segunda vez o sr. Humbert; se o doutor o não receber ou se lhe não responde de fórma a ser-me restituída aquella que o encarregaram de me roubar... pois bem, tão certo como estarmos aqui, mato-o.

Ao ouvir estas palavras o doutor, que se tinha até então contido a custo, exaltou-se subitamente e clamou:

—Mata-me? Mas era a mim que me cumpria matar-o a si, creatura mal nascida e perigosa, que eu tenho entre as mãos e que não deveria largar senão depois de morta! Sim, epileptico, doido, maniaco, é o que o senhor é, já que o seu estado de insanidade, neste momento lucido, lhe permite ouvir-me. E o suicidio ou o homicidio é com effeito o termo, a explosão final do seu estado morbido.

É fatal num minuto, num mez, num anno.... a questão é só de tempo.

Já aqui o vi a braços com os seus ataques. Póde escapar á repetição d'elles, mas em todo o caso o senhor é um organismo viciado, que é preciso eliminar. É meu dever velar pelos interesses da humanidade. E o senhor para ella não passa d'um aborto, d'um monstro! Tratei-o ao principio com bondade, como a um desgraçado, com carinho como a um amigo: pareceu-me por um momento que o seu coração sentia, comprehendia...

E o doutor calou-se para vêr o effeito d'estas ultimas palavras no rosto do louco, que ficou impassivel; depois estendeu-lhe a mão, que este repelliou.

—Tem razão; tréguas á sensibilidade, continuou o doutor passeando agitado no gabinete e como falando consigo proprio. Sim, sejamos implacaveis como a guerra, que poupamos demasiadamente; é preciso refazer tudo e principalmente o ser humano. Neste mundo de orates, o homem occupa-se da selecção dos seus bois, dos seus cães, dos seus cavallos, sem pensar na sua propria, como se o aperfeiçoamento da sua raça lhe tenha de cair das nuvens qualquer dia prompto e completo. A fraqueza, o envenenamento, a morte são respeitadas e conservadas tão luxuosamente como deuses. Ah! O senhor contém em si um espantoso germen de doenças, de degradações, de impotencias, de dores, de martyrios, e hei de deixal-o semear esses germens tranquillamente?! hei de deixal-o ir á reprodução legal, á pacífica eternisação de todas aquellas miserias?! Não, mil vezes não!... A longa imbecillidade d'este crime não deve durar mais; é preciso que chegue o dia da sciencia; e chega; a separação entre os bons e os máos vai fazer-se, porque só ella é a justiça celeste.

É no seu entusiasmo o doutor avançava direito para o louco.

—Bem vê, o meu dever era supprimil-o. Vá-se embora.

E impelliou-o para a porta.

—Até amanhã, disse energicamente da porta Paulo Didier. Dou-lhe vinte e quatro horas para reflectir.

—Bem, respondeu o doutor, póde matar-me quando quizer, mas não se casará.

—Até amanhã.

(Continúa).

PUBLICAÇÕES

MUSEU TECHNOLOGICO—Vol. 1.º n.º 1—Director
—M. da Maya Alcoforado.

A industria portugueza, como tudo o que neste paiz demanda actividade physica e intellectual, vive na somnolencia fradesca da nossa ineptia nacional e no sybaritismo dos seus queridos direitos protectores.

Em Portugal ha quatro milhões de individuos, que concorrem annualmente com uma verba avultada para

sustentarem na inutilidade e na ignorancia dez ou doze industrias portuguezas com 150 ou 200 exploradores d'essas industrias, grandes eleitores e aos quaes por isso o estado precisa de proteger, a pretexto de auxilio ao trabalho nacional. O motivo real vem a ser a protecção á industria do voto, a verdadeira e quasi unica industria portugueza.

Por exemplo: Portugal não está em circumstan-

cias de fabricar obras de ferro; faltam-lhe para isso as mais fundamentaes e importantes condições de exito, que são a materia prima e o combustivel. E' preciso, porém, que Portugal tenha fundições, porque o contrario seria uma vergonha nacional.

E que se faz neste caso? Contribue-se vergonhosa e brutalmente a obra de ferro importada e por fórma que o ferro por obrar e o carvão possa ser trazido do estrangeiro, e arranja-se assim uma industria nacional para gloria dos lusos e proveito de meia duzia de sujeitos, á custa do sacrificio pecuniario de todos os habitantes d'este paiz, com excepção da tal meia duzia. Apesar de tudo isso, porém, a industria nacional, como criança estragada de mimo, adormece nos braços da sua querida protecção, e quando mal o pensa, tem a industria estrangeira a puxar-lhe as orelhas. A industria portugueza berra, clama pela mamã e é preciso accommodal-a com dôces. Elevam-se por isso os direitos de pauta e os artefactos estrangeiros tem novamente de fugir.

A industria estrangeira, porém, estuda, trabalha, progride, e um dia pôde concorrer novamente ao nosso paiz com as industrias indigenas.

Novo puxão de orelhas, novos berros da criança e nova elevação de direitos de importação. E assim successivamente, de modo que a melhor e unica historia da industria em Portugal está nas cifras das pautas das nossas alfandegas.

A publicação que temos á vista, — *Museu technologico* trata de encaminhar a industria portugueza na unica direcção possivel para a sua sustentação e desenvolvimento, dando noticia do que fazemos, aconselhando o que devemos fazer, indicando e discutindo os nossos processós e comparando-os com os processos das industrias similares dos outros paizes.

O numero 1.º, unico publicado, é como uma introdução ao jornal e trata da classificação das industrias e da historia a largos traços do seu desenvolvimento. O director d'esta revista, o sr. M. da Maia Alcoforado, revela-se um escriptor elegante, erudito e correcto. Tem a consciencia da necessidade e da oportunidade d'uma tal publicação, e apresenta-se por isso com a seriedade d'um homem que cumpre um grande dever social, ensinando, simples e desambiciosamente, o que sabe a um paiz onde tão poucos se dão ao trabalho inglorio de estudar a industria, esta incarnação quasi divina do enorme trabalho scientifico da mundo moderno.

— ESTUDOS JURIDICOS Á CERCA DO PROJECTO DE CODIGO DO PROCESSO CRIMINAL, do conselheiro José da Cunha Navarro de Paiva, por Francisco José Medeiros. — O unico poder do estado que em Portugal dá ainda algumas garantias de seriedade e de dignidade é incontestavelmente o poder judicial, e muitas mais poderia dar, e ha de dar com certeza, logo que a nossa monstruosa e cahotica legislação seja raccionalmente codificada e que na propria organização judiciaria se introduzam as refórmas, que ella está pedindo instantemente.

O sr. Navarro de Paiva, espirito que reúne a um grande entusiasmo liberal uma alta competencia juridica, acaba de fazer um louvavel e generoso esfor-

ço, com a apresentação do seu *Projecto de Codigo do Processo Criminal*, para eliminar da administração da nossa justiça umas velhas fórmulas obseleatas e absurdas, introduzindo-lhe refórmas em harmonia com o direito moderno.

O livro que temos á vista é um estudo do sr. Francisco José Medeiros, delegado em Chaves, sobre aquelle projecto, estudo feito com a maxima consciencia e independencia, e acompanhado d'uma replica do proprio auctor do Projecto ás observações do sr. Medeiros. E' uma discussão instructiva e delicada, e que deve aproveitar a todos os que se entregam a estudos de direito. Confessamos-nos incompetentes para apreciar em todo o seu valor scientifico o trabalho do sr. Medeiros, mas agradou-nos immensamente o livro pela incisão da argumentação, pela urbanidade e independencia da critica e pela humbridade do elogio.

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA E A PROPOSTA DE LEI Á CERCA DO BANCO DE PORTUGAL, por J. J. Rodrigues de Freitas.

Chegam a ser vergonhosas de ineptia as repetidas provas de ignorancia dos mais rudimentares principios das sciencias economicas que os governos dão quotidianamente em Portugal. Os casos mais graves da politica e da administração, são resolvidos pela facil metaphysica do *à priori*, lyricamente, sentimentalmente, na systematica insciencia de todas as condições scientificas e positivas das questões. Empobrecem-nos a emigração?... Nomeia-se uma comissão para estudar o assumpto; a comissão reúne-se duas vezes por anno, exhibe discursos academicos, deita relatorio sentimental, cheio de estylo e de banalidades, e a questão fica justamente no mesmo ponto em que se achava. E' pessima a instrucção secundaria? Nomeia-se outra comissão, que exhibe discursos, que deita relatorio e que não adeanta um ponto no assumpto. Ha uma crise monetarea, arruinam-se fortunas, quebram os bancos, paralysa-se o commercio, supprime-se as transacções, a industria definha? Outra comissão, que não chega felizmente a exhibir relatorio, nem estylo, e que é esmagada na casca pela celebre lei sobre a reconstituição do banco de Portugal, na qual lei se estatue o privilegio da emissão de notas, o juro de 5 o/0 para as operações a 3 mezes e outras cousas engraçadas como se os phenomenos sociaes e mesmo meteorologicos e sideraes tivessem, para se produzirem, de pedir licença ao governo portuguez. O sr. Rodrigues de Freitas, espirito em que nós admiramos e apreciamos tanto a forte educação e competencia scientifica como a elevação moral e a austeridade politica, trata, no folheto que temos á vista, esta grave questão economica com a profundeza d'um verdadeiro professor e com a proficiencia d'um especialista. E' um pequeno livro instructivo e moralizador.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

ERRATA

A paginas 68 do n.º 9 d'esta revista, linha 25, onde se lê:

Naquella noite ao glacial da tarde—deve lêr-se: —Naquella noite ao glacial lethargo.

A EVOLUÇÃO



Maio

1877

NUMERO 11

LITTERATURA DOS CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Continuação)

O desprezo pelos contos populares foi-se tornando mais pesado á medida que prevaleceu a erudição na litteratura, e este veio tradicional chegou a perder-se completamente; Soropita, o editor das lyricas de Camões, falla d'esses contos do fim do seculo xvi com um desdem notavel: «Primeiramente, assim no tapete da obra appareceram certos aventureiros pagens da lança da tolice, cujo officio é contar contos prolixos, de uns certos manganazes desencadernados, que primeiro que puguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma; e os ditos meios assim lhes aguardam pelo fundo da alma, como se de suas mãos houvesse de sair as táboas d'Apelles. E se vem á mão, ou por a *historia* não ser tão branda que se deixe facilmente conversar, ou pelos seus entendimentos serem de ferro, tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas vezes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio como se nunca ouviram nada». (*Poesias e Pros.*, pag. 103).

Este desprezo caracteriza em geral a litteratura portugueza, cujos escriptores estiveram sempre em contradição com a alma popular; fazem uma excepção a esta regra Jorge Ferreira de Vasconcellos, Sá de Miranda e Gil Vicente, os quaes pela sua comprehensão das tradições se tornaram profundamente nacionaes. Antes de Perrault colher da tradição oral o conto da *Cendrillon*, já elle era conhecido em Portugal, como vemos pela comedia *Ulyssipo*, escripta por 1546; ahi diz Jorge Ferreira: «Pois eu tambem não quero *Gatas borralheiras*.» (Fl. 32; e fl. 14). É este o titulo com que a *Cendrillon* é conhecida entre o povo portuguez.

O conto ainda hoje repetido entre o povo, as *Tres Cidras do Amor*, já por nós publicado de uma versão do Porto, acha-se citado por Soropita, no fim do seculo xvi: «Se não quando, falando com referencia, appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.»

(*Poes. e Pros.*, pag. 103). Na *Grammatica* do chronista João de Barros, a proposito de uma figura de dicção, vem narrado o conto de um pae que deixa a herança a um amigo com a condição de dar ao filho o que quizesse; (op. cit., p. 170) este conto estava já seculos antes colligido no *Novellino*.

Sá de Miranda introduz nas suas obras *contos e fabulas*, quasi sempre de origem litteraria; uns vêm narrados por inteiro, como a *Fabula do Rato do campo e o rato da cidade*, e o noellaire provençal da *Chuva de Maio*; do *Cavallo que se deixa enfrear para vencer o seu inimigo*; do *Bacoro ovelheiro*; e a fabula philosophica de *Psyche*. Outras vêm simplesmente esboçadas ou alludidas em um verso; taes são:

A cabeça os membros manda, (pag. 39)

alludindo á fabula entre os membros e a cabeça, attribuida a Mnenio Aggripa, a qual já se encontra nos *Avadanas* traduzidos do chinez por Stanislas Julien. Seguem-se outras fabulas alludidas no texto:

Ao Leão deram a corôa
Entre a gente montesinha... (p. 39)

Com que lhes fazem das leis
Fracas têas das aranhas. (p. 40).

Diogenes, claro o dia. (p. 59 e 72).

Em outros versos allude á fabula da *Cigarra e da Formiga*:

Ajunto como as Formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á Cégarrêga em rosto
No dezembro que bailasse,
Pois cantára em agosto. (p. 59).

Cita tambem a fabula de *Apelles* (p. 119) e o *Par-*

to da montanha (p. 144). Estas fabulas litterarias têm um ponto de contacto com o conto, na moralidade final, e confundem-se entre si com o titulo de *Exemplos*, designação frequentemente empregada por Sá de Miranda e Gil Vicente:

Como diz o *Exemplo* antigo:
Que não são eguaes os dedos.

Ainda hoje entre o povo portuguez é vulgar a locução: *Como diz o outro*, com que precede todos os seus aforismos. É em Gil Vicente que se encontra a maior riqueza para se recompôr a área da tradição popular portugueza; o conto da *Bilha de leite*, sobre que Max Müller fez uma monographia importante por onde demonstra a universalidade das tradições, acha-se em uma fórma ingenua no auto de *Mofina Mendes*, que o illustre philologo desconheceu, e que pertence ao primeiro quartel do seculo xvi. N'esse conto escreve Gil Vicente:

Vou-me á feira de *Trancoso*... (t. I, p. 117).

Trancoso, na Beira, era no seculo xvi um centro popular de contos, prophcias e superstições; d'ali são naturaes os dois escriptores mais populares, Gonçalo Eannes Bandarra, cujas prophcias se ligavam ao futuro da nacionalidade portugueza, e Gonçalo Fernandes Trancoso, celebre pela sua collecção de *Contos proveitosos*, de que abaixo fallaremos. Da Beira saíram os typos populares dos *Ratinhos*, dos autos hieraticos do seculo xvi, nome tomado da simpleza dos moradores de *Rates*; e o conto popular de João *Ratão*, é uma synthese d'este typo nacional de Marculpho.

Gil Vicente cita nos seus autos cançonetas e musicas francezas, e no auto da *Floresta de Enganos*, traz a scena do *Doutor Justiça Mayor*, que já se acha no conto xvii das *Cem Novellas novas*; isto provém do resto da influencia franceza, a que obedecemos no seculo xv. Gil Vicente abunda em allusões á crença popular das *Fadas*, thema fundamental dos contos:

—*Más fadas* que me fadaram. (Obras, t. III, p. 19)

—*Boas fadas* vós hajaes. (Ib., t. II, p. 45)

—Bom prazer veja eu de vós
E *boas fadas*. (Ib., t. III, p. 93).

—Ando nas encruzihadas
As horas que as *boas Fadas*
Dormem somno repousado. (Ib.)

Esta distincção entre *boas fadas* e *más fadas* tambem se conserva nos proverbios populares portuguezes:

—De gallinhas e *más fadas*
Cedo se enchem as casas.

—Quem *más fadas* não acha,
Das *boas* se enfada.

—Cerejas e *más fadas*
Cuidaes tomar poucas
E vem dobradas.

—Cá e lá, *más fadas* ha. (Delic., *Adagios*)

A tradição erudita das *Sereias*, chamadas, pelo povo das ilhas dos Açores, *Marinhas*, acha-se com este mesmo nome em Gil Vicente. Nos *Cantos populares do archipelago açoriano* (n.º 32, p. 271) um romance começa:

Escutae, se quereis ouvir
Um rico, doce cantar,
Devem de ser as *Marinhas*,
Ou os peixinhos no mar.

Elle não são as *Marinhas*...

E no romance n.º 28, da mesma collecção: (p. 259)

Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céu,
Ou as *Sereias* no mar.

Estas citações indicam a fonte tradicional onde Gil Vicente soube inspirar-se:

Vae logo ás ilhas perdidas,
No mar de penas ouvinhas,
Traze tres *fadas Marinhas*,
Que sejam mui escolhidas. (Ob., t. III, 101)

No *Auto das Fadas*, representado por Gil Vicente diante de D. João III, perseguidor incansavel das inoffensivas superstições populares, o poeta pede tolerancia para a innocente credulidade. Ali evoca as *Fadas Marinhas*, que vêm fadar o rei, a rainha e os infantes. Se Gil Vicente tivesse tido a liberdade de Shakespeare para dar fórma a uma creação como o *Sonho de uma noite de S. João*, não lhe faltava um sentimento do lyrismo natural. N'este auto as *Fadas marinhas* cantam:

Nós partimos caminhando,
Com lagrimas suspirando,
Sem saber como, nem quando
Fará fim nossa jornada;
Qual de nós vem mais cansada
N'esta cansada jornada.

Na comedia de *Rubena*, representada em 1521, Gil Vicente introduz duas Fadas cantando, com os mesmos attributos com que figuram nos contos. A *Fada*, que recebeu pela fatalidade da nossa ethnologia um caracter maritimo e se confundiu com a *Sereia* ou *Marinha*, tambem pelas nossas relações com o arabe adquiriu uma nova feição, é a *Moira encantada*. A *Moira* é para o povo portuguez a fada que guarda os thesouros escondidos; é sempre uma donzella arabe, que vive sob fascinação invencivel, desde que os sarracenos foram expulsos da Peninsula pela reconquista christã. Ainda hoje, quando o povo portuguez quer fixar uma época remota, exprime-se pela phrase generica: *No tempo dos Mouros*. Em Gil Vicente encontramos formulada a crença popular:

Eu tenho muitos thesouros
Que lhe poderão ser dados,
D'elles do tempo dos Mouros,
D'elles do tempo passado.

(Ob., t. II, pag. 489).

Nas *Córtes de Jupiter*, Gil Vicente introduz uma *Moira*, que vem fadar a infanta D. Beatriz quando partia para Saboya:

E a *Moira* ha de trazer
Tres cousas que vou dizer
Para do Estreito ávante:
Um *anel* seu encantado,
E um *didal* de condão.
E o precioso *terçado*
Que foi no campo achado
Depois de morto Roldão.
O *terçado* para vencer;
O *didal* é tão fecundo
Que tudo lhe fará trazer;
O *anel* para saber
O que se faz pelo mundo.

(Ob., t. II, p. 415).

O dote que a Fada concedia chamava-se *Condão*; n'este verso de Gil Vicente: «o *terçado* para vencer» allude-se ás espadas magicas, tradição que se liga á historia portugueza na lenda da espada invencivel do condestavel Nuno Alvares Pereira. A comprovação de

um vasto campo de tradições populares no seculo XVI, explica-nos o apparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, auctor dos *Contos e historias de Proveito e Exemplo*, para os quaes chamamos a attenção dos eruditos europeus, que estão formando a nova sciencia da litteratura comparada.

A collecção de Trancoso compõe-se de vinte e nove contos, uns derivados immediatamente da tradição popular, outros de fontes eruditas, confundidos em diffusos commentarios catholicos e difficilmente narrados; ainda assim os *Contos proveitosos* são bastante importantes para o estudo comparativo.

Diremos algumas palavras da personalidade de Trancoso, tão ignorado pelos bibliographos portuguezes; como já deixamos notado, era este novellista natural de Trancoso, na provincia da Beira, d'onde veiu viver para Lisboa, exercendo aqui a profissão de mestre de humanidades, isto é, ensinando latinidade e rhetorica, em um tempo em que estas disciplinas não eram ainda privilegio exclusivo dos jesuitas (1555). Nos seus contos refere-se: «ao glorioso S. Pedro, cujo freguez sou»; d'aqui se deduz que vivia na freguezia de S. Pedro de Alfama, e por ventura no archivo d'esta freguezia existirão assentos do seu casamento e obito.

A época em que Trancoso se fixou em Lisboa é anterior a 1544, bem como quando começou a escrever os seus Contos. Elle mesmo diz, contando a historia de uma armadilha de jogo: «e elle levava consigo duzentos e vinte *reales de prata*, que era isto o anno de 1544, que havia quasi tudo reales». (Contos, p. 153).

No conto XIII, da primeira parte, que versa sobre o anexim do *real bem ganhado*, allude outra vez a esta moeda: «o qual com muito contentamento por ver que soube escolher, lhe deu *um real*, em dois meios, como ora costumam». (Ib., p. 46). E tambem: «meteu *real e meio* na mão». (Ib., pag. 247). Estas allusões fixam irrevogavelmente a época em que escrevia Trancoso.

Uma das circumstancias que levaram Trancoso a redigir os seus Contos, no meio do pedantismo erudito do seculo XVI, foi o terror que espalhou a *Peste grande* de Lisboa, no anno de 1569; esta circumstancia faz pensar na peste de Florença, que determinou Bocaccio á composição do *Decameron*.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

DEPOIS DE MORTA

Quando jazer teu corpo inanimado
Na fria solidão da terra escura
E o teu seio de rigida brancura
Fôr pelos vermes sensuaes beijado.

Ó minha idolatrada creatural
Teu mudo coração triste e gelado
Ha de florir num lyrio immaculado.
Do teu amor contendo a essencia pura.

N'uma noite calada e luminosa
Irei cortar a flor mysteriosa
E deposta n'um calix de crystal,

Ao vago aroma que exhalar do seio
Recordarei o casto devaneio
Do teu primeiro beijo virginal.

Porto.

TORQUATO GRAVE.

ESTUDOS POPULARES DE HYGIENE PUBLICA

A emigração para o Brasil

A emigração dos portuguezes para o Brasil despertou nos ultimos annos a attenção do publico, que intuitivamente prevê os pessimos resultados, que d'ahi podem advir, no extenso desenvolvimento por ella atingido. Os poderes do estado, têm, por vezes, procurado estudar as causas que a promovem, e encontrar os meios de a impedir, sem que, com verdade o digamos, se tenha chegado a resultados práticos satisfatorios.

Não queremos neste rapido estudo apreciar as opiniões, até hoje manifestadas, sobre o modo de tolher a crescente impulsão da emigro-mania, favorecida pelos esforços dos engajadores. O nosso fim é mais restricto. Todavia sempre diremos que entre a repressão immediata, prohibindo a emigração, e a repressão mediata, instruindo o povo dos inconvenientes que ella acarreta, somos por este segundo alvitre, embora adoptassemos provisoriamente o primeiro, emquanto se não generalisasse e calasse no animo da população a educação neste sentido. Este ponto importava largos desenvolvimentos.

Como problema de hygiene publica, e é neste campo que o esboçaremos, a emigração abrange vastos horizontes. Se a regeneração de um povo depende, como está provado, da sua organização physiologica, é claro que se não póde esperar a regeneração do povo portuguez de um phenomeno destinado, em nosso juizo, a subverter completamente as naturaes condições de vida, de intelligencia e de moralidade, que podiam esperar-se, aproveitando os nossos elementos nacionaes.

Compreender-se-ha melhor a nossa idéa, exemplificando. Supponhamos em primeiro logar um emigrado, nas melhores condições de vida, robusto, valido, novo, solteiro. Quando desembarca no Brasil encontra immediatamente emprego, e trabalha um certo numero de annos, depois dos quaes volta ao paiz com alguma riqueza. Neste tempo sujeitou-se a varias influencias nocivas e irremediaveis: habitou uma terra hostil pela sua temperatura, pela rapidez das mutações atmosphericas, pela abundancia da humidade, pela existencia, em vastissima escala, de toda a especie de febres—febre amarella, cholera, typhos, intermittentes, remittentes de todas as fórmas—pelo apparecimento quasi fatal das molestias dos testiculos, do figado, do baço, dos intestinos, pelos acasos do amor facil e seu cortejo habitual,—a syphilis;

teve os excessos do trabalho, as noutes mal dormidas, a alimentação má, a falta de aceio proprio; lutou com a nostalgia, com as preoccupações do ganho, com as incertezas do futuro. Quando voltou, trouxe alguns contos de reis, um organismo devastado por aquelles inimigos e vontade de tomar estado. Casou, fabricou uma casa, comprou algumas propriedades, e produziu uma prole, que necessariamente mostra, como testemunho da vida do pae, a escrophula, a phtisica, a chlorose, o cancro, a surdo-mudez, o idiotismo e tantos outros males. Uma familia assim extingue-se á segunda geração.

Como este exemplo muitos outros ha; mas a maior parte acham-se em peiores condições. Os curados de alguma enfermidade, ou naturalmente debeis á partida, não encontram trabalho apenas chegados, ou se o encontram, é superior a forças minadas pela fraqueza primitiva e por influencias deleterias indigenas. Voltam miseraveis, se podem voltar; e se não podem, morrem ao acaso pelas fazendas e pelas officinas, nos hospitaes e nas cadeias. E são tantos os milhares de cidadãos roubados ao sólo patrio, como de paes roubados á familia e á prole.

Muitos emigrados ha que partem nas magnificas condições do primeiro grupo, e são mais infelizes. Não podendo supportar a acção do novo meio, por motivo especial do seu organismo, ou morrem ou voltam, como os anteriores, e vêm concorrer da mesma fórma para o empobrecimento vital da sua raça.

Ha quem vá para o Brasil já depois de casado. Aqui se deixa a mulher e os filhos, e na esperança de um futuro melhor vae-se tentar a sorte na America. Os elos da cadeia intima, que constitue a familia, foram violentamente partidos; os filhos ficaram apenas sob a vigilancia das mães, e a educação resentiu-se d'isso; as mães não resistem muitas vezes ás necessidades impostas pelo sexo, pela pobreza, pelo abandono ou pelo esquecimento; os paes, afastados da familia, que augmentariam e vivificariam com o trabalho, com o exemplo, com a alegria e com a saude, entregues aos caprichos da fortuna, não poucas vezes contrahem ligações perigosas e illicitas, e acabam de cortar laços, já profundamente abalados. Taes exemplos, altamente nocivos, reflectir-se-hão de futuro nos descendentes.

(Continúa).

AUGUSTO ROCHA.

EMILIA

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente
Repoisa lá no ceu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

CAMÕES.

Em tres palmos de terra piedosa
Descança á beira-mar quem tão menina
Levou comsigo o riso que me trouxe,
Aurora d'uma vida côr de rosa,
Fechado n'esse calix de bonina
Que avara me escondia o mel mais doce.

Descança á beira-mar, sobre um cabeça,
Calvo e despido já, sósinho e ermo,
A mais terna, a mais candida andorinha,
Por quem agora mesmo eu indoideço,
Doce estrella polar d'um mar sem termo,
Onde á sorte me corre a vida minha.

Como nuvem levada pela aragem
Se vai no azul das agoas refletindo,
Na intima pupilla veio, apenas,
Estampar-se-me um dia a leda imagem
D'aquella, cujo nome fui abrindo,
Pouco a pouco, na cruz das minhas penas.

Não posso, pois, mostrar contentamento
Não tendo a quem sorrir na mocidade!
Ditoso o que no rosto prazenteiro
Só dá mostras de ledó pensamento,
E não vê, pelas campas da saudade,
A sua alma em tão triste captiveiro.

Oh minha doce Emilia, quem pudesse
Dar vida e côr á rosa desfolhada,
Unindo contra o seio o tenro calix;

Que emquanto voz e harpa Deus me dêsse
Te andaria a minha alma enamorada
Cantando alegres arias pelos valles!

Ainda me parece estar ouvindo
No soalho o teu passo miudinho,
Já fazendo um ruido semelhante
Ao da brisa na flor do rosmaninho;
Parece que te vejo o gesto lindo,
A boca pequenina, o olhar galante;

E sofrego de vida, neste encanto
De falazes memorias se me antolha
Ouvir o alegre som do teu folguedo!
Mas lettra inicial de eterno canto
Quem foi que te apagou da branca folha
Onde eu ia dizendo o meu segredo?

Pequena, como a rosa, e perfumada
O calix d'um só lyrio te bastava
Para berço de tantas alegrias,
Poisavas sobre nuvem prateada;
E ainda o teu cabello fluctuava
Quando vi que de todo te encobrias.

Por força que o destino sempre cego
Em meu mal anda agora conspirando!
Apague d'uma vez tão triste vida,
Ou nunca mais eu saiba o que é socego,
Pois que te vi, florinha, suspirando,
E pallida de todo, emmurchecida!

Albufeira.

F. C. DE MELLO LEOTE.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

(Continuado do n.º 10)

E nessas povoações, onde o progresso não tem voz, onde a escuridão é absoluta, fórma-se o nucleo do exercito do passado. Retrogada e contamina. Está alli firme e cego.

E quando os que nada semearam se lembram de lá ir colher, encelleiram o joio que deprecia a colheita.

E' preciso metter bem fundo o arado, rasgar o

seio á terra para estirpar as raizes nocivas e limpá-las das sementes parasitas.

O campo não cultivado é porém immenso e faltam-nos braços para o arar em toda a sua extensão. Torna-se preciso fazer a este campo o que fazem os lavradores ás terras menos productivas ou mais cansadas: dividir em secções e cultivar alternadamente.

E é urgente principiar. E' urgente crear o homem para lhe adequar as instituições. E' o contrario do que se tem feito, do que até hoje tem tentado fazer-se.

Talham instituições sem tratar de saber se existe um corpo que lhes caiba. Elevem-se ellas bem alto, colloque-se bem alto e bem visível o código em que se archivam, mas creêmos as intelligencias que as decorem, que as gravem, e depois do homem e do código, da intelligencia e da lei, do dever e da justiça, da obrigação e da vontade, teremos feito um corpo tão homogêneo e tão perfeito que será inseparavel e indissolúvel.

Que onde haja homem haja noção do dever e da justiça. Que onde haja intelligencia haja aptidão. Que a vitalidade se reproduza, que a força se dilate, que Deus se manifeste.

Para formar o homem é necessario lançar mão da criança, alimentar-lhe o corpo, elevar-lhe a alma.

O passado é para nós uma nodoa. Tratemos de redimil-o pelo futuro.

Creêmos a escola. Mas creêmol-a de principio. Façamos d'ella um templo, do ensino um sacerdocio e da ignorancia um stigma.

III

A escola rural, a escola de instrucção primaria para os dois sexos tem-se nos ultimos annos consideravelmente propagado.

Póde argumentar-se, com dados estatísticos, que os governos de Portugal não tem poupado esforços para disseminar a instrucção e alargar a orbita intellectual do paiz. Ao augmento, porém, das escolas não corresponde infelizmente o augmento da instrucção popular. No ensino superior, sobretudo no das sciencias, não tem Portugal ficado muito distanciado do movimento scientifico europeu. Mas nas camadas inferiores a rudeza popular nada tem perdido da sua primitiva aspereza.

O ensino continúa a ser um privilegio das classes favorecidas. As escolas superiores, taes como estão, obrigam o alumno a dispendios, que á minima parte da população é dado satisfazer. Quando se conseguir que pobre deixe de ser synonymo de ignorante, terá a civilisação dado um grande passo.

Raras são as povoações ruraes de alguma importancia que não tenham solicitado dos poderes publicos o estabelecimento d'uma escola.

E' este um favoravel symptoma para quem, contentando-se com as apparencias, não profunda a razão dos factos. O povo solicita a escola, deseja a instrucção, sente a sede do ensino. Pela razão de que querer é poder, o povo será instruido, porque o seu instincto de conservação lhe faz sentir a necessidade de o ser. Mas este symptoma é falso. O povo não quer aprender. O povo está contaminado da fatal mania do funcionalismo. Pede a escola para o mestre, não pede o mestre para a criança. Na concessão da escola vê o modo de vida d'um homem. Quando a solicita raro é que o mestre, o aspirante a funcionario não esteja de antemão indigitado.

Estabelece-se a escola, cabendo quasi sempre á localidade que a requer a obrigação de fornecer a casa. Casa na maior parte das vezes impropria para o mester, de triste aspecto e de tristes condições.

O mestre é quasi sempre um homem que, pelas suas condições physicas, é incapaz de trabalho braçal. O lavrador que tem na familia um parasita declina-o para o estado. Faz-lhe aprender rotineiramente o sufficiente para satisfazer ao exame, e não é raro que tão superficialmente o aprenda que, passados os tres annos de magisterio, não esteja inapto para o segundo exame.

Outras vezes é o padre que accumula os dois sacerdocios; mas a educação e condições de vida da maior parte do nosso clero rarissimas vezes o collocam á altura de exercer os dois.

O mestre faz do magisterio o seu ganha-pão, e como o trabalho é monotono e fatigante, e a recompensa é parca e insufficiente para a sustentação de um homem, dá apenas á escola algumas horas de assistencia physica e de ausencia intellectual.

Ha annos que a Sociedade Madrepora estabeleceu, como incentivo ao adiantamento dos alumnos de instrucção primaria, um livro de premio annual.

Ao professor de cada escola era remettido regularmente o *Archivo Pittoresco*, agradável e instructivo hebdomedario, que com as suas gravuras e illustrações formava de cada anno um bonito album. Aos professores impunha-se-lhes com a remessa a obrigação de entregarem o volume ao mais distincto alumno, e de, como segundo premio, participarem á associação o nome do premiado.

Creemos que bem raros alumnos o receberam. Não córavam alguns mestres de confessar que na sua escola não se encontrava nenhum alumno distincto, dando-se assim a impossibilidade da entrega do livro. Outros nada diziam, mas nada faziam tambem. E os pobres e pequenos alumnos da escola de instrucção primaria nem sequer ficavam sabendo que lá longe, muito longe, havia uns trabalhadores expatriados que os olhavam com interesse e que lhes estendiam o braço amigo e protector.

(Continúa).

JULIA FERREIRA.

O SEGREDO MEDICO

Novella por—ROBERT HALT

(TRADUÇÃO DE ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO)

(Conclusão)

No dia immediato o doutor recebeu a seguinte carta.

«Paris, segunda feira, 10 da manhã.

«Ex.^{mo} Sr.

«Solicito de V. Ex.^a o especial favor de me attender hoje ás 4 horas da tarde; o soffrimento do sr. Paulo Didier dilacera-me, e as suas affirmações inquietam-me a ponto de ter hontem procurado V. Ex.^a; não tive a honra de ser recebido. O sr. Paulo Didier não me deixa, affiançando-me que V. Ex.^a estava ausente e que deseja ver-me.

«Que pensar de tudo isto? A's 4 horas de hoje espero ser attendido.

De V. Ex.^a

«Criado e venerador

«Humbert.

«P. S. Já depois d'esta escripta soube por Victorina, criada particular de minha filha, um facto gravissimo. Hontem á noute o sr. Paulo Didier deu-lhe uma nota de mil francos, convidando-a a auxiliá-lo no rapto de minha filha, juntando áquelle dinheiro rogos e ameaças de morte, que a espantaram. Estava tratado que hoje de tarde a criada sahiria com a ama, a pretexto de um passeio, e que o sr. Paulo Didier as esperaria com uma carroagem na rua dos Santos Padres. A criada, cheia de remorsos, confiou-me chorando este lamentavel projecto d'um homem, que lança mão dos meios mais extremos, evidentemente pelo sentimento da cruel situação em que se vê, e pela demora d'uma resposta da qual depende talvez todo o seu destino.

«Terá V. Ex.^a coragem para me deixar viver em taes afflicções e de me recusar a graça que de novo solicito de V. Ex.^a com a mais justa inquietação pelo futuro de minha filha?

«H.»

A's quatro horas da tarde o doutor estava no seu gabinete, quando o criado introduziu uma senhora nova, que parcou no limiar da porta, tímida e risinha. Um raio de sol cahindo-lhe sobre os cabellos louros aureolava-lhe a cabeça com uma poeira de ouro; a pelle, d'uma brilhante riqueza de carnação, tinha a frescura d'um pecego avelludado. As fôrmas elegantes e onduladas, o peito alto e amplo completavam a mais bonita mulher do mundo.

—Ah! que bello Rubens! murmurou o doutor, que era amator de pintura. E que adoravel criança!... ajuntou ainda ao notar a expressão ingenua do rosto, que contrastava com esta riqueza de fôrmas e de côres.

O doutor fel-a graciosamente entrar e assentar-se.

Ella disse-lhe então, um pouco trémula de commoção, que seu pae a enviára alli; e depois de ter olhado para o doutor fixamente com toda a ingenuidade dos seus bellos olhos, continuou:

—V. ex.^a parece-me tão boa pessoa, que me admiro como pôde ser o inimigo e o perseguidor do sr. Paulo Didier.

Neste momento entrou o sr. Humbert.

—Quiz que a visse primeiro, disse elle baixo ao medico; por isso me fiz preceder.

O doutor levou-o para o vão d'uma janella e disse-lhe rapidamente:

—Saia já da casa onde está; esconda-se por algum tempo. Vá, senhor, não perca um minuto! Vá!

O tom e olhar com que acompanhou estas palavras completaram as explicações. O sr. Humbert abafou um grito e levou sua filha espantada, que o medico seguiu com os olhos murmurando:

—Era um crime!

A' meia noite d'esse dia o doutor sahio do salão d'um collega.

Ao chegar a casa e quando fechava a porta da rua sentiu-se agarrado pelas costas e ferido com uma punhalada entre as espaldas, sem tempo de fazer um gesto. Caiu.

O assassino inclinou-se sobre elle, apalpou o sangue que sahia da ferida e disse:

E' bom e quente. E' para Helena e para os espiritos!...

Depois saiu cerrando a porta.

Um locatario que entrou um instante depois, tropeçou no corpo estirado no chão e gritou. Acudiu gente. A victima respirava ainda. O criado veio tambem debulhado em lagrimas. Passado um instante estava alli toda a vizinhança lamentando e perguntando o que tinha sido. O medico fez um gesto e todos se callaram; e empregando todas as suas forças pôde pronunciar estas palavras:

—O assassino é um louco... mania epileptica... digam isto á justiça.

Um quarto de hora depois expirou.

Em quanto a Paulo Didier, só deram com elle d'alli a um mez numa aldeia dos suburbios de Paris. Uma manhã tinha-se formado na rua um grande ajun-

tamento á roda de um homem com um ataque epileptico.

O acesso parecia terminado, e o doente estava já de pé quando, tirando uma navalha que trazia no bolso, se lançou sobre uma rapariga ferindo-a num hombro.

Conseguiram arrancar-lhe a navalha, lançal-o por terra e amarral-o.

—Deixem-me convertel-a, raivava o doido aos que o levavam; conheço-a, é photographia... A mim, albigenses! Ah! Ah! Ah! Catharo, Cathara! Salvae a minha religião!...

O desgraçado está hoje num hospital de alienados.

PUBLICAÇÕES

REALISTAS E ROMANTICOS

ESTUDO LITTERARIO A PROPOSITO DA—COMEDIA DO CAMPO, SCENAS DO MINHO, volume 2.^o—AMOR DIVINO, (*Estudo pathologico d'uma santa*) por Bento Moreno.

(Continuado do n.º 9)

Para um romancista da escola realista o primeiro talento é o da observação, o talento descriptivo, por que sendo os *actos* que explicam as intenções, deduzindo-se dos factos as leis que os regulam, não pôde escapar á observação um gesto, uma phrase, uma circumstancia, que seja essencial e caracteristica d'umas certas intenções.

Os realistas, compenetrados das altas verdades adquiridas pela sciencia moderna, que considera o homem physico e moral um producto fatal do meio social, geographico, historico e ethnographico, e a psychologia uma divisão natural da physiologia, não sendo por isso o pensamento mais do que manifestações da actividade cerebral, é d'estas manifestações, traduzidas em actos pela vontade ou pelos impulsos espontaneos, que descem á analyse das intenções que os produziram, ou das paixões mais ou menos conscientes que as revelaram.

O homem é, pois, dominado no desenvolvimento do seu organismo, na evolução das suas idéas, no character das suas paixões pelas influencias tanto do meio moral como do meio physico.

Da comprehensão d'esta verdade nasce para os realistas a necessidade da discripção exacta tanto da natureza physica, que cerca os heroes dos seus romances, como do meio social que os envolve.

Ao talento *scientifico* da analyse, da observação e da critica deve um realista reunir o talento *artístico* de *apanhar* bem o traço que caracteriza uma physionomia, a circumstancia que define uma situação, a feição que dá relevo a uma paisagem, a phrase que dá ao leitor a comprehensão do meio intellectual em que a acção se passa, o preconceito que retrata um espirito, o ridiculo que define uma sociedade. Depois d'estes talentos deve o realista finalmente possuir a alta imparcialidade critica d'um verdadeiro positivista, para o qual as theorias derivam fatalmente da comprehensão dos factos, sendo da sua observação e da sua comparação que sahem as leis que os regulam, unico objecto das sciencias. O realista não pertence a nenhuma escola politica, não está filiado em nenhuma seita religiosa. Tudo é assumpto de observação e de estudo. Para elle Ravallae é um maniaco,

Santa Thereza uma doente, Torquemada um furioso e o Raphael de Lamartine um hypocondriaco. D'ahi a ausencia indispensavel da declamação, da rethorica, do estylo florido. Quasi estylo scientifico; sobrio e correcto como um poema homerico; frio e analytico como o olhar d'um operador; fino, verdadeiro e vivo como um quadro de Rosa Bonheur.

A arte, pois, sob o ponto de vista da escola realista, é quasi uma sciencia, que só pôde ser cultivada com exito e exercida com distincção pelos que tiverem uma forte educação intellectual, um alto senso critico, um superior talento de observação e de analyse e aquelle dom artistico especial, que é quasi uma inspiração, e que consiste em achar numa phrase, num traço, num golpe de vista a synthese, a feição dominante, o character d'um espirito, d'uma situação ou de uma paisagem.

O *Amor divino* reúne em alto gráo todas as qualidades d'uma verdadeira obra d'arte, no sentido realista do termo. Tem o character profundamente positivo d'um verdadeiro trabalho scientifico, tranquillo, impassivel e critico, como um estudo pathologico. Nunca em Portugal os intuitos e as aspirações da escola realista foram melhor comprehendidos nem mais methodicamente seguidos.

O *Crime do Padre Amaro*, que é um notabilissimo ensaio de transplantação e de iniciação realista em Portugal, apesar das suas mui pouco vulgares qualidades artisticas, superiores, em quanto á originalidade do estylo e amplitude de desenho ás do livro do sr. Bento Moreno, não tem, como a Comedia do Campo, tão profunda comprehensão dos intuitos e do ideal da nova escola positiva de litteratura.

Tanto porém o livro do sr. Eça de Queiroz como o do sr. Bento Moreno são duas obras d'arte isoladas, sem precedentes na litteratura nacional?

E'oo que negamos terminantemente. A litteratura portugueza, por circumstancias que não é facil explicar, tem a fortuna de possuir tres romancistas contemporaneos como não ha muitos lá por fóra: Alexandre Herculano, que produziu o Parocho de Aldeia, um verdadeiro primor d'arte, pela completa assimilação da vida portugueza numa das suas feições mais caracteristicas; Julio Diniz, que apesar do seu mysticismo philosophico e do seu ecletismo espiritualista, é um delicadissimo observador e um talentoso paysagista; e, finalmente, Camillo Castello Branco, o mais intelligente de todos, o mais original, o mais inconscientemente realista.

(Continúa).

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

A EVOLUÇÃO



Dezembro

1877

NUMERO 12

LITTERATURA DOS CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Conclusão)

No conto ix, da segunda parte, confirma Trancoso esta origem: «Assi o exemplo d'este marquez, os que este anno de mil e quinhentos e sessenta e nove a esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforcaremos e não nos entristecemos tanto, que caiamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia dando occasião a nossa morte.» (Ib. pag. 208).

Foi esta peste de 1569 uma das maiores que invadiram Portugal, e conservou entre o povo o nome vulgar de *Peste grande*; d'ella restam abundantes memorias particulares, e ainda hoje subsiste nos costumes de Lisboa a festa e procissão da *Saude*, instituida por esse tempo.

Inspirado pelo fervor religioso, que succedeu ao fim da peste, Trancoso publicou logo em 1570 um opusculo das *Festas mudaveis*, dedicado ao Arcebispo de Lisboa.

A redacção dos Contos ficou suspensa desde que cessou a peste: «e assim eu, ainda que tenho desejo de escrever este mez trinta historias, as ditas para desenfadamento....»

Este curto praso mostra-nos que elle tirava essas historias das suas reminiscencias e leituras; a perda de algumas pessoas de sua familia, mulher, filhos, e a falta de lições, obrigaram durante a tremenda crise a esses exercicios de desenfado, para se não deixar cair em desfallecimento.

Na primeira edição dos *Contos proveitosos*, de 1575 (ignorada dos bibliographos) vem uma *Carta á Rainha D. Catharina*, bastante preciosa, por descrever a peste grande de 1569, que despovoou a cidade de Lisboa; nessa carta narra Trancoso que lhe morreu em casa sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e um outro que era menino de côro. Foi no meio de tantos desastres que escreveu os Contos, que alguns amigos lhe fizeram publicar. Pela carta á Rainha se pôde deduzir que Trancoso casára pouco antes de 1544; as suas

relações com a Rainha dão-nos o sentido da allusão á morte do principe Dom João, e por ventura levam a crer que Trancoso fôra mestre no paço.

A determinação de alguns paradigmas dos *Contos proveitosos*, é que nos pôde dar a conhecer a extensão das reminiscencias de Trancoso e a importancia do seu livro. O Conto *do segredo revelado á mulher*, do qual se serve contra o marido em um momento de colera, acha-se na *Gesta Romanorum*; (cap. 144 do *Violier des Hist. rom.*) nas *Novellas de Sachetti*, n.º xvi; nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Cem Novellas novas*, n.º lii; nas *Notte piacevoli*, de Straparole, 1.ª da primeira noite; e no Livro de *Chevalier de la Tour*, cap. 128.

O Conto *das tres donzellas, que desejavam servir o rei*, acha-se tambem em Straparole (Nott. iv, fav. iii), e já foi submettido a um estudo comparativo por A. Coelho.

O Conto *do rapaz que resgata a captiva christã e compra a reliquia*, acha-se tambem em Straparole (Nott. xi, fav. 2).

O Conto, *o que Deus faz é pelo melhor*, acha-se em uma versão identica no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, fl. 81, v.

O Conto *de minha mãe calçotes*, é uma variante do conto da *Bilha de leite*, de Gil Vicente, e tem as suas raizes tradicionaes no *Hitopadessa*.

O Conto de *D. Simão, que responde a todas as advinhações que lhe propõe o rei*, acha-se ainda hoje na tradição oral portugueza, com o titulo o *Padre João Sem cuidados*, e existe uma versão publicada no *Almanach de Lembranças* para 1866, p. 323; nas *Novellas de Sachetti*, Nov. iv, se acha um paradigma litterario, o que torna mais extensas as suas fontes tradicionaes.

O Conto iv de Trancoso, acha-se nas *Gesta Romanorum* (Violier, p. 392); na *Disciplina clericalis*

de Pedro Alfonso, e no *Decameron*, (Jorn. viii, nov. 10).

Trancoso tambem traz um extenso Conto de *Griselidis* digno de ser comparado nos seus principaes episodios com a versão de Bocacio, e com as demais fontes já accumuladas ou Edelestand du Méril. Nos anexins portuguezes encontra-se um que parece alludir á historia de *Griselidis*:

Pelo marido vassoura,
Pelo marido senhora.

Ultimamente o sr. Ad. Coelho, em um jornal litterario do Porto, a Harpa, analysou segundo o systema empregado por Domenico Comparetti, o Canto xv da Parte primeira das *Historias proveitosas*, de Trancoso, aproximando-o dos paradigmas já reunidos por Benfey, na introduccão ao *Pantehatantra*, § 166, seguindo assim a corrente tradicional nas versões tibetana, russa, allemã, italiana e inglesa.

D'esta analyse minuciosa conclue Ad. Coelho: «Vê-se que Trancoso não pôde tirar o seu Conto de nenhuma d'essas fórmulas conhecidas, nem das immediatamente anteriores, e como o Conto não se acha em nenhuma das collecções antigas de contos e novellas que maior giro tiveram na Europa, torna-se muitissimo provavel, podemos dizer, quasi indubitavel, que elle bebesse na *tradição oral portugueza*, para onde elle viria por alguns dos muitos canaes, que cá trouxeram grande numero de contos orientaes.» Era esta a nossa opinião, que Coelho começou por combater no seu estudo: «Nada mais difficil a nosso ver, do que provar que Trancoso bebeu na tradição popular, nenhum testemunho directo nol-o affirma...»

O segundo conto analysado por Coelho, foi o *das tres irmãs*, e indica-lhe fontes arabes, florentinas, sicilianas, húngaras, allemãs, gregas, catalans, e tres versões populares do Minho, de Coimbra e de Castello Branco; conclue que Trancoso só poderia ter conhecido unicamente a fórmula litteraria de Straparole.

A collecção dos Contos de Trancoso compõe-se de tres partes, interrompidas pela morte do auctor; a primeira parte deve fixar-se por 1544, e talvez impressa separadamente, como se poderá inferir de uma edição desconhecida, citada por Brunet.

A segunda parte, redigida em 1569, foi reimpressa ainda em vida de Trancoso com a primeira em 1585; a terceira parte, não continuada, appareceu depois da morte do auctor, publicada por seu filho Antonio Fernandes em 1596. Por estas edições se conhecem as relações litterarias de Trancoso com o poeta Luiz Brochado, auctor das popularissimas *Trovas do Moleyro*. Além das numerosas edições d'este livro, nos seculos xvii e xviii, acham-se tambem muitas referencias aos Contos nas Comedias de cordel, (farças

populares) e em notas dos versos de Filinto, cuja educação esteve em contacto com o povo.

Os Contos tornaram-se raros e foram deixando de ser lidos, ao passo que entre o povo se vulgarisavam as folhas volantes traduzidas do hespanhol desde o governo dos Philippes, taes como a *Donzella Theodora*, a *Formosa Magalona*, o *Roberto do Diabo*, a *Historia de Carlos Magno*, os *Sete Infantes de Lara*, que fórman a base da litteratura popular portugueza; outros escriptores, como Balthazar Dias, descobriram tambem o segredo de se apoderar da imaginação do povo, e é d'este poeta cego a elaboração litteraria da grande lenda de *Crescencia*, conhecida e ainda vigente em Portugal sob o titulo de *Historia da Imperatriz Porcina*. As aventuras de *Bertholdo*, *Bertholdinho* e *Caccaseno* foram traduzidas do italiano; resumiu-se do francez a *Historia de João de Calais*, e o velho conto oriental dos tres irmãos corcovados foi assimilado sob o titulo de *Historia dos tres corcovados de Setubal*.

A vulgarisação crescente d'estes opusculos explica-nos porque é que os Contos de Trancoso deixaram de ser lidos pelo povo; a classe média foi tambem desviada do seu gosto pela diffusão de deploraveis traduções dos mais desgraçados romances francezes.

No seculo xvii o Conto recebeu uma fórmula e disciplina litteraria; Francisco Rodrigues Lobo, na *Côrte na Aldéa*, estabelece as regras e os diversos generos de Contos, e o modo como devem de ser narrados, chegando a parodiar um conto tradicional com todas as suas tautologias. Na *Côrte na Aldéa*, intercala bastantes contos, taes como o do *Usurario*, do *Thesouro*, *Amores de Aleramo*, o das *Tres Aguas*, e outros muitos trazidos para exemplificar generos, mas que se afastam das origens tradicionaes. O facto de saber comprehender o valor poetico da tradição, torna Rodrigues Lobo um dos mais eminentes lyricos do seculo xvii.

Nos Sermonarios e livros asceticos d'este seculo, tão rhetorico nos paizes catholicos, é que os Contos receberam uma exclusiva intenção moral. Na *Arte de Furtar*, attribuida ao Padre Vieira, vem o mesmo thema resumido sobre que se fez a comedia do *Advogado Pathelin*. No *Estimulo pratico*, do ascetico Padre Bernardes, cada conto serve de texto para uma longa explanação moral.

Estes contos narrados pelos prégadores são em geral tirados dos velhos Thesouros de Exemplos, tão usados na predica da idade média da Europa, mas renovadas em Portugal bem extemporaneamente. Pertence ainda a este periodo o livro intitulado *Baculo pastoral*, de Saraiva, que traz bastantes contos derivados da mesma origem que acabamos de indicar; ahi se acha a celebre tradição da rainha Santa Isabel e do pagem que a servia, que escapou de ser quemado por se demorar a ouvir missa; vem o conto do filho do rei, a quem disseram que as mulheres eram

os diabos, tal como se lê no *Novellino*; e a do príncipe que era castigado pelo mestre nos doze meninos que costumavam brincar com elle, que tambem se acha no *Novellino*, conto LIX.

No seculo XVIII ainda apparece esta mania compiliatoria, na *Hora de Recreio*, do Padre João Baptista de Castro, na qual alguns contos se resumem em anedoctas, e outros são exclusivamente de proveniencia litteraria, como o *Matrona de Epheso*.

Modernamente os Contos populares estão ainda com grande vitalidade pelas aldeias, e nos trabalhos domesticos é costume geral o contar *Casos*. Na sua applicação para distrahir as crianças são chamados Contos da *Carochinha*. Alguns contos antigos já se perderam, deixando apenas na memoria do povo a moralidade condensada em um anexim:

—Faze por ter
Vir-te-hão vêr.

—Tanto vale cada um na praça,
Quanto vale o que tem na caixa.

No Conto do *Rei Lear*, Cordelia exprime este mesmo pensamento:

Tant as, tant vaux, et tant je t'aime
Tant comme j'eus, et tant valus,
Et tant aimé et privé fus.

O velho anexim conservado por Jorge Ferreira de Vasconcellos, na comedia *Eufrosina*, de 1521:

O Lobo e a Golpelha (Vulpecula)
Fizeram uma conselha,

allude a um dos episodios do *Roman du Renard*, já desconhecido entre o nosso povo; d'este mesmo cyclo existe outro anexim:

Da pelle alheia
Grande corrêa.

A palavra *Conselha*, que acima fica, é tambem empregada pelo povo hespanhol para designar o Conto tradicional, *Conseja*, por ventura por causa da conclusão moral. Nós fomos o primeiro que começou a explorar esta riqueza tradicional do povo portuguez. Á medida que a direcção scientifica d'este seculo tem penetrado em Portugal, já alguns collectores vão apprehendendo organizar collecções dos nossos Contos; infelizmente os livreiros são analfabetos, e não se atrevem a dar publicidade a livros d'esta ordem.

O estado da tradição popular é bastante vigoroso, e d'aqui provém talvez o não dar-se importancia a estas creações primitivas; ácerca da tradição oral na

Ilha de S. Jorge, diz-nos o nosso respeitavel amigo Dr. João Teixeira Soares: «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Ignacia. Chamei-a e á minha criada para junto d'esta meza de trabalho para as interrogar sobre Contos populares, a que o povo chama *Casos*. Desculpam-se da falta de memoria juvenil, para entrarem francamente neste campo, comtudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripecias! que maravilhoso! que poesia! Affirmaram-me unanimemente que seria impossivel ao investigador mais diligente formar uma collecção completa de todos os *Casos* sabidos do povo:—Todos escriptos, enchiam esta casa! disse a Maria Ignacia».

Sobre tudo a maior extensão e a parte mais vital dos Contos é no sentido *décameronico*, em que o frade se torna o heroe privilegiado; alguns d'esses contos oraes acham-se nas collecções litterarias, como o das *Ceroulas do Padre Sam Francisco*, que se encontra em Sachetti; o do *Passarinho guardado e confiado como segredo ás freiras*, e o da *Unhada do diabo*, que se lêem em Rabelais.

Alguns contos ainda não publicados, como o do *Manoel Feijão*, faltam na série dos paralogmas do *Petit Poucet* analysados por Gaston Paris; ou a da *Cemadrede Morte*, que pertence á série dos paradigmas tradicionaes do *Beiphegor* de Machiavelli.

As vias que se podem determinar para a introdução em Portugal dos Contos mais geraes da tradição universal são *litterarias* e *oraes*. As litterarias, são provençaes, bretans e francezas até ao seculo XV; eruditas e as provenientes da corrente dos novellistas italianos no seculo XVI. A via popular ou oral é mais difficil de determinar, mas uma das principaes foi a communicação com a sociedade arabe, influencia que fez que em Hespanha se redigisse o *Calila e Dimna*; Camões allude ao costume de contar contos a bordo dos navios, na longa navegação da India, e Rodrigues Lobo tambem fala d'este costume nas guarnições militares nas possessões do Oriente. Algumas vezes a corrente litteraria vulgarisava-se entre o povo, por via dos prégadores. Muitos contos conservam vestigios mythicos inconscientes; a persistencia da tradição entre o povo tem tambem o seu porque historico; os *Pagi*, na organização social da idade média eram as povoações ruraes, com a sua vida industrial propria, com a sua crença e egreja local, alheias a todo o movimento intellectual dos grandes centros.

Foi nos *Pagi*, que os restos dos polytheismo romano, do culto odinico germanico, do druidismo celtico, e dos cultos magicos trazidos pelos romanos e arabes dos Egypcios e Chaldeus, se encontraram com o christianismo ainda em estado sentimental. Mais tarde a egreja, ao realisar a sua unidade, condemnou essas tradições populares, chamando-lhes *paganismo*. Nos Contos de fadas o caracter *pagão* é tanto mais evidente quanto maior é o syncretismo; o typo da *Fada*,

tanto na parca grega *Moirá*, como na *Moer* scandinava, como na *Moirae* celtica, ou como na *Moirá* encantada de Portugal, entra nos Contos populares com toda esta complexidade de origens, recebendo interesse historico, segundo as épocas que atravessa; nesses contos allude-se ás grandes *fómes*, á antropophagia dos *Ogres*, á brutalidade feudal na situação de *Griselides*, ou ao symbolo juridico dos esponsaes pelo sapatinho, como na *Cendrilon*. O ponto de vista mythico é o mais importante e o verdadeiramente scientifico.

Uma questão mais alta se levanta com relação á origem dos Contos populares, hoje que Benfey e Max-Müller demonstraram a universalidade das tradições. Como se sabe, o Conto é um resto dos mythos de um polytheismo decahido; Gubernatis determinou nesta decadencia duas fórmulas, uma *nacional*, que produz as fórmulas da Epopéa, e outra domestica ou *familiar*, que se perpetua no Conto. Póde-se dizer que estão achadas as leis da imaginação humana, e que a pretendida originalidade subjectiva se dissolveu do mesmo modo que perante a sciencia se dissolveu o dogma de uma creação do nada. A cadeia tradicional está reconstituída desde a sua fonte indiana até á Europa, e póde-se dizer, que até onde os mythos vedicos penetraram, já na fórmula épica e puranica, já nas especulações

buddhicas propagadas entre as raças amarellas, já no naturalismo das migrações indo-européas, em toda a parte se foram transformando em Contos populares.

Se o Conto é uma phase de decadencia dos mythos áricos, confundidos com restos fetichicos nos *Bestiarios* e *Lapidarios*, existe um outro subsólo da imaginação humana, mais obliterado, mais inconsciente, é o das Superstições, restos provenientes de religiões ainda mais antigas que o polytheismo árico: taes são os cultos magicos turaniano-kuschitas, conservados pelos gregos, e trazidos pelos romanos e arabes para a Europa da tradição do Egypto e da Chaldéa. Não é menos importante esta fórmula da vida da tradição, que se vae tornando pela leitura dos hieroglyphicos e dos cuneiformes, objecto de uma sciencia. A *Superstição* e o *Conto* são duas decadencias diversas de dois grandes e vastos systemas religiosos.

Para o estudo das superstições e dos Contos contribuiremos com o muito que em Portugal se conserva; terminando esta indicação da área da nossa litteratura popular, servir-nos-ha este ensaio de prologo aos *Contos populares açorianos*, que reservamos para esta Revista.

THEOPHILO BRAGA.

HOJE E AMANHÃ

PREVISÕES E PREVENÇÕES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

(Continuação)

A criança entra na escola como entra na officina para qualquer outra aprendizagem. Ha uma differença porém: é que ao entrar na officina ella sabe ao que vae e para que vae. Sabe que a coroar o esforço do trabalho empregado lhe fica uma prenda, um mister praticavel e tangivel, que lhe ha de ser sustento e independencia. O para que lhe servirá a leitura não lh'o diz o pae, não o sabe ella e não lh'o ensina o mestre.

Além do livro de ensino que lhe collocam nas mãos, não tem idéa de nenhum outro que não seja aquelle, que, aos domingos, vê sobre o altar entre lumes e flores. E esse não lhe desperta a curiosidade. Ouve-o, mas não o entende. Para que aprender então?... pensa a creança. Para ser professor como o seu mestre? Elle é tão pobre e tão humilde!... Para ser padre?... Não; a criança entregue a si não tem tendencia para o sacerdocio. Tem pae e quer ser pae.

É o natural pendor.

Não aprende então.

D'ahi vem que, de cem que frequentam as escolas publicas de instrucção primaria, nem dez talvez ficam habilitados para a mecanica comprehensão d'um livro.

E aos poucos que aprenderam perguntamos: de que lhes serve a prenda que tão laboriosamente adquiriram? O lêr não póde ser um fim, mas apenas um meio.

A aquisição da leitura é uma segunda vista que nos abre vastissimos horisontes; mas, encerrados em lugubre recinto, entre paredes sombrias e viscosas, póde acaso aproveitar-nos a vista?

Os eminentes estadistas que *decretam* o progresso, presenteando o povo com a escola, entregam-lhe uma chave. É a chave da bibliotheca, da instrucção, da sciencia; é a chave que lhe franqueia o atrio do mundo civilisado, que lhe dá proveitoso convívio com toda a humanidade, que lhe descobre os laços que estreitam a vastissima familia universal.

Essa chave é um magnifico presente; mas onde está a porta, onde está a fechadura em que ella sirva?

Esqueceram-se d'isso apenas. Poliram a chave com esmero, mas não crearam, ou antes não tornaram acessível por ella o recinto promettido. Não ha bibliotheca para o povo, não ha livros, não ha codigos. Sabem ás vezes que ha uns livros com este nome, mas sabem-n'o muito tarde e muito inutilmente. Sabem-n'o no banco dos réus, quando o juiz, invocando esses codigos, lhe commina penas que elle não conhecia, depois de commetter faltas que lhe não ensinaram a evitar.

E o povo sentado nesse logar, é apenas o cumplice da sociedade, da sociedade que o não guiou, da sociedade que tinha luz e que lh'a não deu. E a sociedade condemna-se ao julgal-o, e a sociedade deshonra-se ao feril-o.

É vergonhosa a ausencia de cuidados e de solicitude que os poderes publicos consagram a essa grande maioria de todas as nações, o povo.

Nos codigos modernos começa a fallar-se do mesquinho, os partidos avançados invocam-n'o, mas apenas como um auxiliar desconhecido, ou como uma figura de rethorica de effeito theatral.

O homem do povo sahido das escolas actuaes, raras vezes fica sabendo ler. Mas ao que adquiriu essa prenda não lhe é dado exercel-a de modo que contribua para a sua cultura intellectual.

As faculdades do espirito desenvolvem-se exercitando-se: e no mundo intellectual como no mundo physico, um orgão inactivo é um orgão atrophiado.

Mas atrophiado não é extincto, e por muito que se faça ou por muito que deixe de fazer-se, existe em todo o ser humano alguma cousa de immaterial e subtil, que se impõe, que se faz sentir, e que requer exercicio e alimentação propria.

O homem que trabalha desde os dez annos com o arado, com a enxada, com a vara ou com a foice; o homem que súa sobre a terra, trocando o esforço pelo pão, não se contenta apenas com isso. Ao meio dia durante as horas da sesta, á noite ao largar do trabalho, precisa de uma distracção qualquer que lhe occupe a mente e que lhe tome o espirito em quanto lhe descança o corpo. É uma necessidade imperiosa e que não se illude. É para satisfazel-a que os homens de todas as gerarchias e de todas as classes procuram os seus iguaes, para trocar idéas, para saciar amisedades.

Para as classes abastadas ha os gremios, ha as sociedades, ha os theatros; mas que porta se abrirá para a distracção do pobre e rude trabalhador? Quem o receberá com o seu fato grosseiro, com as suas mãos callejadas, com o seu aspecto inculto? E todavia era nessa hora que a civilisação o podia tomar, era nesses momentos que o encontrava acessível. Se os altos espiritos, se os que se alcunham de progressistas — unicamente por asseverarem que o mundo caminha sem pensarem em impelil-o — vizitassem o povo, o enorme desconhecido; se não desdenhassem auscultal-o, seria então que o encontrariam docil, curioso, predisposto para o ensino.

A par da escola era util e absolutamente necessaria a prelecção. A escola para a criança, a prelec-

ção para o adulto. Ensaia-se já este meio nos grandes centros de população, e alli é menos necessaria porque a maioria é menos crua.

Aos infieis, senhor, aos infieis, como se dizia do celebrado milagre de Ourique. Para as aldeias, para as aldeias, para o sertão continental da nossa ignorancia!

A palavra fallada tem mais encanto do que a palavra lida, e para principiar a desbravar seria d'um auxilio immenso.

A casa espaçosa, ventilada, limpa e franca, e um homem intelligente, agradável, instruido, explicando os deveres do homem, os direitos do cidadão, as obrigações e necessidades do individuo, eis a primeira condição do apostolado moderno. Tornando-se pequeno com os pequenos, desfazendo preconceitos, derrocando superstições, implantando idéas, distribuindo livros, fazendo leituras publicas pausadas e claras; depois, com o livro na mão, explicando, corroborando, apontando exemplos; um dia fallando dos deveres do homem para com o homem, outro dos homens para com Deus; agora explicando aos que lutam com a terra os mil segredos d'ella, logo fazendo comprehender os innumerables phenomenos quotidianos que se produzem em volta de nós e que passam despercebidos á ignorancia e á rotina; depois de tudo desfazer invejas, sanar feridas, amaciar corações; pôr finalmente um grupo de homens emparedados na mais mesquinha das nossas aldeias á altura de fraternisarem e conviverem pelo espirito com os povos de todas as nações cultas, fazendo-lhes conhecer os principaes systemas de governação e os direitos e deveres que cada um d'esses systemas garante, contar-lhes a largos traços a historia da humanidade, não como uma simples successão de factos mais ou menos curiosos, mas como a evolução constante de todas as forças organicas da nossa especie para a conquista da verdade e da justiça. Encher estas almas de responsabilidade, derramando-lhes toda a luz que ellas comportarem, não para tornar de cada homem um sabio, mas um cidadão. Trabalhar para conseguir não que todos vejam tudo, mas que todos saibam apreciar tudo aquillo que tenham de ver. Dotar cada homem com o conhecimento da dignidade propria. Espiritos livres em corpos livres. Estabelecer em bases solidas o respeito á virtude, o respeito á intelligencia, o respeito á propriedade, o respeito ao dever, o respeito á liberdade. Ensinar que a egualdade não é a egualdade de posições, de haveres ou de capacidades, porque nesse caso a egualdade era synonymo de monstruosidade; mas que a egualdade consiste em que o que trabalha nos alicerces do edificio moral e o que colloca a pedra da cimalha devem ser, cada um na sua tarefa, igualmente dextros, igualmente habeis, igualmente justos, eis a grande tarefa dos homens que se sentem cheios das grandes responsabilidades que lhes impõe a civilisação.

JULIA FERREIRA.

ESTUDOS POPULARES DE HYGIENE PUBLICA

A emigração para o Brasil

(Conclusão)

As mulheres... Também emigram mulheres para o Brasil, e faz-se com ellas, no ultimo quartel do nosso seculo, um commercio tão vergonhoso e tão immoral, que só pôde conceber-se, pensando em que ahí a influencia da escravatura introduziu e arreigou habitos, que serão o estigma indelevel de um povo, que se diz culto. Estas desgraçadas, pela maior parte açorianas, ou são directamente absorvidas pelos lupanares, ou enviadas para os fazendeiros do interior, os quaes as abandonam para as substituir por outras. Nos ultimos dez annos emigraram pela barra do Porto mais de quatro mil mulheres. Que se medite um pouco não só no abaixamento do nivel moral, a que o desejo de tentar fortuna por este meio leva o sexo feminino, e nas tristes consequencias do exemplo, que facilmente se propaga, mas também nas faculdades productoras que se esterelisaram, porque as emigrantes ficam inteiramente perdidas para a patria, e calcular-se ha a enorme pendente por onde descahe a saude e a robustez dos habitantes d'este pequeno tracto da península.

Dos menores podem fazer-se duas classes. Uns vão recommendados e dirigidos, e empregam-se no commercio. Não ficam por isso menos sujeitos que outras classes de emigrantes ás influencias do meio, mas voltam quasi sempre ricos, e ainda novos; a emigração imprimiu todavia sobre elle o seu cunho fatal. Os outros, a maior parte, sumiram-se nos beccos e viellas do Rio de Janeiro, nos esgotos humanos da grande cidade americana.

Todos estes factos prestavam-se a calculos estatisticos interessantes. Por agora basta dizer-se que nos ultimos dez annos tem abandonado a patria mais de cem mil colonos. Por aqui se pôde ver que a transusão dos elementos mais vitaes do paiz no sólo americano ha de depauperar a nossa raça; e como nenhum elemento novo vem compensar os prejuizos soffridos, poderemos affirmar que, continuando a emigração, Portugal desapparecerá, como nação, e como raça, em um futuro mais ou menos remoto.

Não se pense que exaggeramos. Se a natureza d'este trabalho permittisse largos desenvolvimentos, e podessemos por isso estudar, uma a uma, as acções nocivas, que cercam o emigrado na America, e o influxo de cada uma d'ellas sobre a raça portugueza, a verdade, que acima esboçámos, seria vista em maior nudez, e com mais repulsão. Infelizmente, para tentarmos esse trabalho, como cumpria, faltam certos documentos officiaes insubstituiveis. Além dos relativos ás entradas e sahidas dos colonos, sua idade, pro-

fissão, estado, etc., fazia-se mister que elles fossem vigiados medicamente desde a partida até muito depois do regresso. Isto só podia alcançar-se, montando em vasta escala repartições especiaes; ora sabe-se como estamos longe da perfeição a este respeito.

Ainda assim a carencia de meios para conhecer com exactidão o perigo que nos ameaça, nem por isso o escurece ou minora. Sem elles temos apenas a vantagem de não saber precisamente como e quando morrerá na Europa o ultimo portuguez. Soberba consolação!

Examinadas as cousas sob o seu melhor aspecto, e supposto por consequencia que, pelo que toca ás condições de vida, o colono só muda de residencia, que poderá esperar-se do homem, a quem a febre do ouro faz esquecer de tudo quanto o prende ao sólo, que vae viver durante annos, como parasyta, com uma sociedade corrupta, como o são fatalmente todas as que só entretêm e excitam as preoccupações do dinheiro? Que pôde esperar-se d'aquelles, cujo unico feito, durante annos, vae ser o de explorar por todas as fórmulas o meio que o recebe? Poderíamos responder com factos eloquentes a estas interrogações.

O descenso da moralidade é pois uma tristissima consequencia da emigração. D'ahi deriva a desorganisação da familia, isto é, o augmento das exposições de creanças, do infanticidio, da prostituição, do jogo, do luxo, do alcoolismo, da miseria publica emfim, sob todas as suas fórmulas.

Estes escuros toques são relevados ainda por mais considerações. O Brasil absorve-nos todas as faculdades intellectuaes effectivas: os nossos industriaes, os nossos actores, os escriptores, os guarda-livros, os pintores, os engenheiros, os medicos, tudo o que ha verdadeiramente valioso nesta boa terra, tudo se abysma nessa extensissima região americana.

Deve, portanto, combater-se a emigração a todo o transe, que não é determinada por nenhuma acção fatal,—o amontoamento da população, a pobreza da terra, a concentração da propriedade, e extensão do pauperismo, a guerra intestina ou limitrophe, a falta de cultura intellectual, de liberdade politica. Nós não emigrariamos, se o Brasil não fallasse o portuguez, e se poetas, por indole, nos não illudisse a falaz e fascinadora miragem, que se desenha além-mar, no magestoso paiz das florestas.

AUGUSTO ROCHA.

IMPROVISO

Quando em janeiro de 1865 alguns jornaes portuguezes publicaram a celebre encyclica pontificia, que anathematiza todo o movimento philosophico e scientifico contemporaneo, Guilherme Braga, a organisação mais eminentemente poetica que tem apparecido em Portugal ha muitos annos, escreveu no *Café Portuense*, a lapis, na margem d'um jornal, que reproduzia aquelle documento da intolerancia papal, o seguinte improviso:

Por isso mesmo que os applaude o Papa,
Eu nunca me fei nesses livrinhos
Que escreve um homem de sotaina e capa,
Porque a c'rôa de Christo era de espinhos
E do Papa o diadema panteagudo
É forrada de seda ou de velludo.

ALEXANDRE HERCULANO E AS MISSAS POR SUA ALMA

A secção de archeologia do Instituto de Coimbra mandou celebrar no dia 8 do mez passado no templo de Santa Cruz uma missa por alma de Alexandre Herculano. E' digna de louvor de todas as almas tementes a Deus esta doce piedade catholica da parte da archeologia para com a memoria d'um homem, que tem o seu nome preso á expulsão do milagre dos estudos historicos em Portugal, e que mereceu por isso e pela publicação da sua Historia do Estabelecimento da Inquisição os raios theatraes do Vaticano, figurando gloriosamente no *Index* como um dos escriptores mais damninhos... á Igreja.

Não percebemos que beneficios espirituaes póde receber com as missas, mesmo archeologicas, uma alma excommungada. Poderá a secção de archeologia do Instituto tirar-nos d'esta confusão de idéas? E' certo que estão em moda as missas por alma de Ale-

xandre Herculano, porque o publico portuguez só conhece duas fórmas de manifestação solemne dos seus sentimentos: a missa, para os casos tristes, e o foguete para os casos alegres.

Quererá, porém, a secção de archeologia do Instituto da Universidade de Coimbra equiparar-se em responsabilidade philosophica e scientifica com o pasado corpo commercial do Porto?

Andamos sequiosos de verdade e de seriedade, e não é por certo por estes caminhos suspeitos d'um mysticismo convencional e incongruente, que os corpos scientificos, as grandes auctoridades espirituaes do mundo moderno, hão de chegar á investidura do alto sacerdocio social que lhes está commettido.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

REALISTAS E ROMANTICOS

ESTUDO LITTERARIO A PROPOSITO DA—COMEDIA DO CAMPO, SCENAS DO MINHO, volume 2.^o—AMOR DIVINO, (*Estudo pathologico d'uma santa*) por Bento Moreno.

(Conclusão)

Declarámos, na introducção a este jornal, que não temos exclusivismos intolerantes de escola, nem rancores obscuros de seita litteraria. Faremos novamente esta declaração, porque ha por ahi muito quem não conceda a salvação senão aos fanaticos da propria religião.

Esse espirito de intolerancia litteraria póde ás vezes servir a inspiração artistica, mas é sempre prejudicial á imparcialidade da critica. Camillo Castel-

lo-Branco é para nós um dos primeiros romancistas da Europa contemporanea. Não conhecemos em nação nenhuma individualidade litteraria mais original, mais profundamente accentuada, escriptor mais correcto, phantasia mais finamente engraçada, espirito mais vivo e sarcastico. Camillo Castello-Branco seria menos assombroso se tivesse sido educado intellectualmente na moderna escola positiva de philosophia artistica. Assim, alimentado pelo velho espiritualismo moribundo e esteril, é verdadeiramente prodigioso pela vitalidade, pela comprehensão instinctiva dos destinos da arte moderna, pela scintillação do estylo, pela impetuosidade, pela fria dissecção anatomica d'uma individualidade ou de uma situação. Camillo Castello-Branco tem personagens, cuja criação Balsac invejaria e que Flaubert, Alphonse Daudet, Cherbuliez, Droz e Zola não seriam capazes de reproduzir

mais vivos nem com mais relevo. E' um estudo por fazer a critica do grande trabalho litterario, um verdadeiro trabalho de Hercules, dos romances de Camillo Castello-Branco, ao qual ha de acontecer-lhe o que aconteceu a Balsac. Do seu tumulo é que ha de surgir, assombrosa e immensa, a sua grande figura immortal de um dos escriptores mais originaes da litteratura europêa contemporanea.

Os formosos trabalhos do sr. Eça de Queiroz e Bento Moreno, á parte a consciencia do ponto de vista da arte moderna e de systematisação positivista, tem pois, para nós, gloriosos precedentes na litteratura nacional.

E nem podia deixar de ser assim, sendo a litteratura, como já tivemos occasião de o afirmar, uma das manifestações do espirito em que o principio da evolução mais claramente se manifesta.

O *Amor divino* é, no genero e sob o ponto de vista da systematisação positiva, o trabalho mais completo que se tem escripto em Portugal. Por isso passou ignorado e desaplaudido, porque marca um periodo de evolução intellectual, a que ainda não chegou o nosso publico, educado na metaphysica sentimental de um espiritualismo milagreiro. Aquelles processos de analyse pycologica, aquella fria e impessoal observação dos factos, aquella ausencia de declamação sentimental e de espirito de partido num drama, em que se vê uma mulher alegre, robusta e admiravelmente constituída para as grandes lutas da vida prática, caminhar rapidamente para a sepultura pela mão do fanatismo religioso mais asiatico e bestial, passa despercebido á maioria dos leitores, que não comprehendem o valor artistico e a intenção positivista de taes processos de analyse.

O *Amor divino* é precedido pela seguinte epigraphe, que resume admiravelmente toda a intenção social da obra: *La passion la plus excitante sur le système nerveux vaso-moteur et la plus déprimante sur les fonctions nutritives c'est l'amour, et sur tout l'amour divin.* (DR. CHARBONNIER—DEBATTY—*Maladies et facultés diverses des mystiques*).

Poderiam tambem servir de prologo ao bello livro do sr. Bento Moreno as seguintes palavras d'um livro notavel: *En résumé je me suis efforcé dans ces recherches, qui n'ont d'autres visées que de faire pénétrer les données de la physiologie contemporaine dans le domaine impénétré jusqu'ici de la psychologie spéculative, de montrer que les actes les plus complexes de d'activité psycho-intellectuelle se resolaient tous, en définitive, par l'analyse en véritables processus réguliers de l'activité nerveuse;—qu'ils obéissaient à des lois d'évolution régulière;—qu'ils étaient susceptibles, comme tous leurs congénères de l'organisme, d'être interrompus ou troublés dans leurs manifestations par des dislocations survenues dans l'intimité du substratum organique qui les supporte; et qu'en un mot—il y avait dès maintenant une véritable physiologie du cerveau, aussi légitimement assise, aussi légitimement constituée que celle du cœur, du poumon et du système musculaire.* (Le cerveau et ses fonctions, par J. LUYS—pag. X).

É este fecundissimo ponto de vista da physiologia contemporanea e da philosophia positiva que o sr. Bento Moreno tentou systematisar numa obra d'arte. E conseguiu-o, porque dispunha para isso d'um grande sentimento dos destinos da arte moderna e de uma forte educação scientifica, adquirida pelo estudo da medicina. A medicina é com effeito a mais completa educação intellectual que se está dando actualmente neste paiz e a que melhor prepara o espirito para a alta comprehensão da vida e por tanto da arte. Littré, o mais sabedor e o mais austero apostolo da philosophia positiva, é medico, como Flaubert, o primeiro dos romancistas francezes contemporaneos. E é ao corpo medico francez, a mais sabia corporação do mundo, que a Europa e o mundo estão devendo a grande reforma intellectual e scientifica, por que está passando a gloriosa e immortal raça aryana.

O livro do sr. Bento Moreno ha de ser comprehendido mais tarde, quando o publico portuguez chegar a distinguir as ineptias de Mañoco da sciencia do sr. Curry Cabral e os devaneios da sr.^a Guiomar Torresão da critica litteraria do sr. Theophilo Braga.

Falta-nos absolutamente o espaço para darmos conta minuciosa de todas as publicações que temos recebido ultimamente. Limitamo-nos portanto a agradecer as seguintes:

—*Revue Geographique internationale*—journal mensuel illustré des sciences géographiques—Bureaux—37 rue Scheffer—37—Trocadero.—Cada numero d'esta interessante revista é acompanhado de magnificas cartas originaes coloridas, e redigido com uma illustração e competencia, que tornam esta publicação uma das melhores no genero que se publicam actualmente em França.

—*Cadiz*, revista de artes, letras e sciencias—directora-proprietaria—Patrocínio de Biedma—Anno 1.^o—n.^o 23.—Esta revista, que, como o titulo o indica, se publica em Cadiz e da qual é directora a sr.^a Patrocínio de Biedma, uma das senhoras mais intelligentes da Hespanha actual, é collaborada pelos melhores escriptores hespanhoes.

—*O Ensino*, jornal do Collegio Portuense, dedicado aos paes—director e proprietario P. J. Alves Ferreira.—Tinhamos sinceros desejos de dar ácerca d'esta excellente publicação noticia mais desenvolvida e mais digna d'ella. Limitamo-nos, por falta de espaço, a recomendar a sua leitura como a de um dos melhores jornaes do paiz.

—*Revista litteraria do Porto*, publicação semanal.—Anno 1.^o, n.^o 22.—São conhecidos os créditos litterarios de que goza esta revista, que soube, pelo talento dos seus collaboradores e pela boa critica dos seus redactores, sair da esteira de banalidades lyricas em que navega a maioria das publicações d'este genero em Portugal.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

N.º 12

DEZEMBRO—1877



A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

SUMMARIO

- | | |
|---|---|
| I LITTERATURA DOS GONTOS POPULARES PORTUGUEZES, (conclusão) por Theophilo Braga. | ção para o Brazil, (conclusão), por Augusto Rocha. |
| II HOJE E AMANHÃ; <i>previsões e prevenções sobre a questão social</i> (continuação), por Julia Ferreira. | IV IMPROVISO. |
| III ESTUDOS POPULARES DE HYGIENE PUBLICA; <i>a emigração</i> | V ALEXANDRE HERCULANO E AS MISSAS POR SUA ALMA, por Alexandre da Conceição. |
| | VI PUBLICAÇÕES, por Alexandre da Conceição. |

COIMBRA
IMPRESA ACADEMICA
1877

N.º 12

DECEMBRO 1933

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZINAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISACAO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEICAO

SUMARIO

- I LITTERATURA DE COSTAS PORTUGUEZAS (continuado)
- II HONORABILIDADE E VULGARISACAO (continuado)
- III LITTERATURA PORTUGUEZA DE HONORABILIDADE (continuado)

COIMBRA
IMPRESA ACADEMICA
1933

MENSAL

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

PRIMEIRO ANO DE 1842

PUBLICAÇÃO MENSAL E ILUSTRADA

DIRECTOR M. DA SILVA ALCOFORADO

EM PORTUGAL

(Para subscrever, ou depois da publicação de cada número)

EM PORTUGAL

1842

For sale

NO BRASIL

1842

For sale

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

A REVISTA DAS ARTES E LETRAS

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

REVISTA DAS ARTES E LETRAS

MUSEU TECHNOLOGICO

REVISTA DAS INDUSTRIAS PORTUGUEZAS E ESTRANGEIRAS

E DOS

PRINCIPIOS SCIENTIFICOS EM QUE AS MESMAS SE FUNDAM

PUBLICAÇÃO MENSAL E ILLUSTRADA

DIRECTOR—M. DA MAIA ALCOFORADO

PREGO DE ASSIGNATURA

(Paga adiantadamente ou depois da publicação de cada numero)

EM PORTUGAL

Por seis mezes	1\$000 reis
Cada numero de 16 pag. a duas col.	200 »

NO BRAZIL

Por seis mezes	2\$000 reis
Cada numero de 16 pag. a duas col.	400 »

Assigua-se nas principaes livrarias do reino.

ESTUDOS JURIDICOS

ÁCERCA DO PROJECTO DO CODIGO DE PROCESSO CRIMINAL

DO

CONSELHEIRO JOSÉ DA CUNHA NAVARRO DE PAIVA

POR

Francisco José Medeiros

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA

E A

PROPOSTA DE LEI ÁCERCA DO BANCO DE PORTUGAL

POR

J. J. RODRIGUES DE FREITAS



ALVORADAS

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

2.ª EDIÇÃO, MUITO AUMENTADA

PREÇO 100 REIS

Publicado em 1914, este livro tornou-se um clássico da literatura brasileira.

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZANA DE ESTUDIOS DE ECONOMIA E DE TECNICAS VARIAS

REDACTOR - ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

PREÇOS DE ASSIGNATURA

ANUAL 1000 REIS

EM COLETA

PROVINCIAS



ALVORADAS

POR

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

2.^a EDIÇÃO, MUITO AUGMENTADA

PREÇO 400 RÉIS

A' venda nas principaes livrarias de Coimbra e do Porto, e em casa do auctor.—Coimbra.

A EVOLUÇÃO

REVISTA QUINZENAL DE LITTERATURA, DE CRITICA E DE VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

REDACTOR—ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

PREÇOS DE ASSIGNATURA

PAGA ADIANTADAMENTE

EM COIMBRA

Por um mez.	300 réis
Por tres mezes.	360 „
Por seis mezes.	720 „

PROVINCIAS

Por tres mezes.	400 réis
Por seis mezes.	800 „

